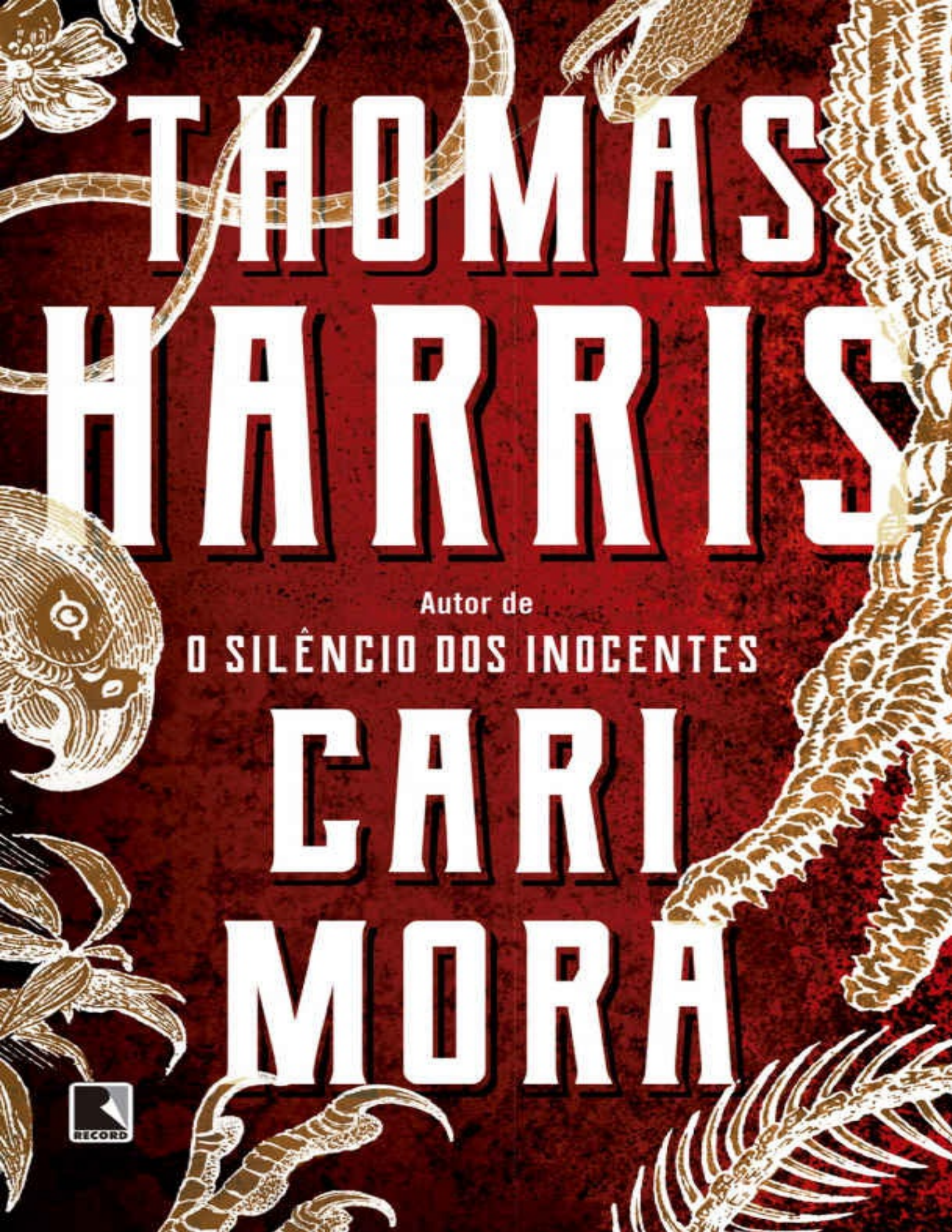

THOMAS
HARRIS
Autor de
O SILÊNCIO DOS INOCENTES
CARI
MORA
RECORD

OBRAS DO AUTOR PUBLICADAS PELA EDITORA RECORD

Dragão vermelho
O silêncio dos inocentes
Hannibal
Hannibal, a origem do mal
Cari Mora

THOMAS HARRIS

CARI MORA

Tradução de
Clóvis Marques

1ª edição

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2019

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H26c
Harris, Thomas, 1940-
Cari Mora / Thomas Harris; tradução de Clóvis Marques. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019.
Tradução de: Cari Mora
ISBN 978-85-011-1814-1
1. Ficção americana. I. Marques, Clóvis. II. Título.
19-59193

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

TÍTULO ORIGINAL:
CARI MORA

Copyright © 2019 by Thomas Harris

Publicado mediante acordo com Grand Central Publishing, Nova York, Nova York, EUA.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-011-1814-1



Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para Elizabeth Pace Barnes, que me dá amor e me empresta sabedoria.

Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26

Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43

1

Dois homens falam no meio da noite. Estão separados por mil e setecentos quilômetros. Um celular ilumina um lado de cada um dos rostos. Duas metades de rosto conversam na escuridão.

— Eu já sei onde fica a casa que você me disse. Me conta o resto, Jesús.

A resposta vem fraca em meio a estalos de estática.

— Você pagou um quarto do prometido. — *Fsss-fsss*. — Manda o resto do dinheiro. Manda pra mim. — *Fsss-fsss*.

— Jesús, se eu encontrar o que preciso sem a sua ajuda, você nunca mais vai ver a cor do meu dinheiro.

— Você está mais certo do que imagina. Mais certo do que nunca. — *Fsss-fsss*. — O que você quer está em cima de quinze quilos de Semtex... Se encontrar sem a minha ajuda, vai ter pedacinhos seus esparramados até na lua.

— Meu braço é bem longo, Jesús.

— Mas não chega da lua até aqui, Hans-Pedro.

— Meu nome é Hans-*Peter*, como você sabe muito bem.

— Você está dizendo que conseguiria botar a mão no seu *peter* se o braço chegasse lá? É isso? Eu não quero saber das suas intimidades. Para de enrolar. Manda o dinheiro.

A ligação cai. Os dois homens encaram a escuridão.

Hans-Peter Schneider está numa cama a bordo do seu longo barco preto na costa de Key Largo. Ouve uma mulher aos prantos na cama nos fundos da proa. Ele imita o choro dela. Hans-Peter é muito bom em imitações. Da sua boca sai a voz da própria mãe chamando pelo nome da mulher que chora.

— Karla? Karla? Por que você está chorando, minha menina? É só um sonho.

Desesperada no escuro, a mulher é iludida por um instante, então o pranto amargo surge outra vez.

O choro de uma mulher é música para os ouvidos de Hans-Peter; o som o conforta e ele volta a dormir.

Em Barranquilla, Colômbia, Jesús Villarreal se deixa acalmar com o silvo cadenciado do

respirador. Ele inala um pouco de oxigênio da máscara. Na escuridão em que estão mergulhados, ouve um paciente na enfermaria, um homem clamando pela ajuda de Deus, gritando "Jesus!".

Jesús Villarreal sussurra no escuro:

— Espero que Deus te ouça tão bem quanto eu, meu amigo. Mas tenho lá minhas dúvidas.

Jesús Villarreal busca informação no celular descartável e consegue o telefone de uma academia de dança em Barranquilla. Ele põe a máscara de oxigênio de lado para falar.

— Não, eu não estou interessado em aprender a dançar — diz ao telefone. — Nada de dança para mim. Eu quero falar com Don Ernesto. Sim, você conhece ele. Diz o meu nome para ele, ele vai saber. — *Fsss-fsss*.

2

O barco de Hans-Peter Schneider passa lentamente em frente à mansão na baía de Biscayne, a água se agitando ao longo do casco preto.

Pelo binóculo, ele observou Cari Mora, 25 anos, se espreguiçando no terraço de calça de pijama e camiseta regata nas primeiras luzes da manhã.

— Meu Deus — disse ele. Os caninos de Hans-Peter são bem longos, e dá para ver as obturações de prata quando ele sorri.

Hans-Peter é alto e pálido, completamente sem pelos. Sem os cílios, as pálpebras borravam o vidro do binóculo. Ele limpou as lentes com um lenço de linho.

Felix, o agente imobiliário, estava atrás dele no barco.

— É ela. A caseira — avisou Felix. — Ela conhece a casa melhor do que ninguém, ela consegue fazer alguns reparos. Você aprende os segredos da casa com ela e eu coloco ela na rua antes que veja coisas que não deveria ver. Ela pode fazer você economizar um tempo.

— Tempo — disse Hans-Peter. — Tempo. Quanto tempo até conseguir a autorização?

— O atual inquilino está gravando uns comerciais. A autorização dele ainda é válida por mais duas semanas.

— Felix, eu quero que você me dê uma chave dessa casa. — Hans-Peter fala inglês com sotaque alemão. — Eu quero a chave hoje.

— Se você entrar lá com a minha chave e acontecer alguma coisa, eles vão saber que fui eu. Tipo O. J. Simpson: você usa a minha chave e eles vão saber que fui eu. — Felix dá uma risada. — Presta atenção, por favor, eu vou falar com o locatário hoje mesmo, pedir que autorize a sua entrada. Você precisa ver a casa de dia, com gente lá dentro. Mas saiba que aquele lugar é esquisito pra caralho. Foram quatro caseiros até eu conseguir essa. A única que não ficou com medo.

— Felix, fala com esse cara, oferece dinheiro para ele. Até dez mil dólares. Mas me dá essa chave agora mesmo ou daqui a cinco minutos vão encontrar o seu corpo boiando em algum lugar.

— Se você machucar aquela piranha, ela não vai poder te ajudar — avisou Felix. — Ela dorme na casa. Tem que dormir por causa do seguro contra incêndio. Às vezes ela

trabalha em outros lugares de dia. Espera e entra lá de dia.

— Eu vou só dar uma olhada. Ela nem vai saber que eu entrei.

Hans-Peter estudou bem Cari pelo binóculo. Ela estava na ponta dos pés enchendo um comedouro de passarinhos. Seria um desperdício não aproveitá-la. Com aquelas cicatrizes interessantes, podia conseguir uma bolada por ela. Talvez cem mil dólares — 35.433.184 ouguiyas mauritanas — do Clube de Cotos da Gruta de Acroto, em Nouakchott. Isso com todos os quatro membros e sem tatuagem. Se precisasse customizá-la, contando o tempo de espera, seria ainda mais. Cento e cinquenta mil dólares. Um trocado. Naquela casa deve ter algo entre vinte e cinco e trinta milhões de dólares.

No jasmim-manga ao lado do terraço, um sabiá chilreou um canto que aprendeu na floresta nublada da Colômbia e trouxe para Miami Beach.

Cari Mora identificou o chilreio característico de um solitário-andino que vivia a dois mil e quinhentos quilômetros de distância. O sabiá cantava com bastante entusiasmo. Cari sorriu e parou para ouvir mais uma vez o canto da sua infância. Ela assobiou para o pássaro. Ele respondeu. Ela entrou na casa.

No barco, Hans-Peter estendeu a mão à espera da chave. Felix a botou em sua palma sem tocá-lo.

— As portas têm alarme — explicou Felix. — Mas a porta do solário está com defeito, a gente ainda não conseguiu as peças que faltam. É o solário na parte sul da casa. Você tem algumas gazuas aí? Pelo amor de Deus, arranha bem os pinos das fechaduras antes de usar a minha chave e deixa uma gazua na escada, caso haja algum imprevisto.

— Vou fazer isso por você, Felix.

— Essa não é uma boa ideia — comentou Felix. — Se você fizer alguma besteira com a garota, não vai descobrir mais nada.

Em seu carro, na marina, Felix levantou o forro da mala para pegar o celular descartável, jogado junto com o macaco e as ferramentas. Ele digitou o número de uma academia de dança em Barranquilla, Colômbia.

— Não, *señor* — disse, sussurrando, embora estivesse ao ar livre. — Já enrolei para liberar a autorização o máximo que pude. Ele tem um advogado para essas coisas, vai acabar descobrindo o que eu fiz. Tudo que ele vai ter é a casa. Mais nada. Ele não sabe nada além do que a gente já sabe... Sim, eu já recebi o depósito. Obrigado, *señor*, pode contar comigo.

3

Cari Mora tinha vários empregos. Seu preferido era o da Estação de Aves Marinhas de Pelican Harbor, onde veterinários e voluntários trabalham para reabilitar pássaros e pequenos animais. Ela fazia a manutenção da sala de tratamento e esterilizava os instrumentos no fim do dia. De vez em quando, com a prima, fornecia as refeições para as excursões de barco da estação.

Cari sempre chegava cedo na esperança de ter alguma oportunidade de trabalhar com os animais. A estação fornecia uniforme cirúrgico, e ela gostava de usá-lo, porque fazia com que se sentisse uma médica.

Os veterinários já confiavam em Cari, ela era cuidadosa e hábil com os pássaros, e hoje, sob a supervisão do dr. Blanco, ela fez os pontos no saco gular de um pelicano branco ferido por um anzol. Costurar essa bolsa é um trabalho bastante delicado, que deve ser feito em camadas, cada uma delas costurada separadamente, enquanto o pássaro está sob efeito de anestesia inalatória.

Era um emprego tranquilo, que a deixava absorta. Bem diferente das suas experiências na infância, quando fechava feridas de soldados no campo com uma rápida sutura ou um torniquete ou um poncho, para cobrir um ferimento penetrante no tórax, ou então fazendo pressão com a mão enquanto abria uma atadura com o dente.

Ao fim do dia, o pelicano dormia numa gaiola de recuperação e o dr. Blanco e os outros tinham voltado para casa.

Cari tirou um rato orgânico do congelador para descongelar enquanto arrumava a sala de tratamento e trocava a água das gaiolas.

Quando concluiu a arrumação e esterilizou os instrumentos, pegou um refrigerante de tamarindo e levou o rato descongelado para as gaiolas.

O corujão-orelhudo estava num poleiro no alto da gaiola. Através da grade, ela depositou a carcaça do rato numa prateleira estreita. Fechou os olhos e tentou ouvir a coruja se aproximando antes de sentir o vento das suas enormes asas batendo. Sem pousar, o pássaro pegou a presa com uma das garras em forma de X e voltou em silêncio para o poleiro, onde escancarou o bico e a garganta de maneira assustadora e devorou o rato de uma só vez.

O corujão-orelhudo era um morador permanente da Estação de Aves Marinhas. Ele

jamais poderia ser libertado, porque havia perdido um dos olhos num acidente com um cabo de energia e não era capaz de caçar, embora voasse perfeitamente. A coruja era uma visitante recorrente nas aulas sobre natureza nas escolas da cidade, onde aturava o escrutínio de centenas de crianças, às vezes fechando o único grande olho e tirando uma soneca durante as palestras.

Cari se sentou no seu balde emborcado com as costas no arame, observada pelo atobá que se recuperava, do outro lado, de um ferimento entre as garras. Ela havia costurado a ferida com uma sutura firme que os veterinários lhe ensinaram.

Na marina próxima dali, as luzes das embarcações começavam a ser acesas e casais cozinhavam nas cozinhas a bordo.

Caridad Mora, filha da guerra, queria ser veterinária. Vivera nove anos nos Estados Unidos com a incerteza de um status de proteção temporária que podia ser revogado a qualquer momento num desses acessos de raiva imprevisíveis do azedo momento político atual.

Antes de fecharem o cerco em torno da imigração, ela conseguira o diploma de equivalência do ensino médio, mesmo sem tê-lo concluído. E providenciou discretamente uma licença de trabalho como auxiliar de enfermagem em domicílio, graças a um breve curso de seis semanas, além da sua considerável experiência de vida. Porém, para dar continuidade aos estudos, precisaria estar numa situação legal melhor. O *migra* — o Serviço de Imigração e Controle Alfandegário, também chamado de ICE — estava sempre de olho.

No breve crepúsculo tropical, ela pegou o ônibus para voltar à mansão na baía. Já estava anoitecendo quando chegou, a silhueta das palmeiras contra o que restava de luz.

Ela se sentou um tempinho perto da água. O vento na baía estava repleto de fantasmas essa noite — rapazes, moças e crianças que viveram ou morreram nos seus braços, enquanto ela tentava estancar o sangramento das feridas, que lutaram para respirar e conseguiram sobreviver ou que estremeceram e se entregaram à morte.

Em outras noites, o vento vinha suavemente, como a lembrança de um beijo, cílios acariciando seu rosto, uma doce respiração no pescoço.

Às vezes deste jeito, às vezes do outro, mas o vento sempre presente.

Cari ficou sentada do lado de fora ouvindo os sapos, os lótus com seus múltiplos olhos observando-a. Olhava para a entrada da casinhola de coruja que havia feito com um caixote de madeira. O rosto dela ainda não tinha aparecido. Rãs-arborícolas espiavam.

Assobiou o canto do solitário-andino. Nenhum pássaro respondeu. Ela se sentia meio vazia ao entrar na casa, nessa hora difícil do dia em que se come sozinho.

A casa pertencera a Pablo Escobar, que, no entanto, jamais havia morado lá. Aqueles que o conheciam achavam que ele a comprara para ser usada pela família caso fosse extraditado para os Estados Unidos.

Desde a morte de Escobar, a casa alternara entre períodos em situação regular e irregular. Ao longo dos anos a mansão foi propriedade de uma série de playboys, loucos e especuladores imobiliários — gente inconsequente que a comprava em leilões judiciais e a mantinha por um tempo conforme suas sortes oscilavam. A casa ainda

estava apinhada das bobagens que entulharam nela: objetos cenográficos, manequins de monstros, todos eles tentando pegar ou se lançar sobre alguém. Havia manequins de moda, cartazes de filmes, jukeboxes, objetos cenográficos de filmes de terror, mobiliário erótico. Na sala de estar, uma das primeiras cadeiras elétricas de Sing Sing, que matara apenas três detentos, com a amperagem ajustada pela última vez pelo próprio Thomas Edison.

Uma sucessão de luzes acesas e apagadas pela casa enquanto Cari passava por manequins, monstros cenográficos prontos para dar o bote e a Mãe Alien do planeta Zorn, com seus cinco metros de altura, para chegar ao seu quarto, no segundo andar. Uma última luz, já no seu quarto, se apagou.

4

Com a chave de Felix em mãos, Hans-Peter Schneider podia fazer o que estava louco para fazer: entrar furtivamente na casa em Miami Beach. Ele ia se esgueirar pela mansão enquanto aquela garota atraente, Cari Mora, estivesse dormindo lá em cima.

Hans-Peter estava nos seus aposentos num depósito sem numeração na baía de Biscayne, perto do velho Thunderboat Alley, no norte de Miami Beach, seu barco preto atracado no ancoradouro ao lado. Estava nu, sentado num banco no meio do boxe do banheiro enquanto era atingido pela água que vinha de todas as direções saindo dos vários bocais espalhados pelas paredes. E cantava com seu sotaque alemão:

— *... just singing in the rain. What a glorious feeling, I am haaaappy again.*

Via o próprio reflexo na lateral de vidro da máquina de cremação líquida em que dissolvia Karla, uma garota que não tinha servido para o negócio.

No vapor crescente, a imagem de Hans-Peter no vidro parecia um daguerreótipo. Ele assumiu a pose de *O Pensador*, de Rodin, e ficou se observando pelo canto do olho. Um leve cheiro de lixívia veio junto com o vapor.

Era interessante se ver como *O Pensador* refletido no vidro enquanto do outro lado, no tanque, os ossos de Karla começavam a se projetar da pasta em que a mistura corrosiva de água de lixívia transformara os restos dela. A máquina se sacudia, agitando o fluido de um lado para o outro, então ela soltou um arroto e começaram a sair bolhas.

Hans-Peter tinha bastante orgulho da sua máquina de cremação líquida. Havia pago uma fortuna por ela, pois a cremação líquida estava causando furor entre entusiastas de soluções ecologicamente corretas, preocupados em evitar a emissão de carbono da cremação tradicional. O método líquido não deixava traços de carbono nem de nada. Se uma garota não desse certo, Hans-Peter podia jogá-la liquefeita no vaso e dar descarga — e sem danos para o lençol freático. Gostava de trabalhar cantando:

"Chame Hans-Peter, ele vai ajudá-lo, e os seus problemas vão todos pelo ralo! Hans-Peter!"

Karla não havia sido um desperdício completo — ele se divertiu um pouco e, além disso, conseguiu vender os dois rins.

Hans-Peter sentia o calor agradável da máquina de cremação se irradiando pelo

boxe, embora mantivesse a temperatura da água de lixívia em apenas setenta graus para prolongar o processo. Estava gostando de ver o esqueleto de Karla surgindo lentamente da carne, e, como um réptil, se sentia atraído pelo calor.

Decidia o que vestir para invadir a casa. Tinha acabado de roubar um collant de látex numa convenção de cosplayers e estava louco por ele, mas a roupa rangia com a fricção das coxas. Não. Alguma coisa preta e confortável sem nenhum fecho de velcro para fazer barulho, caso precisasse tirar a roupa enquanto estivesse olhando para Cari Mora adormecida. E outra muda de roupas num saco plástico, caso se molhasse ou ficasse melecado, e um frasco de água sanitária para eliminar traços de DNA, se fosse o caso. Além do seu detector de obstáculos em paredes.

Ele cantou uma música em alemão, uma cantiga popular que Bach usou nas *Variações Goldberg*, chamada "Chucrute e beterrabas me fizeram ir embora".

Era bom ficar empolgado assim. Invadir um lugar. Se vingar de Pablo no seu sono infernal...

Hans-Peter Schneider estava na cerca viva ao lado da mansão à uma da manhã. Um luar reluzente, as sombras das palmeiras pretas feito sangue projetadas no chão. Quando o vento agita as folhagens, uma sombra no chão pode parecer a sombra de um homem. Hans-Peter esperou uma rajada de vento e avançou com as sombras pelo gramado.

A casa ainda irradiava o calor do dia. Parecia um enorme animal quente quando ele se aproximou. Hans-Peter se encostou numa parede lateral e sentiu o calor subir e descer pelo corpo. Sentia o luar, uma coceira no couro cabeludo. Pensou num canguru recém-nascido subindo pela barriga da mãe em direção à bolsa quente.

A casa estava escura. Não conseguia enxergar nada pelo vidro escurecido do solário. Algumas das venezianas de proteção contra furacões estavam baixadas. Hans-Peter enfiou uma gazua na fechadura e raspou os pinos duas vezes para arranhá-los.

Introduziu lentamente a chave de Felix. Sentiu um agradável arrepio. Encostar o corpo na casa quente e enfiar a chave na fechadura dava a Hans-Peter uma sensação de intimidade. Ouvia os pinos se encaixando na chave com uma série de cliques baixinhos, como os insetos conversando quando ele revisitou uma mulher que estava morta no mato fazia dias e se sentiu maravilhosamente aquecido — mais aquecido que a vida no calor dos montes de larvas.

A cabeça oval da chave estava agora encostada no espelho da fechadura. Encostada como ele estaria em Cari Mora se decidisse subir. Ficar grudado nela até que ela ficasse fria demais. Infelizmente, ela esfriaria mais rápido que a casa irradiando o calor do sol. No ar-condicionado, ela não ficaria quente por muito tempo, mesmo que ele puxasse os cobertores para se aninharem. Elas nunca continuavam quentes. Ficavam pegajosas tão rápido, ficavam frias tão rápido.

Não precisava decidir agora. Podia simplesmente seguir seu coração. Seria divertido ver se ele conseguiria *não* seguir o coração. Coração CABEÇA, cabeça CORAÇÃO, bum! Torcia para que ela cheirasse bem. *Chucrute e beterrabas me fizeram ir embora.*

Ele girou a maçaneta e a calafetagem sibilou quando empurrou a porta. O detector de obstáculos preso à ponta do sapato sinalizaria qualquer dispositivo de alarme por baixo

do carpete. Ele passou o pé por cima do piso do solário antes de jogar o peso do corpo. Então deu um passo, entrando na escuridão fria, afastando-se das sombras que se moviam no gramado e do calor da lua na cabeça.

Uma voz anasalada e um farfalhar num canto atrás dele.

— Que merda é essa, Carmen? — disse um pássaro.

Hans-Peter já empunhava a pistola, embora não se lembrasse de tê-la sacado. Ficou ali parado. O pássaro farfalhou de novo na gaiola, arrastou as garras para lá e para cá no poleiro e resmungou.

Silhuetas de manequins contra as janelas iluminadas pelo luar. Algum deles se mexeu? Hans-Peter avançou no meio dos manequins na escuridão. Uma mão de gesso estendida tocou nele ao passar por ela.

Está aqui. Está aqui. O ouro está aqui. Es ist hier! Ele sabia. Se o ouro tivesse ouvidos, poderia ouvi-lo caso o chamasse dali de onde estava no salão. Móveis cobertos com panos, um piano coberto com um pano. Ele entrou no bar com a mesa de sinuca coberta com um pano até o chão. Um pedaço de gelo se desprendeu na máquina de fazer gelo e ele se agachou, esperando, ouvindo, pensando.

A garota tinha muitas informações sobre a casa. Antes de qualquer coisa ele devia colher essas informações. Depois dava um jeito de conseguir dinheiro por ela. Ela não devia valer mais que uns milhares de dólares, e, mesmo assim, teria que ser despachada em gelo seco.

Não valia a pena importuná-la, mas ela era tão interessante, uma gracinha naquele terraço, e ele queria vê-la dormindo. Tinha direito de se divertir um pouco. Talvez pingar um pouquinho na roupa de cama, nas cicatrizes dos braços, só isso. Ah, uma ou duas gotas na bochecha daquele rostinho adormecido, que mal faria? Talvez escorresse um pouco para o canto do olho. Ei! Prepare o olho dela para as lágrimas que virão.

O celular dentro do bolso vibrou na sua coxa. Ele mexeu o aparelho até ficar gostoso. Leu a mensagem de Felix e ficou ainda mais gostoso. Dizia:

> Consegui. Ele vai abrir mão da autorização por 10 mil e vem coisa boa por aí. Nossa autorização em mãos amanhã. Pode entrar agora!

Hans-Peter se deitou no carpete debaixo da mesa de sinuca e escreveu algumas mensagens com o que ele chamava de dedo de zinco. Tinha a unha do indicador deformada por causa do mesmo defeito genético que o deixara sem um fio de cabelo. Aprendera sobre dedo de zinco antes de ser expulso da faculdade de medicina por razões de ordem moral. Felizmente o pai já era velho demais para bater nele por causa dessa falha. A unha era pontuda e útil para limpar as narinas sem pelos, bastante suscetíveis a fungos, esporos e ao pólen de amaranto e de colza.

Cari Mora acordou no escuro sem saber por quê. Antigamente, seu reflexo de acordar era acionado pelos ruídos de advertência da floresta. Despertou por completo, então, e, sem mover a cabeça, observou o quarto espaçoso. Todas aquelas luzinhas brilhando — o decodificador da TV a cabo, o termostato, o relógio —, mas a luz do dispositivo de alarme estava verde, não vermelha.

Havia sido acordada por um simples bipe quando alguém desligou o alarme lá embaixo. A luz do alarme agora piscava conforme alguma coisa passava por um sensor de movimento no hall de entrada.

Cari Mora vestiu um moletom e pegou o bastão de beisebol embaixo da cama. O celular, a faca e o spray repelente de ursos estavam nos bolsos. Ela foi até o corredor e gritou para a escada de caracol:

— Quem está aí? É melhor falar alguma coisa agora.

Nada por quinze segundos. E então uma voz lá de baixo.

— Felix.

Cari revirou os olhos e sibilou entre os dentes.

Ela acendeu as luzes e desceu a escada em espiral. Levava o bastão.

Felix estava ao pé da escada, debaixo da estátua de um filme, a ave de rapina espacial com dentes enormes do planeta Zorn.

Ele não parecia estar bêbado. Não segurava nenhuma arma. Estava de chapéu dentro de casa.

Cari parou a quatro degraus da base da escada. Pelo menos não sentia aqueles olhinhos esquisitos de Felix sobre ela. Melhor assim.

— Você tem que me ligar antes de aparecer aqui de noite.

— Eu consegui um inquilino de última hora — explicou Felix. — Gente do cinema. Pagam bem. Querem que você fique porque você conhece o lugar, talvez para cozinhar também, ainda não sei. Garanti o emprego para você quando eles vierem. Você devia me agradecer. E me dar uma parte quando receber a grana preta que esse pessoal do cinema costuma pagar.

— Que tipo de filme?

— Não sei. E não estou nem aí.

— E você vem me avisar às cinco da manhã?

— Quem paga é que manda — retrucou Felix. — Eles querem entrar antes de amanhecer.

— Felix, olha bem pra mim. Se for um filme pornô, você já sabe o que eu acho. Eu vou me mandar, se for isso.

Muitas produtoras de filmes pornô estavam se transferindo para Miami desde que entrou em vigor a Lei B no município de Los Angeles, que exigia o uso de camisinhas, comprometendo a liberdade de expressão.

Ela já se desentendera com Felix antes por causa disso.

— Não é pornô. É, tipo, reality alguma coisa. Eles precisam de tomadas de duzentos e vinte e extintores de incêndio. Você sabe onde ficam essas coisas, certo?

Ele tirou do casaco uma autorização de filmagem do município de Miami Beach toda amassada e pediu a Cari que buscasse fita adesiva.

Quinze minutos depois ela ouviu um barco se aproximando da costa na baía de Biscayne.

— Deixa as luzes do atracadouro apagadas — pediu Felix.

Na maior parte do tempo, em público, Hans-Peter Schneider está extremamente asseado e, para aqueles que o conhecem, cheira bem. Porém, ao trocar um aperto de

mão com ele na cozinha, Cari sentiu um leve odor de enxofre. Como o cheiro de um vilarejo incendiado com mortos dentro das casas.

Hans-Peter sentiu a palma firme dela e abriu seu sorriso luxurioso.

— Devemos falar em inglês ou espanhol?

— Como quiser.

Os monstros sabem quando são reconhecidos, assim como as pessoas chatas. Hans-Peter estava acostumado a reações de repulsa e medo quando seu comportamento revelava quem ele era. Em ocasiões especiais, a reação era uma súplica agonizante por uma morte mais rápida. O alarme de algumas pessoas soava mais rápido que o de outras.

Cari se limitou a olhar para Hans-Peter. Não piscava. As pupilas negras dos seus olhos tinham uma centelha de inteligência.

Hans-Peter tentou ver seu reflexo nos olhos dela, mas se frustrou. *Que olhar! E acho que ela não sabe que tem isso.*

Um momento de devaneio enquanto ele inventava uns versinhos. *Não vejo meu reflexo na lagoa negra dos teus olhos / Não vai ser fácil quebrá-la, mas, quebrada, ainda melhor será o prêmio!* Quando tivesse tempo, faria também a versão em alemão, com uma melodia. Usaria "hörig" no lugar de "quebrar", algo mais próximo da ideia de "escravizar". Usaria a melodia de "Chucrute e beterrabas". Cantaria no chuveiro. Talvez para Cari, se ela estivesse se recobrando, implorando para ser deixada em paz.

Por enquanto, ele precisava da boa vontade dela. Hora do show.

— Você trabalha aqui há bastante tempo — comentou. — Felix te elogiou muito, disse que você conhece bem a casa.

— Eu trabalho aqui tem cinco anos, com algumas interrupções. Ajudei em alguns consertos.

— A casa da piscina está bem vedada?

— Sim, tudo em ordem. Dá para ligar o ar-condicionado, se quiser. O aparelho fica ligado numa corrente separada com um disjuntor na parede do jardim.

No canto, Bobby Joe, um dos homens de Hans-Peter, encarava Cari. Mesmo nas culturas em que encarar alguém não seja considerado grosseria, o olhar fixo de Bobby Joe seria grosseiro. Ele tinha olhos amarelo-alaranjados, como certas tartarugas. Hans-Peter o chamou com um gesto.

Bobby Joe parou perto demais de Cari quando se aproximou.

Cari conseguia ler a tatuagem "*Até o saco!*" em letra cursiva na lateral do pescoço dele, por baixo do cabelo que deixou crescer depois que saiu da prisão. Nos dedos, as palavras AMOR e ÓDIO. E MANUELA escrito na palma da mão. A ponta da fivela do boné se projetava para o lado, por causa do tamaninho da cabeça. Uma lembrança ruim a fez estremecer, mas passou.

— Bobby Joe, coloca o material pesado na casa da piscina por enquanto — disse Hans-Peter.

Quando passou por trás de Cari, os nós dos dedos de Bobby Joe roçaram na bunda dela. Ela tocou a cruz invertida de são Pedro pendurada no pescoço por um colar de contas.

— Energia e água ligadas na casa toda? — perguntou Hans-Peter.

— Sim.

— Aqui tem corrente de duzentos e vinte?

— Tem. Na lavanderia e atrás do fogão, na cozinha. Tem um carrinho de golfe na garagem com tomada de duzentos e vinte e duas extensões bem compridas penduradas em ganchos em cima dele. Só dá para usar a vermelha, a preta não. Alguém tirou o pino do fio terra da preta. Tem dois disjuntores de vinte amperes do lado. Os disjuntores da casa da piscina são diferenciais.

— Você está com a planta?

— Tem alguns desenhos do arquiteto e um esquema elétrico na biblioteca, no armário na altura do chão.

— O alarme está ligado à empresa de segurança ou à polícia?

— Nem um nem outro, é manual, só uma sirene na rua. Quatro áreas, portas e movimento.

— Tem comida na casa?

— Não. Vocês vão comer aqui?

— Ã-hã. Algumas pessoas.

— E dormir?

— Até o trabalho acabar. Alguns vão dormir e comer aqui também.

— Tem uns food trucks. Eles atendem às obras da rua. São bem bons. Melhor no começo da semana. Você vai ouvir a buzina deles. O meu preferido é o Comidas Distinguidas, e os Irmãos Salazar também são bons. A última equipe de filmagem comprava deles. Na lateral do caminhão está escrito "COMIDAS QUENTES". Eu tenho os telefones, se quiser.

— Eu quero que você cuide disso — disse Hans-Peter. — Você não pode comprar comida e preparar uma boa refeição? Nem precisa servir à mesa, só montar um bufê. Eu pago bem.

Cari precisava do dinheiro. Ela era incrivelmente rápida e eficiente na cozinha, como qualquer mulher que passa dificuldades em Miami trabalhando na casa de gente rica.

— Pode ser. Eu cuido da comida.

Cari já havia trabalhado para operários de obra. Na adolescência, quando cozinhava de meia-noite em diante e servia comida em food trucks usando jeans cortados curtinhos, os carpinteiros vinham em peso, o que deu uma alavancada no negócio. Na experiência de Cari, a maioria dos trabalhadores braçais são bem-intencionados, até mesmo educados. A questão é que eles têm fome de tudo.

Mas Cari via a equipe de três homens chefiada por Hans-Peter e não gostava nada disso. Ex-presidiários com tatuagens de cadeia feitas com fuligem e uma escova de dente elétrica. Estavam carregando para a casa da piscina uma furadeira magnética pesada, duas britadeiras e uma única câmera.

Qualquer mulher nesse ramo conhece a regra número um ao lidar com uma equipe de homens rudes num lugar isolado — se aplicava na selva e se aplicava aqui: quanto maior o grupo, mais seguro. Na maior parte das vezes, se houvesse mais de dois homens, a civilização prevalecia; eles não vão provocar nada com uma mulher se não estiverem bêbados. Mas aquela equipe ali parecia mais rude que o normal. Os homens ficaram encarando Cari quando ela levou Hans-Peter às caixas de força na passagem

estreita entre a cerca viva alta e o muro que delimitava a propriedade. Sentia que estavam pensando em se revezar nela. Entretanto, mais que dos olhares de palerma deles, Cari estava bastante ciente de Hans-Peter andando atrás dela.

Do outro lado da cerca viva, Hans se virou para ela. Bem de frente e sorrindo, parecia uma doninha branca.

— Felix disse que foram quatro caseiros até conseguir você. Os outros tinham medo desse lugar, com esses objetos esquisitos por aí. Mas você não fica assustada? Eu adoraria saber por quê.

Não entra na dele, não responde, dizia seu instinto.

Cari deu de ombros.

— Vou precisar do dinheiro para a comida.

— Eu reembolso — disse ele.

— Eu preciso do dinheiro adiantado. É sério.

— Você é uma pessoa séria. Parece colombiana... Tão bonito esse espanhol. Como você conseguiu ficar nos Estados Unidos? Apelou para uma solicitação de refúgio? O governo aceitou?

— Acho que duzentos e cinquenta dólares são suficientes para as compras por enquanto — continuou Cari.

— Solicitação de refúgio — disse Hans-Peter, apreciando os contornos do rosto dela, imaginando como seriam afetados pela dor. — Essas coisas pela casa, os objetos cenográficos de filmes de terror, nada disso te assusta, Cari. Por quê? Você sabe que tudo isso não passa de uma brincadeira de criança para assustar outras crianças, não é? Você sabe, não é, Cari? Você sabe muito bem a diferença. Você está mais próxima da veracidade... Você sabe o que é veracidade? *Las verdades*, *la realidad*. Como é que você descobriu a diferença? Onde foi que você viu algo realmente assustador?

— Tem uma chuleta muito boa em promoção no Publix, e também vou precisar de fusíveis — disse Cari, e o deixou plantado debaixo das teias de aranha por trás da cerca.

— Uma chuleta muito boa em promoção no Publix — repetiu Hans-Peter para si mesmo na voz de Cari. Um talento impressionante para a imitação.

Cari chamou Felix para um canto.

— Felix, eu não vou passar a noite aqui.

— Mas o seguro de incêndio... — começou ele.

— Fica você então. É melhor dormir de barriga para cima. Eu faço o almoço.

— Cari, eu estou dizendo...

— E eu também estou dizendo. Se eu ficar, vai dar merda. Você não vai gostar nada, nem eles.

5

– Don Ernesto quer saber o que está acontecendo na antiga casa do Pablo — disse o capitão Marco. — Quando a gente vai poder ver?

Marco conversava com dois outros homens num galpão aberto da marina no início da noite. As bandeiras dos cargueiros atracados ao longo do rio Miami tremulavam à brisa. O barco do capitão Marco rangia quando o casco arrastava numa doca cheia de armadilhas para siris.

— Eu posso ir com os jardineiros às sete da manhã se o Claudio conseguir dar a partida na caminhonete — sugeriu Benito. — Eles são obrigados por contrato a deixar a gente entrar a cada duas semanas para retirar os galhos e cortar a grama.

Benito era um sujeito velho e de pele curtida. Seus olhos brilhavam. Com os dedos gorduchos, enrolou um cigarro perfeito de tabaco da Bugler, retorceu a ponta e o acendeu com um palito de fósforo, aceso com a unha do polegar.

— Jesús Villarreal alega que o ouro está na casa — disse o capitão Marco. — Foi ele que trouxe de barco para o Pablo em 89. Don Ernesto diz que a equipe de filmagem que está lá é só fachada, eles estão cavando debaixo da casa.

— Jesús era um bom sujeito com seu barco — comentou Benito. — Eu achava que ele tinha morrido com o Pablo. Eu achava que todo mundo tinha morrido, menos eu.

— Você é ruim demais para morrer — acrescentou Antonio, e serviu ao velho uma dose da bebida da garrafa sobre a mesa.

Antonio tinha 27 anos, a camisa da empresa de manutenção de piscinas apertada, evidenciando o quanto estava em forma.

Os três sujeitos reunidos no galpão faziam um bico ficando de olho no que acontecia em Miami para seu chefe em Cartagena. Todos tinham a mesma tatuagem em partes diferentes do corpo: um sino pendurado num anzol.

Ouvia-se música vinda de um restaurante rio abaixo, sob a silhueta dos arranha-céus de Miami.

— Quem está cavando por baixo da casa? — perguntou Antonio.

— Hans-Peter Schneider com seus homens — respondeu Marco.

— Eu já vi Hans-Peter Schneider — disse Benito. — Vocês já estiveram com ele? Numa primeira olhada, você fica triste porque ele parece estar doente. Mas, depois que

se acostuma, ele parece um caralho usando óculos.

— Ele é do Paraguai — acrescentou Marco. — Dizem que ele é mau pra caramba.

— É como ele se considera — disse Benito, guardando a lata de tabaco no bolso do peito do macacão. — Eu vi uma vez quando ele deu um tiro na bunda de um sujeito por ficar vagabundeando por perto quando ele estava cavando na casa do Pablo perto de Bogotá, atrás do dinheiro. Completamente maluco, de um jeito ruim.

— Hans-Peter Schneider tem negócios aqui — explicou Antonio. — Ele fica de um lado para o outro... Tem uns puteiros em Miami, o Roach Motel e aquele outro perto do aeroporto e uma casa de filmes pornô. Seus melhores pontos são dois bares bem sórdidos: The Low Gravy e um chamado Congress. O Departamento de Saúde descobriu que estavam servindo café da manhã no primeiro andar e o município cassou a licença de venda de bebidas. A Imigração já tentou expulsar o cara uma vez por tráfico de garotas. Agora não tem mais nada no nome dele. É como se ele não existisse mais. Mas ele entra e sai o tempo todo, e recolhe o dinheiro.

Antonio costumava pescar com a turma mais jovem da polícia e sabia das coisas.

Mandou para dentro o último gole.

— Posso cuidar da piscina depois das oito, amanhã. Está vazando e eu posso enrolar para concluir o conserto.

— E o encarregado, o agente da casa, ainda é o Felix? — perguntou o capitão Marco.

Benito fez que sim.

— Felix só sabe fazer merda. Para se ter uma ideia, sabe quanto custou o chapéu que ele usa? Quinhentos e cinquenta dólares mais impostos. O que isso mostra? A parte boa é que ele não enxerga um palmo à frente do nariz. Mas a mocinha que trabalha na casa é muito simpática. Simpática mesmo.

— Pode crer — concordou Antonio.

— Ela não devia ficar naquela casa com Hans-Peter Schneider.

— Eu falei com ela pelo telefone, ela não vai passar as noites lá — disse Antonio.

— É uma pena que ela tenha sido vista por Schneider — apontou Benito.

— Vai até lá amanhã, então — concluiu o capitão Marco. — Eu chego à baía com o barco e a tripulação por volta das nove e a gente prepara as armadilhas de siri. A gente embola uma linha e fica por lá um tempo. Caso haja algum problema, Benito, tira o chapéu e começa a se abanar com ele. A gente vai ver o que é. Se estiver com as mãos para o alto, derruba o chapéu no chão como se fosse um acidente. A gente chega rápido se for preciso... Quando ouvir o motor, se abaixa. Não precisa bancar o valentão; Don Ernesto só quer saber o que está acontecendo na casa.

Há nuvens escuras acima das Everglades a oeste. Relâmpagos pulsam dentro delas. A leste, os arranha-céus de Miami reluzem como um iceberg.

Ao lado do barco pesqueiro no ancoradouro, um peixe-boi apareceu na superfície para respirar e ofegar. O peixe-boi parou para ouvir a respiração suave do filhote ao lado. Satisfeito, voltou a mergulhar e desapareceu.

6

Benito chegou cedo com os jardineiros à mansão da baía de Biscayne. Estava cortando a grama junto ao quebra-mar no meio da manhã quando ouviu o barco de turismo se aproximar. O velho olhou para a varanda do segundo andar. O brutamontes Umberto, exibindo os músculos sob a camisa preta justa, também ouviu. Ele estava arrastando uma câmera de cinema empoeirada para a varanda.

Benito conseguia ver a ponta do silenciador do AR-15 de Umberto acima da amurada. O velho jardineiro balançou a cabeça. *A falta de cuidado desses jovens... Não, isso é jeito de velho pensar. A culpa não é da juventude de Umberto, o problema é a burrice dele, e ele não consegue ser melhor que isso.*

— Leva o refletor também — gritou Felix para Umberto lá de dentro, sentado no ar refrigerado. Felix com seu chapéu-panamá, fabricado no Equador, de quinhentos-e-cinquenta-dólares-mais-impostos.

A baía de Biscayne repousava verde-acinzentada debaixo do céu nublado, e do outro lado da baía ficavam as torres do centro de Miami, a seis quilômetros dessa casa em Miami Beach.

O barco de turismo ainda estava três casas à frente, perto da costa, acompanhando a Millionaire's Row na maré alta. Era uma grande embarcação achatada com uma cabine cheia de bancos, seus alto-falantes emitiam música pop. O guia já havia trabalhado como pregoeiro de parques de diversões. Sua voz amplificada ecoava nas mansões da orla, muitas fechadas durante o verão.

— À esquerda, a mansão do magnata da música Greenie Pardee. Se prestarem atenção vão ver o sol refletido numa parede do salão toda coberta de discos de ouro.

Agora o barco de turismo estava quase na altura de Benito. Ele conseguia ver o rosto pálido dos turistas na balaustrada.

O guia botou para tocar a trilha sonora de *Scarface* e elevou a voz:

— Mudando de clima, à nossa esquerda, onde estão aqueles toldos verdes esfarrapados, a biruta desbotada, o heliporto coberto de mato... Aquela é uma antiga casa de Pablo Escobar, chefão do tráfico, assassino, bilionário impiedoso, morto pela polícia num telhado na Colômbia.

"Não mora ninguém ali. A mansão é alugada para filmagens até aparecer um novo

dono. Olha só! Estamos com sorte! Parece que estão filmando hoje! Alguma estrela do cinema à vista?"

O guia acenou para Benito, que ergueu a mão, num gesto solene. Os turistas viram que o velho não era nenhuma estrela. Poucos retribuíram o aceno.

Mais à frente, nas águas calmas e verdes, o barco pesqueiro do capitão Marco jogou uma armadilha de siri, o ronco do motor a diesel volta e meia encobrindo a voz do guia.

Na varanda, Umberto desatarraxou uma porca borboleta da câmera e voltou a atarraxá-la bem forte.

— Tira a capa da lente — disse Felix da sua cadeira no fresquinho lá dentro. — Seja convincente. — Felix com os óculos escuros de duzentos dólares.

— Quem quiser pode comprar a casa de Pablo Escobar — disse o guia, enquanto a embarcação seguia em frente. — É só desembolsar vinte e sete milhões de dólares. Agora, quatro casas à frente fica o palacete do grande produtor de filmes pornô Leslie Mullens. Alguém já ouviu falar de *A volta ao mundo em 80 posições*? E, ironicamente, o vizinho dele é Alton Fleet, televangelista com milhões de seguidores por todo o país encantados pelos seus serviços de cura pela fé, transmitidos da Catedral das Palmas.

E o barco seguiu seu caminho, acompanhado pela vozinha.

Uma britadeira acionada no porão sacudiu a mansão Escobar. Na varanda, a poeira subiu. Lagartos saíram correndo das fendas.

O velho Benito esperava que Cari Mora aparecesse do lado de fora. Seria muito agradável poder vê-la, poder olhar para ela, poder ouvir sua voz.

As bolhas na piscina indicavam que Antonio, com seu equipamento de mergulho, ainda estava debaixo da água procurando o vazamento. Sua presença fazia Benito acreditar que Cari podia aparecer. E de fato, minutos depois, ela surgiu com o uniforme cirúrgico largo.

Caridad Mora trazia dois copos de chá gelado de menta e — ah, SIM! — um deles era para Benito. Ele sentia o maravilhoso perfume dela e o aroma de menta. Levantou o chapéu. Também sentia o cheiro do chapéu, então rapidamente tratou de botá-lo de volta na cabeça.

— *Hola, señor Benito* — cumprimentou ela.

— *Mil gracias, señorita Cari.* Que bom ver a senhorita hoje. E, aliás, sempre.

Dá para entender por que a prima de Cari ganhou o título de Miss Hawaiian Tropic, e não foi num lugar qualquer, não, mas no clube Nikki Beach, pensou Benito. *Cari também podia ter participado e ganharia fácil, não fossem as cicatrizes nos braços. Na verdade, são só linhas serpenteantes na pele morena e dourada. E estão mais para marcas exóticas que deformações. Como pinturas rupestres de cobras ondulantes. Somos adornados pela experiência.*

Cari sorriu para ele; Benito sentiu que ela percebia o homem que ele era. Ela o deixou meio ofegante, como uma dose de um rum muito alcoólico, uma puxada num baseado de Sour Diesel. Como a sua Lupe fez há quarenta anos.

Benito olhou bem nos seus olhos.

— Cari?

— Sim, *mi señor*?

— Você precisa tomar muito cuidado com essa gente.

Ela o encarou.

— Eu sei. Obrigada, *señor Benito*.

Cari parou junto à piscina, olhando para a trilha de bolhas. Tirou o sapato e encostou o pé na cabeça de Antonio. Ele veio à tona reclamando mais do que precisava. Antonio em sua camiseta molhada, um brinco no formato de uma cruz gótica preta na orelha esquerda.

Cari deixou seu copo de chá nos ladrilhos junto à piscina.

Antonio tirou a máscara e abriu um sorriso largo para ela.

— *Gracias, guapa!* Ei, preciso falar com você! Adivinha só? Eu tenho ingressos para o show do Juanes no Hard Rock! Lugares ótimos! Mais perto que isso e ele ia cair do palco olhando para você. Um jantar e um show. Que tal?

Ele ainda nem tinha terminado e Cari já estava balançando a cabeça.

— Não, Antonio. Tem muita garota por aí que ia adorar ir com você. Eu não posso.

— Por quê?

— Porque você é casado. Por isso.

— Minha querida, não é nada disso. É só pelo green card. A gente nem...

— Um casamento é um casamento, Antonio. Obrigada, mas não. — E caminhou para a casa sob o olhar ávido de Antonio.

— *Gracias* pelo chá, *guapa* — agradeceu ele.

— Olha os modos, Antonio — gritou Benito de longe. Estava sorrindo. — Para você é *princesa guapa*!

— *Discúlpeme! Gracias, princesa guapa!* — gritou Antonio para ela.

Cari riu, mas não olhou para trás.

Benito tomou um bom gole e deixou o chá no quebra-mar. *Isso foi bastante revigorante. O chá foi bom também.*

Por trás dele, no meio da piscina, havia uma cópia em gesso da *Vitória de Samotrácia*, sem cabeça, as asas abertas. Um proprietário anterior achou que tinha comprado do Louvre.

Benito olhou para a *Vitória*, pensando. *Eu me pergunto se ela perdeu o sonho de voar junto com a cabeça, ou se ainda posso vê-lo na miragem do calor acima do coto do pescoço, ou talvez ele ainda esteja em seu coração, onde os sonhos são mantidos. Talvez isso seja um pensamento de velho que eu deva evitar. Eu me pergunto se Cari ainda é capaz de manter sonhos no coração, depois de tudo que viu. Eu também vi muita coisa. Espero que o teto do coração dela seja mais alto que o do meu.*

No meio da tarde, um Uber deixou Cari Mora com as compras de mercado na frente da mansão. O motorista a ajudou a descarregar as sacolas da mala e colocá-las no gramado. Rapidamente Benito deixou de lado a enxada e pegou as quatro sacolas que pareciam as mais pesadas.

— Obrigada, *señor Benito* — disse ela.

Os dois entraram pela porta lateral da mansão, que dava para um solário onde ficava a gaiola de uma grande cacatua. Para chamar a atenção, o pássaro havia se pendurado de cabeça para baixo no poleiro e levantado a ponta do forro de jornal com o bico para derrubar sementes e as cascas no chão.

Benito e Cari levaram as compras para a cozinha, que estava bem barulhenta, um barulho que vinha de baixo, onde as ferramentas elétricas estavam em ação. Uma

extensão vermelha serpenteava vindo da lavanderia e passando pela porta que dava para o porão escada abaixo. Tinha outra ligada atrás do fogão. Benito quis dar uma olhada no porão. Havia tanques de acetileno encostados na parede da cozinha, esperando que fossem levados para baixo. Ele deixou as quatro sacolas na bancada, e já caminhava até a porta aberta para espiar o porão quando Umberto, subindo a escada, apareceu na cozinha.

— Que merda você está fazendo aqui? — quis saber.

— Eu vim trazer as compras — respondeu Benito.

— Some daqui, caralho. Ninguém pode entrar na casa. — E para Cari: — A gente avisou. Ninguém dentro de casa.

— Eu vim trazer as compras — repetiu Benito. — E olha essa boca suja na frente de uma dama. Por que você não foi buscar as sacolas então, se acha que aguenta carregar?

Não foi um comentário muito esperto de se fazer. Às vezes os homens de mais idade não se importam com o quanto algo pode soar tolo se parecer adequado para o momento. Benito estava com a mão no bolso do peito do macacão.

Umberto não tinha como saber ao certo o que havia naquele bolso. Na verdade, logo abaixo do esterno, Benito tinha uma pistola Colt .45 1911A1 convertida para uma Rowland .460, presente do seu dedicado sobrinho, que a usava para explodir melancias no campo de tiro. Benito a carregava engatilhada e travada.

Umberto achou que o velho parecia meio doido.

— Ninguém pode entrar na casa — avisou Umberto. — Ela pode ser demitida por ter deixado você entrar. Quer que eu conte para o patrão?

Cari se virou para Benito.

— Obrigada, *mi señor* — disse. — Está tudo certo. Pode deixar que eu cuido do resto.

— Muito obrigado, Cari — rosnou Benito na cara de Umberto, e se retirou.

No fim da tarde, um grande cardume de xaréus se agitou nas águas próximas fazendo tanto barulho que parecia que tinha um trem passando, caçando tainhas ao longo do quebra-mar onde Benito cortava o mato com sua enxada. Sentia o cheiro deles, então se debruçou no quebra-mar, da altura da cintura, para observar a passagem dos poderosos peixes, as barbatanas bifurcadas reluzindo no ar, e peixinhos e pedaços de peixes lançados para fora da água, deixando em sua trilha um cheiro de urina oleoso. *Exatamente como nós*, pensou Benito. *Matar e devorar, como nós*.

Pela sola do sapato sentia a ação da britadeira no porão da casa.

Então o solo que tremia perto do quebra-mar cedeu sob a enxada, derrubando terra lá em baixo. Estava diante de um buraco recém-surgido no gramado junto ao quebra-mar, do tamanho do seu chapéu. Muito abaixo, via o leve brilho de uma água preta subindo e descendo na escuridão subterrânea dentro do quebra-mar. Ele recuou até a borda de concreto do pátio. Ouvia a água agitada lá no fundo, indo e vindo sob o quebra-mar. Cada vez que a água subia o buraco respirava, exalando um fedor de carne podre.

Benito olhou para a varanda do segundo andar. Lá estava Felix repreendendo Umberto, de costas para o jardim. Benito pegou o celular no macacão e acendeu a lanterna. Ele se ajoelhou junto ao buraco. Ágil para um homem da sua idade, enfiou a mão no buraco e tirou duas fotos do espaço que não conseguia ver, virando o rosto por

causa do cheiro.

Felix continuava falando sem parar na varanda.

Benito assobiou para Antonio, de pé na piscina, que rapidamente deixou o chá de lado e saiu da água. Acompanhou Benito até os fundos da casa da piscina, onde eram guardadas lajes e telhas sobressalentes.

— Vamos pegar uma laje, a gente tapa o buraco e você volta ao trabalho — disse Benito.

— Vai ligar para o Marco? — perguntou Antonio. E olhou para o pesqueiro ancorado na baía. A tripulação tinha aberto um barril de iscas, e o barco era seguido por gaivotas e um pelicano.

Benito e Antonio levaram uma laje e taparam o buraco.

— Fica pelo pátio, não pisa na grama, pode ceder mais ainda — avisou Benito. — É melhor você voltar para a piscina agora.

O velho jardineiro pegou um vaso de planta e o colocou em cima da laje. Estava espalhando terra em volta quando ouviu Felix atrás dele.

— O que você está fazendo aí? — perguntou Felix.

— Cobrindo um buraco que apareceu no chão. A gente vai trazer mais terra e...

— Deixa eu ver. Levanta isso aí.

Dentro do buraco havia uma trama de raízes.

— Merda — disse Felix, e tirou o celular do bolso. — Vai pegar uma almofada na casa da piscina. Rápido.

Ajoelhando na almofada para não sujar a calça de linho, Felix colocou o telefone dentro do buraco e tirou uma foto com flash.

— Tampa de novo e coloca a planta em cima — mandou.

— Como estava antes? — perguntou Benito.

Felix colocou o celular de volta no bolso da calça e pegou outro acessório caro, um punhal automático ornamentado pelo qual pagara quatrocentos dólares. Abriu a lâmina e limpou uma unha. Ergueu o punhal e, olhando para Benito, guardou a lâmina no cabo. Com a outra mão, estendeu uma nota de cem dólares dobrada.

— *Silencio sobre esto, viejo. Me entiendes?*

Benito olhou bem nos olhos dele. Esperou um segundo antes de pegar o dinheiro e fechar a mão com a nota dentro.

— *Claro, señor.*

— Vai ajudar o pessoal no jardim da frente.

Antonio estava perto da piscina pegando um corante traçante da mochila quando Felix veio avisar:

— Junta as suas merdas, já chega por hoje.

— Eu ainda não achei o vazamento.

— Pega as suas coisas e se manda. Quando precisar de novo eu ligo.

Antonio esperou Felix se afastar para tirar os pés de pato. A tatuagem ficava na planta do pé, o sino suspenso num anzol, além do seu tipo sanguíneo. Rapidamente tratou de calçar os sapatos.

Dentro da mansão, Cari deixou a cacatua branca sair da gaiola. O pássaro estava empoleirado no seu punho, olhando para seus brincos, quando a campainha tocou. Ela

passou pelos móveis cobertos com panos e pelo jukebox até chegar à entrada lateral, ainda com o pássaro no braço. Antonio esperava na porta. Ele olhou rapidamente ao redor.

— Escuta, Cari. Você tem que ficar longe daqui. Por enquanto fica aí dentro. Não veja nada. Boca fechada até eles mandarem você sair. Está me ouvindo? Se você não for demitida até o fim do dia, leva o pássaro para a sua casa. Diz que a poeira está fazendo mal a ele. Quando estiver em casa, avisa que está gripada e não volta mais aqui.

— Toca, *mamacita*! — disse o pássaro.

Felix veio apressado pela lateral da casa.

— Já disse para você tirar essa bunda gorda daqui, vai logo!

Antonio resolveu enfrentá-lo.

— Você beija a sua mãe com essa boca?

— Fora! — gritou Felix enquanto se afastava, todo enrolado com o celular.

A caminhonete da empresa de Antonio estava estacionada perto da van da equipe de jardinagem. Três jardineiros empilhavam folhas de palmeira caídas e um passava o aparador de grama no longo caminho que dava acesso à garagem. Quando terminou de jogar seus equipamentos na traseira da caminhonete, Antonio viu Cari de pé na entrada. Ainda estava com o pássaro no braço. Ela sorriu para ele e acenou.

Nos fundos da casa, Felix digitou um número no celular.

7

Hans-Peter Schneider e Bobby Joe dos olhos amarelos chegaram na caminhonete de Bobby e encontraram a entrada da garagem da mansão Escobar bloqueada pela van do jardineiro. Bobby Joe conduziu Hans-Peter passando por cima do gramado e dos canteiros de flores até a porta.

A caminhonete de Bobby Joe tinha a suspensão elevada, uma barra estabilizadora de plástico cromado e um saco escrotal de borracha da TruckNutz pendurado no engate do trailer. O adesivo no para-choque traseiro dizia: SE SOUBESSE QUE SERIA ASSIM EU TERIA COLHIDO O ALGODÃO SOZINHO.

Felix estava lá para recebê-los. Ele passou a mão no chapéu para limpá-lo.

— *Patrón* — cumprimentou Felix.

— Quem descobriu?

Schneider já se encaminhava para o jardim à beira-mar. Usava linho no calor e calçava sandálias *huaraches* de couro envernizado preto para combinar com a pulseira do relógio.

— O velho que corta a grama. — Felix apontou para Benito, que guardava ferramentas na van com os outros jardineiros. — Ele não sabe de nada, já cuidei disso.

Hans-Peter ficou olhando para Benito por um minuto.

— Me mostra o buraco — pediu.

No buraco junto ao quebra-mar, Felix e Bobby Joe afastaram a laje. Hans-Peter deu um passo atrás, abanando o nariz com a mão.

Felix mostrou para Hans-Peter a foto tirada com a câmera dentro do buraco. Tinha transferido para um iPad.

O mar havia tomado o terreno por baixo do quebra-mar, abrindo uma caverna sob o pátio de concreto que avançava quase até a casa. As raízes das árvores penduradas no alto da caverna pareciam candelabros retorcidos. Vigas com um enorme acúmulo de craca sustentavam o pátio acima. A maré naquele momento deixava um espaço de pouco mais de um metro entre a água e o teto. A erosão havia exposto sob o pátio metade de uma barca de ferro para transporte de cascalho, usada no aterro sanitário e no processo de dragagem da construção de Miami Beach.

Na extremidade mais distante da caverna escura, pouco iluminada pelo flash, o

fundo do mar subia e formava uma praia. E lá estava um cubo reluzente maior que uma geladeira, quase coberto pela água junto ao alicerce da casa. Felix ampliou com os dedos a imagem no iPad. Ao lado do cubo, no limite da água, havia um crânio humano e a metade traseira de um cão.

— Esse tempo todo a gente cavando no porão enquanto o mar estava cavando por nós — disse Hans-Peter Schneider. — *Gott mit uns!* Cabe uma tonelada de ouro. Quem mais sabe disso?

— Ninguém, *señor*. Os outros jardineiros estavam no jardim da frente. O velho é um *bracero* ignorante.

— Talvez o ignorante seja você... ou *é* você. Nunca me acerto com a gramática. Eu já vi aquele velho escroto antes. Traz ele aqui. Manda os outros jardineiros para casa. Diz para o velho que a gente precisa da ajuda dele. Diz que a gente dá uma carona depois.

Na baía, o barco pesqueiro barulhento fazia o caminho de volta pela linha das armadilhas, enquanto dois ajudantes de convés jogavam novas iscas regularmente, a cada vinte metros.

No passadiço, o capitão Marco voltou o binóculo para o jardim da mansão Escobar. Viu Hans-Peter e os outros no jardim à beira-mar e viu quando Felix e Bobby Joe se aproximavam do grupo acompanhados de Benito.

— Rodrigo, esquece as armadilhas — ordenou o capitão Marco, apontando com o queixo. — Estado de alerta, *muchachos*. Vamos com tudo se o Benito tiver que pular.

No pátio, Benito ficou de frente para Hans-Peter.

— Eu conheço você — disse Hans-Peter.

— Velho é tudo igual, *señor*. Eu não me lembro do senhor.

— Tira a camisa.

Benito não obedeceu. Foi necessário que Bobby Joe, Umberto e Felix atassem os punhos dele por trás com abraçadeiras de náilon.

— Tirem a camisa dele — mandou Hans-Peter.

Felix e Umberto rasgaram a camisa de Benito, arrancando-a por baixo das alças do macacão. Bobby Joe apalpou os bolsos, mas não na altura do peito. Cutucou a tatuagem meio apagada, mas ainda visível, no tórax. Era um sino pendurado num anzol.

Hans-Peter fez que sim com a cabeça.

— A escola de ladrões dos Dez Sinos.

— Uma bobagem da juventude. Dá para ver que já está até meio apagada.

— Felix, ele é do Don Ernesto — avisou Hans-Peter. — Foi você que contratou o cara. Você e o Bobby Joe podem dar uma voltinha com ele.

Do barco pesqueiro, o capitão Marco viu a camisa rasgada de Benito, viu a arma de Bobby Joe. E pegou o celular.

A quase um quilômetro dali, Antonio atendeu na caminhonete.

— Antonio, um dos *pendejos* do Schneider está com a arma apontada para o Benito. Ele precisa ser tirado de lá. Eu vou para o ancoradouro dar cobertura se ele pular na água.

— E eu vou atrás dele — disse Antonio.

Antonio enfiou o pé no acelerador da velha caminhonete. Não estava longe do ponto de ônibus onde jardineiros e domésticas exaustos esperavam para empreender a longa

viagem de volta para casa. Antonio saltou. Das pessoas que esperavam, várias o cumprimentaram pelo nome.

— *Transporte libre!* — anunciou. — *Estoy celebrando! Voy a transportar cada uno de ustedes a su casa!* Uma carona até em casa! *No dinero*, de graça. *Vengan conmigo! Vamos a parar en Yumbo Buffet. Podemos comer todo lo que queremos!* Além de pedir comida para levar! Carona grátis até a porta de casa. Tudo que conseguirem comer no caminho! *Todo libre!*

— *Antonio, no manejas borracho?*

— Não, não. Eu não bebi nada. Podem me cheirar. Vamos!

O pessoal então subiu na caminhonete do serviço de manutenção de piscina. Dois na cabine com ele e três na caçamba.

— Primeiro vamos pegar só mais um — avisou Antonio.

Cari Mora estava no segundo andar da casa com um pacote de seis rolos de papel higiênico e algumas lâmpadas. Os quartos pareciam um chiqueiro, com toalhas e um exemplar da revista pornô *Juggs Triple DDD* no chão do banheiro. Na única cama arrumada havia revistas de história em quadrinho indecentes e cinco partes de um AK-47 espalhadas. Uma lata de lubrificante vazava na colcha ao lado de dois pentes carregados. Ela pegou a lata com dois dedos e a colocou na cômoda.

Seu celular tocou. Antonio.

— Cari, se protege. Fica pronta para se mandar daí. Estão ameaçando Benito. Estou indo atrás dele. Marco está vindo para o ancoradouro.

Ele desligou.

Cari olhou lá para baixo pela janela do quarto. Viu Bobby Joe cutucar Benito com o cano de uma pistola.

Slap-slap clique-clique — Cari botou o cilindro de gás no AK-47.

Quando puxou o cão com o polegar e o firmou assim com o gatilho, o ferrolho e o carregador do ferrolho deslizaram com facilidade, seguidos da mola de recuperação e da capa protetora. Verificação de funcionamento. Ela inseriu um pente e enfiou um cartucho na câmara.

Montado e carregado em quarenta e cinco segundos. Ela voltou à janela. A massa da mira do fuzil cobria a parte de trás da cabeça de Bobby Joe. O portão de entrada estava abrindo.

Ao entrar com a caminhonete, Antonio ligou para o capitão Marco no barco, botou o celular em viva voz e o deixou no bolso do peito.

Antonio viu Umberto botando três blocos de concreto e um rolo de arame na caçamba da caminhonete de Felix. Benito estava atrás da caçamba com Bobby Joe e Felix. As mãos dele estavam para trás, provavelmente atadas, pensou Antonio. Antonio chegou perto com a caminhonete. Desceu do veículo e se aproximou do velho.

Ao ver a caminhonete de Antonio cheia de gente, Bobby Joe escondeu a arma atrás do quadril, ainda empunhando-a.

— Ei, Benito! Ei, *señor*! Me mandaram te levar para casa — disse Antonio. — Me desculpa por ter esquecido.

— A gente cuida disso — interveio Felix.

Os passageiros de Antonio observavam.

— Não, *señor* — insistiu Antonio, falando bem alto. — Eu prometi para a *doña* Lupe que ia levar o marido dela a tempo do jantar e completamente sóbrio.

Uma risada geral do povo amontoado na caminhonete. Alguns ficaram intrigados, pois tinham quase certeza de que Lupe estava morta havia vários anos.

— Ela vai me matar se eu aparecer sem ele. — Antonio se virou para os passageiros. — A Lupe vai ou não me matar?

— *Sí* — confirmaram vários na caminhonete. — *Cierto.* Com certeza. A Lupe vai te matar. Ela matou todo mundo que deixou ele beber.

Bobby Joe se aproximou de Antonio e sussurrou:

— Desaparece daqui.

— Tenta fazer alguma coisa comigo na frente dessa gente toda, bafo de bunda — retrucou Antonio baixinho.

Hans-Peter Schneider apareceu na escadaria da entrada. Bobby Joe e Felix olharam para ele. Schneider acenou a cabeça levemente para os dois. Felix deu um passo para o lado, ficando atrás de Benito, e cortou as abraçadeiras que prendiam os punhos dele. Hans-Peter Schneider desceu os degraus e entregou a Benito um belo maço de notas.

— A gente vai precisar que você volte daqui a duas semanas, *comprendes*? Eu dou outro como esse. Não tem por que a gente não trabalhar junto.

Houve muita reclamação e zombaria entre os passageiros da caminhonete enquanto Benito se acomodava na caçamba.

Antonio falava para o celular no bolso, conversando com Marco.

— Cadê a Cari?

— Eu cuido dela. Ela vai sair pelos fundos, estou esperando no embarcadouro. Vai embora! — disse Marco.

Antonio deu ré seguindo para o portão. Hans-Peter estendeu as mãos, as palmas voltadas para seus homens.

— Deixem.

Cari desceu a escada em caracol carregando o fuzil. Não encontrou ninguém. Tirou o pássaro da gaiola e o botou no ombro.

— É melhor segurar firme aí. E deixa os meus brincos em paz — disse, atravessando o jardim para ir até o ancoradouro, onde o barco pesqueiro a esperava, pressionando tanto a proa que a doca sacudia.

Ela entregou o fuzil a Marco, na proa, e pulou no convés, com o pássaro batendo asas no seu ombro. O pesqueiro recuou com dificuldade, Marco com sua arma dando cobertura, apontando-a para as janelas traseiras, sem ver ninguém.

Antonio se afastou da casa na caminhonete e o portão se fechou atrás deles.

— Sua camisa está um lixo — comentou com Benito o homem sentado no estepe. — Não vão deixar você entrar no Yumbo Buffet.

8

O capitão Marco estava com Benito e Antonio no galpão aberto. Um único holofote no alto iluminava o estaleiro. Cinco minutos de chuva, e já dava para sentir o cheiro de terra molhada. O escoamento do telhado traçava uma linha no solo.

— Você acha que Felix está jogando dos dois lados? — perguntou o capitão Marco.

Benito deu de ombros.

— É provável que sim. Ele podia ter pedido que eu não dissesse nada feito homem, me pagado uma grana decente... mas precisou mostrar a faca. Acho que aquela faca ia caber muito bem no cu dele e ainda ia ficar frouxo, com espaço para aqueles óculos escuros.

— Falando de buracos, esse debaixo do pátio chega até a casa do Pablo? — quis saber o capitão Marco.

— Não sei, mas é fundo. O mar cavou onde o FBI devia ter cavado. Dá para ouvir o barulho da água, ele vai dar na baía, por baixo do quebra-mar.

Mariposas voavam em torno de uma lâmpada descoberta acima deles. Uma delas foi parar na cabeça de Antonio, que começou a sentir cócegas na testa, até que a espantou com a mão.

O capitão Marco se serviu de uma pequena dose de rum e espremeu limão no copo.

— Quanto tempo eles vão ficar com a casa?

— No portão tem uma licença de filmagem de trinta dias — respondeu Antonio. — Em nome de Alexander Smoot, da Smoot Produções.

Benito esfregou um limão na borda do copo. O rum era Flor de Caña 18 e o sabor o fez fechar os olhos por um segundo de felicidade, sentindo seu gosto nos lábios de Lupe muitas luas atrás, como se ela estivesse presente ali naquele momento.

Quando eles viram Cari Mora saindo do escritório do estaleiro, Benito preparou para ela um drinque igual ao dele e Antônio trouxe outra cadeira de junco à mesa. A grande cacatua, que estava empoleirada no ombro dela, saltou para o encosto da cadeira. E Cari lhe deu uma uva das que estavam numa tigela sobre a mesa.

— Toca, *mamacita*! — disse o pássaro numa referência a uma habitação anterior nessa sua vida de altos e baixos.

— Shh — fez ela, e deu outra uva ao pássaro.

— Cari, você tem que ficar bem longe daquele lugar — recomendou Benito. — Hans-Peter vai vender você, sabia disso? Ele jamais vai acreditar que você não está com a gente.

— Eu sei.

— Ele tem ideia de onde você fica quando não está na casa?

— Não, nem Felix.

— Você precisa de um lugar para ficar? — perguntou Benito.

— Eu tenho um quarto vazio — apressou-se a dizer Antonio.

— Está tudo bem. Eu tenho um lugar para ficar — avisou ela.

O capitão Marco abriu as plantas da mansão na mesa.

— Cari, você sabe o que está acontecendo por lá?

— Eles abriram buracos nas paredes e estão destruindo o porão inteiro à procura de alguma coisa — respondeu ela. — Não é difícil imaginar do que se trata. Claramente vocês estão atrás da mesma coisa.

— Você sabe quem somos?

— Provavelmente. Para mim, vocês são meus amigos *señor* Benito, Antonio e capitão Marco. Eu não preciso saber mais nada.

— Você pode entrar nos negócios ou ficar de fora — ofereceu o capitão Marco.

— Prefiro ficar de fora, mas quero que vocês ganhem — disse Cari. — Talvez eu possa contar o pouco que sei e talvez vocês não me contem nenhum segredo que eu tenha que guardar.

— O que você viu na casa?

— Hans-Peter Schneider discutiu várias vezes aos berros pelo telefone com um sujeito chamado Jesús. Ele usava um cartão pré-pago para ligar para a Colômbia. *Mucha lucha*. Ele perguntava e perguntava: "Onde está?" Eles passaram detectores de metal na casa inteira, do sótão ao porão. Muitos vergalhões nos alicerces, eles perfuraram uma ou duas vezes. Tinham uma broca magnética enorme, uns quarenta quilos, e dois martelos hidráulicos.

— E o que você devia achar que eles estavam fazendo enquanto colocavam a casa abaixo?

— Felix disse para eu não me preocupar, era responsabilidade dele, como corretor da locação. Eu pedi que colocasse isso por escrito. Ele disse que não. O tal Schneider tinha prometido algum dinheiro. Acho que era bastante dinheiro.

— E pagou?

— Ah, não. Ele só ficou se exibindo e me deu dinheiro para fazer as compras do almoço. Recebi uma mensagem do Felix aqui. "O chefe não quer mais você, mas pode vir buscar seu dinheiro. Ou podemos mandar para sua casa quando der o endereço, ou então eu vou entregar pessoalmente assim que puder..." Tá bom, eu vou cair nessa, sim.

— Alguém viu você saindo da casa?

— Acho que não, mas não tenho certeza. Acho que estava todo mundo lá na frente.

— Eles sentiram falta da arma — comentou Marco. — Quem sabe eles não voltam a ver esse fuzil...

— Bem, eu já vou indo então — disse Cari.

Antonio se levantou rapidamente.

— Espera um pouco, Cari, e eu te levo para onde quer que você esteja ou não morando.

— Tem uma cadeira confortável lá fora no ancoradouro — sugeriu Marco.

Antonio levou o drinque para ela e voltou à mesa.

— Schneider precisa tomar cuidado agora — disse o capitão Marco. — Se os *federales* souberem que ele está cavando em Miami Beach, vão cair em cima dele que nem coco da árvore.

Marco desenrolou algumas plantas da mansão na mesa e as manteve abertas com a garrafa e um coco.

— Foi o advogado do Pablo que registrou essa planta na prefeitura para conseguir a autorização anos atrás, quando construiu o pátio — disse o capitão. — Olha só, ele está apoiado em pilastras de concreto. Por isso não desabou quando o mar começou a escavar por baixo. Você viu a foto que Felix tirou?

— Por cima do ombro dele — respondeu Benito. — Ele ficou o tempo todo com ela perto daquele peito estufado. Eu tirei essa aqui. Não dava para fazer melhor com um celular com flip.

— Qual o tamanho da caixa que você viu?

O velho jardineiro botou o dedo grosso na planta da casa.

— A caixa estava mais ou menos aqui. Só dá para comparar com o crânio do lado dela nessa imagem sem nitidez. A caixa é maior que uma geladeira grande. Tipo aquela máquina de fazer gelo enorme do Mercado de Peixes de Casablanca.

— Essa caverna é enorme, o buraco por baixo do quebra-mar também deve ser grande — sugeriu Antonio.

— O suficiente para tirar uma máquina de gelo avantajada? — quis saber o capitão.

— Nacho Nepri deve conseguir tirar com o guincho enorme da barcaça dele — disse Antonio. — Ele transporta blocos de enrocamento maiores que isso com o guincho e o guindaste. Se a gente conseguir que ele faça o trabalho.

— A gente precisa ver o buraco debaixo do quebra-mar. Como fica a água na maré alta? — perguntou o capitão.

— Uns dois metros e meio nessa área — respondeu Antonio. — Posso dar uma olhada mergulhando na baía.

— Quer mergulhar do barco pesqueiro?

— Não, posso ir até uma casa na mesma rua onde eu cuido da piscina. Prefiro partir de lá e margear o quebra-mar.

— Amanhã a maré começa a baixar meia hora antes do pôr do sol — avisou Marco. — A previsão é de tempo limpo. Claridade ofuscante da baía na cara deles, e é provável que a maré tenha juntado muito mato. Não entra no buraco, Antonio. É só chegar até lá por baixo do mato acumulado na água e dar uma olhada. Você tem tanque de oxigênio?

Antonio fez que sim e se levantou para sair.

O velho jardineiro ergueu um brinde a ele.

— Antonio, *gracias* pela carona hoje.

— *De nada* — respondeu Antonio.

— Embora eu ache que a minha conta no Yumbo Buffet tenha sido cara demais para aquela gente da caminhonete — acrescentou Benito. — Depois de encher o bucho até

não poder mais, eles ainda tiveram a cara de pau de pedir para levar, com três *gaseosas* para ajudar a descer. Antonio... *escúchame, joven*: você vai ter que tomar muito cuidado agora. Bobby Joe vai ficar atrás de você.

— Se ele tiver alguma sorte, não vai conseguir me encontrar — disse Antonio.

O capitão Marco voltou para seu apartamento conjugado perto do estaleiro.

Benito deu a partida na velha caminhonete e voltou sacolejando para casa. Eles deixaram o incinerador aceso, a porta aberta para a luz do fogo.

* * *

Lupe esperava Benito, em espírito, no jardinzinho que tinha cultivado nos fundos da casa. Ele sentiu sua presença quente e próxima enquanto os vaga-lumes piscavam acima das flores brancas iluminadas pelo luar. Encheu um copo de Flor de Caña para si e outro para ela. Bebeu os dois sentado no jardim com Lupe, e o simples fato de estarem lá juntos já bastava.

Cari e Antonio estavam num velho assento de carro na doca do estaleiro, olhando para o céu. Chegavam, atravessando a água, as batidas ritmadas de uma música ao longe.

— O que você quer? — perguntou Antonio. — O que gostaria de ter?

— Eu quero morar num lugar que seja meu — disse Cari, mordendo o limão e jogando-o de volta no drinque. — Uma casa em que qualquer lugar onde se ponha a mão esteja limpo. E onde eu possa andar descalça e o chão seja gostoso de pisar.

— Morar sozinha?

Ela deu de ombros e fez que sim.

— Se a minha prima tivesse um bom lugar também e alguma ajuda com a mãe dela. Eu quero a minha casa. Fechar a porta e ficar em paz. Ser a dona do pedaço. Ouvir a chuva batendo no telhado sabendo que não está pingando no pé da cama, mas escoando para o jardim.

— Um jardim também?

— *Cómo no?* Eu queria ter um lugarzinho para plantar algumas coisas. Sair para colher alguma verdura e cozinhar. Preparar um pargo no vapor numa folha de banana. Colocar música alta na cozinha quando quiser e, quem sabe, beber enquanto cozinho, dançando na frente do fogão.

— E um cara? Você vai querer um cara?

— Eu quero ser a dona da porta de casa. Aí talvez possa convidar alguém.

— Digamos que eu aparecesse e batesse na porta. Tipo, sabe como é, Antonio Solteiro aparece.

— Você vai ser o Antonio Solteiro, Antonio? Antonio *Soltero* Antonio? — O rum estava uma delícia.

— Não, eu não vou ser Antonio *Soltero*. Por enquanto, não. Se eu fizer isso, alguém vai ter que sair do país. Não vou fazer uma coisa dessas. Eu consegui a cidadania servindo nos Fuzileiros Navais. Ela não vai conseguir a dela assim. Vai ter que esperar. E ela é minha amiga, vou esperar com ela. O irmão dela serviu comigo. E morreu. — Antonio tocou na tatuagem com o globo e a âncora no braço. — *Semper fi.*

— *Semper fi* é uma boa. Mas essa é só uma das suas tatuagens.

— Os Dez Sinos? Eu era um menino. Era outro tipo de escola. Outras habilidades. Não tenho que me justificar com você.

— Verdade.

— Só digo isso: quando as minhas coisas estiverem em ordem, tipo, para servir para você? Aí mesmo é que você não se livra de mim.

Ouvia-se música vinda dos barcos escuros rio acima e abaixo, com suas telas de TV reluzindo. Agora, o belo e estranho tema de Rodrigo Amarante em *Narcos*. Chegava até eles mais a percussão da conga que a melodia.

Antonio se achava dono de uma voz bem razoável. Ele olhou nos olhos de Cari e começou a cantar.

Sou o fogo que queima tua pele,
Sou a água que mata tua sede,
Do castelo, a torre sou eu
A espada que guarda o caudal.

Por um momento a buzina de um barco encobriu sua voz.

Você é o ar que eu respiro
E a luz da lua no mar.

Nuvens passaram sob a lua, pintando borrões de prata e fuligem no rio em movimento. Por um instante pareceu fácil enfrentar o rio.

Fagulhas saltaram do fogo.

Cari se levantou e deu um beijo no alto da cabeça de Antonio. Ele voltou o rosto para ela, mas já era tarde.

— Preciso ir para casa, Antonio *Soltero*.

9

Os únicos parentes de Cari em Miami eram sua velha tia Jasmín, sua prima Julieta e a bebê de Julieta.

Quando não dormia no trabalho, Cari ficava com elas num conjunto habitacional perto da Claude Pepper Way, em Miami. O marido de Julieta havia sido detido pelo ICE quando se apresentou voluntariamente para se registrar, conforme as instruções. Estava na prisão de Krome aguardando a deportação por causa de um cheque sem fundos.

Como tantos moradores de Miami que chegaram aos Estados Unidos a pé, Cari não falava da sua vida com ninguém. Só Marco e Antonio sabiam da sua prima e onde Julieta morava.

Já era tarde da noite quando ela enfiou a chave na porta dos fundos para entrar no prédio. A tia de Cari, sua prima e a bebê estavam dormindo. Ela foi ver como estava tia Jasmín, confinada à cama, minúscula e morena contra os lençóis. Olhou para o rosto adormecido dela. Os olhos de Jasmín se abriram, pupilas grandes e insondáveis olhando para Cari. Ela se sentiu afundar naquele olhar. Via nos traços da tia vagas semelhanças com o rosto da mãe, da mesma forma que, às vezes, distinguia formas conhecidas nas nuvens. Teve a impressão de que Jasmín estava tentando lhe contar um segredo, tentando se lembrar de algo importante para lhe dizer, algo que só os mais velhos entendiam, embora Cari soubesse muito bem que a tia já estava longe.

Cari estava com o cheiro da arma nas mãos. Esfregou-as com suco de limão e sabonete antes de se sentar ao lado da bebezinha adormecida, ouvindo-a respirar. Há muito tempo Cari não sentia o cheiro de lubrificante de armas nem sentia o gosto de cobre da guerra, feito uma moeda debaixo da língua...

Aos 11 anos, Cari havia sido levada do seu vilarejo sob a mira de armas e recrutada à força pelas FARC, as Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia.

As FARC a submeteram a um treinamento e tiraram uma foto sua como uma soldada infantil da Nova Colômbia. Aplicaram um implante anticoncepcional de praxe no seu antebraço e passaram a usá-la nas missões em que se mostrava mais útil — ela era rápida, habilidosa e forte. Cari era uma criança entre várias outras na base guerrilheira,

no recôndito da floresta de Caquetá.

No início, fizeram com que parecesse um acampamento para as criancinhas. Os oficiais diziam que elas podiam voltar para casa em duas semanas se não gostassem do exército. Mas, na verdade, jamais poderiam voltar.

Quando não estavam em treinamento, as crianças brincavam. Muitas vinham de lares disfuncionais e se sentiam gratas pela atenção recebida. Quando cessavam os ataques aéreos, se dançava no acampamento à noite. O sexo entre adolescentes não era reprovado, mas casamento e gravidez eram proibidos. O aborto era obrigatório. Os oficiais diziam que eles estavam casados com a revolução.

A música e as luzes coloridas pareciam mágicas para muitas crianças, que vinham de vilarejos remotos.

Até que, um mês depois, durante uma festa à noite em meio às árvores, um casal tentou fugir. Tinham 13 anos e era a segunda transgressão dos dois. Os piquetes os encontraram caminhando em áreas rasas do rio Caquetá. Os patrulheiros os mantiveram onde estavam, sob a luz das lanternas, e mandaram avisar no acampamento. Todo mundo se juntou na margem do rio.

O *comandante* fez um discurso, as luzes se refletindo nos oculinhos redondos. Vinham acontecendo algumas deserções recentemente, e isso precisava acabar. Os dois adolescentes tremiam de frio sob a luz das lanternas, as pernas bambas, as roupas molhadas, as mãos amarradas nas costas com abraçadeiras de náilon. As roupas da menina, coladas ao corpo, revelavam uma barriguinha de grávida. O pacote de comida que levavam estava no chão ao lado deles. De mãos atadas, o menino e a menina não tinham como se abraçar. Estavam próximos, as cabeças se tocando.

O *comandante* falava do quão errado era desertar. Deveriam ser punidos?

— Vamos julgar esses dois — disse. — Eles devem ser punidos? Eles desertaram e levaram alimentos de vocês. Quem acha que eles devem ser punidos levanta a mão.

Todos os adultos e a maioria das crianças achavam que sim, eles deviam ser punidos. Cari levantou a mãozinha com os outros. Sim, deviam ser punidos. Talvez levar uma surra. Ou até ficar sem o café da manhã. Lavar a louça com a Cari? O *comandante* fez um sinal com a mão. Os guardas empurraram o menino e a menina na água e atiraram neles. No começo, pareceram hesitar em atirar. Ninguém queria ser o primeiro. O *comandante* gritou. Um tiro, dois, depois muitos. As duas crianças caíram de bruços e rolaram, ficando de barriga para cima, e depois de bruços de novo, o sangue se espalhando na água ao redor, e acabaram flutuando lentamente na correnteza. Um dos guardas empurrou a menina morta com o pé quando o corpo ficou preso numa raiz. As pontas das abraçadeiras brancas se projetavam longe dos pequenos punhos. E eles seguiram boiando de barriga para baixo, lado a lado, o sangue na água parecendo uma echarpe ao redor de ambos. Cari chorou. A maior parte das crianças gritou e chorou. Elas ainda ouviam o rádio do acampamento tocando música para dançar.

Como eram pequenos os punhos das crianças mortas. Como as pontas das abraçadeiras se projetavam longe dos pequenos punhos. Quando Cari ouviu a palavra "horrível", sua mente se fixou nisso.

Havia abraçadeiras em toda parte, durante um tempo estiveram na moda tanto para os guerrilheiros quanto para seus inimigos, os paramilitares: uma carreira de

abraçadeiras presa ao cinto, prontas para prender os punhos de um prisioneiro. Abraçadeiras não apodrecem, e seu branco brilha mais que os ossos dos esqueletos no solo da floresta. Quando deparava com um cadáver na mata, não era o rosto em putrefação que deixava o estômago de Cari revirado nem os urubus de barriga cheia batendo as asas para fugir. Era a abraçadeira reluzente atando os punhos. Os guerrilheiros treinavam com elas — como atar um prisioneiro usando uma única mão para prender as abraçadeiras, como forçá-las para escapar, como cortá-las com cadarços de sapato. Punhos atados eram recorrentes nos sonhos de Cari.

Não hoje, não essa noite em Miami, numa cadeira ao lado da bebê na casa da prima. Da janela tinha visto a abraçadeira nos punhos de Benito ser cortada e o velho ir embora vivo.

Ela não pensava em mais nada. Ficou ouvindo a bebê respirar e caiu no sono.

10

Barranquilla, Colômbia

A Clínica Ángeles de la Misericordia, onde Jesús Villarreal está internado, é um hospital para os pobres numa movimentada rua comercial. Ao meio-dia, um Range Rover preto parou em frente a ele. A multidão na rua e as carrocinhas dos camelôs passavam em torno do carro, enquanto os vendedores discutiam e davam empurrões para abrir espaço.

Isidro Gomez, corado e grandalhão, saltou do banco do carona. Bastou erguer o queixo para abrir caminho para o carro no meio-fio. Gomez abriu a porta de trás. Seu chefe saltou.

Don Ernesto Ibarra, 44 anos, conhecido nos tabloides como "Don Teflon", é um homem de estatura média, usando uma jaqueta de safári feita de linho.

Alguns pacientes do hospital reconheceram Don Ernesto de imediato e o chamaram pelo nome quando ele passou com Gomez pela desoladora enfermaria do térreo, com piso gasto de linóleo e camas separadas por divisórias.

O quarto de Jesús Villarreal era um dos dois quartos particulares no fim da enfermaria. Gomez entrou sem bater. Saiu um minuto depois, limpando as mãos com um lenço antisséptico. Ele acenou a cabeça para Don Ernesto, que entrou.

Jesús Villarreal estava na cama, um homem velho e murcho, preso na armadilha de grades e tubos. Ele afastou a máscara de oxigênio do rosto.

— Você sempre foi cuidadoso, Don Ernesto — comentou Jesús Villarreal. — Agora você revista gente no leito de morte? Manda esse grandalhão apalpar gente acamada?

O Don sorriu para ele.

— Você atirou em mim em Cáli.

— Eram negócios, e você revidou — retrucou Jesús.

— Eu ainda considero você um sujeito perigoso, Jesús. Encare isso como um elogio. A gente pode seguir em frente numa amizade.

— Você é um educador, Don Ernesto, um acadêmico. Você ensina as melhores formas de roubar. Mas na escola dos Dez Sinos não se ensina amizade.

Don Ernesto analisava Jesús, encolhido naquela cama de hospital. Enquanto olhava

para o velho, Don Ernesto inclinava e virava a cabeça, como faria um corvo examinando uma frutinha silvestre no chão.

— Você não tem muito futuro, Jesús. Você me chamou, e eu vim porque tenho respeito por você. Você era o capitão do Pablo, nunca entregou ele, e apesar disso ele não deixou nada para você. Vamos aproveitar o tempo que você ainda tem e conversar como homens.

O velho respirou um pouco com a máscara para complementar o tubo do nariz. Ele falava em grandes torrentes de palavras.

— Em 1989, levei ouro para o Pablo em Miami no meio do gelo, na minha traineira. Meia tonelada de ouro com peixes por cima... um pouco de garoupa e muita corvina. Trinta barras de ouro daquele tipo que chamam de Good Delivery, quatrocentas onças troy cada uma, numeradas. Além de vinte e cinco barras de um quilo, daquelas achatadas, mas de ouro doré das minas de Inirida. E um saco enorme de barras tola de cento e dezessete gramas, não sei quantas. — Jesús descansou um momento, puxando o ar. — Quase meia tonelada de ouro. Eu posso dizer onde está. Você sabe quanto vale meia tonelada de ouro?

— Cerca de vinte e cinco milhões de dólares.

— E o que eu levo?

— O que você quer?

— Dinheiro e segurança para Adriana e o menino.

Don Ernesto assentiu.

— *Claro.* Você sabe que a minha palavra vale.

— Sem querer ofender, Don Ernesto, mas a minha política é "pague e leve".

— Com a mesma cortesia, pergunto a quem mais você vendeu essa informação, além de Hans-Peter Schneider.

— É tarde demais para ficar brincando de quem fode quem — disse Jesús. — Ele achou o cofre com o ouro, mas não tem como abrir e continuar vivo se eu não explicar como. Talvez Hans-Peter Schneider tente levar aquele negócio para um lugar afastado.

— E ele consegue mover aquilo e continuar vivo?

— Talvez não.

— Por acaso o cofre tem uma chave de mercúrio? Vai explodir se for deslocado?

Jesús Villarreal se limitou a contrair os lábios num bico. Seus lábios estavam ressecados, era difícil e doloroso contraí-los.

— Então me diz como abrir — pediu Don Ernesto.

— Sim. Eu vou explicar certas dificuldades agora, e, quando você vier com *dinero efectivo*, a gente conversa sobre como resolver cada uma delas.

11

Uma poeira trazida da África pelo vento tingia de rosa o alvorecer de Miami. Do outro lado da baía de Biscayne, as janelas refletiam a luz do sol num clarão alaranjado enquanto ele nascia sobre o mar.

Hans-Peter Schneider e Felix estavam no pátio da mansão Escobar ao lado do buraco no gramado.

Com uma enxada e uma picareta, Umberto o abrira ainda mais. Da escuridão lá embaixo vinham ruídos de sucção. Conforme o mar pulsava pela abertura sob o quebra-mar e invadia a caverna abaixo deles, o buraco exalava um ar fétido. Eles viraram o rosto para o outro lado por causa do fedor.

Bobby Joe e Mateo trouxeram equipamentos da casa da piscina.

Uma revoada compacta de pelicanos passou no alto, pronta para mergulhar em busca de peixes.

— Como é que eu vou saber que merda Jesús disse para o Don Ernesto? — questionou Schneider. — Eu não estou nem aí se a gente vai tirar pela frente ou por trás. E o cara de Lauderdale?

— Clyde Hopper, o engenheiro — disse Felix. — Ele tem o equipamento e vai se encontrar com a gente e resolver isso. Quer uma reunião no barco.

— O número dele está nesse celular? — perguntou Hans-Peter, e bateu na palma da mão com o celular descartável azul que estava na mala do carro de Felix.

— O que é isso? Eu não sei — disse Felix, umedecendo os lábios com a língua.

— O celular da mala do seu carro. Me diz a senha para desbloquear o aparelho. Caso contrário, o Bobby Joe vai estourar os seus miolos.

— Asterisco-meia-nove-meia-nove. É só para falar com a minha namorada, sem a minha esposa... Sabe como é.

Hans-Peter fez um bico enquanto digitava no celular e confirmou a senha. Mais tarde exploraria melhor o aparelho.

— Beleza — disse Hans-Peter. — Beleza. Talvez não seja preciso arrastar essa merda lá de dentro. Talvez a gente possa estourar por trás. Vamos entrar no buraco para ver.

— Quem vai entrar? — quis saber Felix.

Atrás dele estavam Bobby Joe e Mateo. Umberto estava com os dois, segurando um

arnês.

A corda do arnês passava por uma roldana num galho enorme de uma uva-da-praia acima do buraco e chegava até um molinete, um guincho de caixões movido a manivela.

Bobby Joe exibiu o arnês.

— Coloca isso — disse Schneider a Felix.

— Isso não está no contrato — argumentou Felix. — Se acontecer alguma coisa comigo, vocês vão ter problemas com o meu escritório.

— Está no contrato que você vai fazer qualquer merda que eu mandar — declarou Schneider. — Você acha que é o único com a mão estendida no seu escritório?

Bobby Joe colocou o arnês em Felix e o prendeu à corda. Felix beijou uma medalha que trazia pendurada no pescoço.

Hans-Peter ficou diante de Felix para saborear um pouco do medo dele antes que tivesse o rosto coberto pela máscara.

Era uma máscara de gás com dois grandes filtros de carvão vegetal na altura das bochechas e um capacete com uma câmera de vídeo e uma lanterna de mineração. Presos ao arnês estavam uma lanterna poderosa e um coldre grande. Felix podia se comunicar por voz.

Era difícil para ele respirar direito pelos filtros da máscara.

Pássaros cruzavam o céu, corvos atacando um falcão. Felix olhou para cima e pensou *Eu adoro o céu*. Nunca tinha pensado nisso antes. Sentia as pernas fracas.

— Me dá uma arma — pediu.

Bobby Joe botou um revólver grande no coldre e fechou a aba.

— Nem pensa em colocar a mão nessa arma enquanto estiver aqui em cima — ameaçou.

Felix foi baixado no buraco. O ar subterrâneo parecia quente. Seu corpo girou um pouco, pendurado no cabo.

Depois que a cabeça passou da grama, ficou difícil enxergar. A luz do dia que atravessava o buraco se refletia muito pouco no concreto irregular do quebra-mar. A penumbra se transformava em escuridão absoluta à medida que a caverna se estendia. A distância da superfície da água até o teto variava de quase dois metros a pouco mais de um, conforme as ondulações entravam pelo buraco. Quando a água bateu na cintura de Felix, seus pés encontraram o fundo. O mar subia e descia, chegando dos quadris ao peito. As raízes enroscadas da uva-da-praia desciam pelo teto da caverna. Duras demais para serem afastadas. A lanterna de Felix volta e meia saía da água, projetando as enormes sombras das raízes. Aqui e ali ele via a parte inferior do pátio de concreto e terra pendendo sobre sua cabeça.

Hans-Peter Schneider acompanhava por um laptop, a voz de Felix saindo bem baixinha pelos alto-falantes.

— O fundo é bem plano, dá para andar. Estou com água até o peito. Caralho! Isso é metade de um cachorro!

— Você está indo muito bem, Felix. Vai olhar a porra do cubo — mandou Schneider. — Vai agora.

Felix avançou lentamente para o fundo da caverna. As pilastras do pátio ao seu redor pareciam pilares de um templo submerso. Ele suava. A luz da lanterna na sua cabeça

alcançava a praia e refletia algum metal. A enorme lanterna revelou que a praia estava coberta de ossos, mas havia um único crânio humano. O cubo era realmente muito grande.

— É uma caixa, mais alta que larga. Chapa de aço xadrez, tipo piso antiderrapante. As arestas foram soldadas.

— Qual o tamanho? — perguntou Schneider.

— Uma geladeira; maior, um refrigerador comercial.

— Alguma barra para içar? Alças?

— Não dá para ver.

— Então chega mais perto e olha.

Um som efervescente atrás de Felix. Ele se virou para o ruído. Viu círculos concêntricos de bolhinhas subindo.

Felix saiu correndo até a praia.

— Não tem alças, nenhuma barra, nem porta nem tampa. Não dá para ver toda ela, tem partes cobertas de terra.

Um som efervescente, e Felix iluminou os arredores com a lanterna. A luz se refletiu num par de olhos vermelhos na água escura. Ele deu um tiro na direção dos olhos e eles desapareceram.

— Eu vou sair, eu vou sair.

Ele vadeou o mais rápido possível, para se posicionar de novo debaixo do buraco no teto da caverna.

— Me puxa! Me puxa!

O molinete girava, o cabo era puxado na frente dele e já estava fora da água, pingando. Depois de ficar retesado, Felix começou a ser içado quando um tremendo tranco o jogou para o lado, lançando-o na água outra vez e fazendo a lanterna escapar da sua mão, a pistola disparou para o teto.

Lá em cima no jardim, o molinete girou ao contrário, a manivela bateu nas mãos e nos braços de Bobby Joe, zunindo enquanto o cabo era liberado e corria rapidamente buraco abaixo.

Na caverna, o cabo resvalou pelo buraco sob o quebra-mar, se retesou e cantou, fazendo a água respingar. E caiu inerte no solo da caverna.

— Puxem ele! — berrou Schneider.

Olhando pelo laptop, Schneider via pela câmera do capacete de Felix o leito do mar passando embaixo dele, enquanto a luz da lanterna de mineração iluminava o fundo. Mateo e Umberto giraram a manivela, puxando o arnês.

Ele saiu do buraco contendo a metade inferior de Felix, a parte de baixo do torso e as pernas, cobertas de voltas de intestino rosa e cinza.

Lá longe, na baía, a mão de Felix emergiu, desenhando uma espécie de onda na água, e desapareceu outra vez.

Ficaram todos em silêncio por um minuto.

— Era a porra do meu revólver — comentou Bobby Joe.

Umberto experimentou o chapéu e os óculos escuros de Felix.

— E a casa? — perguntou.

Hans-Peter tomou os óculos escuros dele.

— Tem uma pessoa no escritório do Felix que gosta desses óculos — disse. — Pode ficar com o chapéu.

12

De manhã cedo, Cari ralava cenouras para a *salsa picante* que Julieta vendia na feira livre.

A grande cacatua branca resmungava no poleiro, irritada com o canto dos galos na vizinhança.

— *Chupa huevos* — disse o pássaro.

Da mesma forma que Cari, Julieta trabalhava como auxiliar de enfermagem em casas de família — uma habilidade que vinha a calhar agora que sua mãe estava confinada à cama em casa, sem atendimento médico.

Elas mobiliaram o pequeno apartamento de Julieta com móveis grandes demais, doados por famílias de pacientes mais velhos que acompanharam até o fim. As famílias dos doentes adoravam as duas jovens; elas eram alegres e fortes o suficiente para levantar o paciente, além de fazerem de tudo sem cara feia. Os móveis eram confortáveis, mas precisavam quase escalá-los naquele apartamento minúsculo.

Na parede da sala havia um belo cartaz de um show em Tel Aviv em 1958; no corredor, uma foto de Julieta de biquíni sendo coroada Miss Hawaiian Tropic.

Do quarto nos fundos, com a bebê chorando, Julieta chamou Cari.

— Cari, você pode esquentar uma mamadeira?

O celular de Cari tocou. Ela precisou enxugar as mãos no avental para pescá-lo na bolsa. Era Antonio.

Ele estava na caminhonete.

— Cari, escuta só. Que tal ganhar quatrocentos paus hoje? — Ele afastou o celular do ouvido por um segundo. — Como? Não estou entendendo, *señorita*, não é um trabalho sujo. *Negocio legítimo, totalmente. Tu sabes que soy un hombre de mi palabra.* Preciso da sua ajuda, Cari. Hoje, no fim da tarde, vou dar uma olhada lá embaixo... Você sabe, vou só dar uma olhada. Vem me ajudar.

13

Com a perspectiva de um trabalho remunerado à tarde, Cari se permitiu um luxo; em vez de pegar um ônibus, tomou um Uber para North Miami Beach, pagando nove dólares e vinte e um centavos.

A casa ficava perto do canal de Snake Creek, numa vizinhança de casinhas bem-cuidadas conquistadas a muito custo pelos seus proprietários. A maioria das famílias tinha no quintal uma mangueira e um mamoeiro, às vezes um limoeiro.

Era a única casa em mau estado, adquirida num leilão judicial depois de o proprietário ser levado pela Imigração e deportado no meio da noite. Passara cinco anos vazia. Cada lado da disputa judicial impedia o outro de realizar os consertos. Havia uma mangueira no quintal, mas a árvore lutava para sobreviver e precisava desesperadamente de uma poda e de adubo.

Cari havia descoberto a casa meses antes e anotara as informações do cartaz no jardim. Na primeira visita, fora acompanhada por um funcionário qualquer do banco completamente desinteressado. O sujeito a deixou entrar e ficou esperando no carro, bebendo TruMoo e tamborilando no volante com seus dedos pálidos e moles. Ele já dissera ao supervisor que Cari "não tinha a menor chance de conseguir um financiamento". E buzinou para apressá-la.

Dessa vez, Cari foi visitar a casa sozinha.

Levou um fertilizante Vigoro para árvores frutíferas comprado na Home Depot. O portão da entrada lateral pendia nas dobradiças e não estava trancado. Ela o empurrou.

Cari se sentou num engradado plástico de leite deixado no mato crescido do quintal e olhou para a mangueira. Colocou a mão dela. A brisa acariciava seus cabelos e sussurrava na mangueira. Ela aplicou o fertilizante, tomando cuidado para não deixar cair no tronco. Mangueiras não gostam de fertilizante no tronco.

Ao ouvir o portão ranger, a vizinha ficou observando Cari por um buraco baixo na cerca. Quando a viu cuidar da mangueira, sua expressão se descontraiu. A mulher apareceu e ofereceu sua escada a Cari, caso quisesse explorar o sótão. Cari entrou na casa.

A luz do sol entrava no quarto por um buraco no telhado. O segundo quarto estava pintado pela metade, uma parede com a pintura concluída e outra incompleta,

esmaecendo cada vez mais até chegar a um pincel ressecado e endurecido no chão, onde o pintor havia terminado de tomar sua garrafa de cerveja. A garrafa vazia e o pincel repousavam num tapete desbotado e enrolado. O piso da casa era de cerâmica de qualidade.

Havia algumas manifestações de vandalismo: VAI SE FERAR OGALVY tinha sido pichado numa parede na altura de uma criança, junto com um desenho grosseiro, provavelmente Ogalvy com orelhas de burro, mas não havia vestígios de uso de crack no piso nem embalagens de comida vazias. O cheiro de mofo vinha de trás do gesso laminado molhado de chuva. A cômoda balançava.

Cari achava a casa maravilhosa.

Más notícias no sótão. Pilastras apodrecendo. No canto, acima da cozinha, havia um ninho feito com folhas e isolante. Cari se ajoelhou nas vigas para examinar o ninho abandonado. Rato? Não, gambá... Sem sombra de dúvida. O espaço interno do ninho tinha a típica saída de emergência lateral, além da entrada principal. Em certa época da vida Cari recorria a sopa de gambá quando o rango acabava. Na selva, havia aprendido a fazer sopa de rato-do-campo para tratar coqueluche, mas descobriu que o gosto era praticamente igual ao da sopa de gambá, além de ser igualmente inútil como remédio. Cari sabia fazer muitas coisas. Não tinha experiência na troca de vigas ou telhas, mas poderia aprender.

Começou a chover com sol, a água caindo torrencialmente na casa, batucando e chiando no telhado, bem perto da sua cabeça, enquanto estava ajoelhada nas vigas. A chuva entrava pelo buraco no telhado, formando uma coluna reluzente dentro da casa, à luz do sol. Ela botou a mão na chuva, como se pudesse mantê-la fora da casa. A tempestade durou poucos minutos. Cari saiu da casa, encontrando uma leve névoa na altura do chão, na esperança de ver um arco-íris. Lá estava ele.

A vizinha era muito baixinha e enrugada. Ela se chamava Teresa e já era velha quando chegou aos Estados Unidos vinda de La Gomera, nas Canárias. Economizava minutos de ligação do celular se comunicando com a irmã, a dois quarteirões de distância, usando *silbo gomero*. Teresa ofereceu a Cari duas mangas da árvore do seu quintal. Ela as colocou numa sacola de um laranja bem vivo da Sabor Tropical.

Entre os vizinhos, começou a explicar Teresa sem que ninguém tivesse perguntado, a manga Prieto era consumida sobretudo nas casas dos cubanos, como os da família Vargas, cujo filho estudava odontologia. A manga Madame Francis era a preferida dos haitianos, como os da família Toussaint, que morava na esquina, cuja filha tinha acabado de entrar na faculdade de direito. A manga Neelam era a favorita da família Vidyapati, uma família hindu de agentes de apostas que morava no fim da rua, cujo filho era estudante de medicina na Universidade de Michigan, prosseguiu Teresa. Os jamaicanos eram muito teimosos e zombavam de todo mundo, preferindo a manga Julie. Essa era a família Higgins, que tinha uma filha farmacêutica. Os chineses não tinham opinião formada e usavam todas as variedades de manga, misturadas com lichia, no seu Café Canton, na rua 163. E o filho *deles*, Weldon Wing, era considerado um palerma pelos mais velhos, pois andava por aí cantando o tempo todo e se apresentava nas noites de *open-mic* como o rapper "Love-Jones". Mas Weldon, ou Love-Jones, logo ganhou prestígio na família depois de adquirir uma franquia do frango frito Popeyes,

que a vizinha pronunciava com o sotaque de Miami: “Popayez”.

Elas ouviram ao longe um assobio fino e nítido. Ele continuou por vários segundos, subindo e descendo.

— Com licença — disse a vizinha. — Ora essa, se eu tenho sacos de aspirador!

Ela enfiou dois dedos na boca e assobiou uma frase tão alto que Cari precisou recuar.

— Eu já disse para ela — explicou a mulher baixinha. — Ela vive pedindo sacos de aspirador emprestados. Sugeri que desse um pulo no Walmart, onde eles *vendem* esses sacos. Você está interessada nessa casa? Vou rezar por você. Posso regar a mangueira pelo buraco da cerca que a gente usa para espiar.

14

Meia hora antes do pôr do sol, a caminhonete de Antonio parou em frente a uma casa a um quarteirão e meio da mansão Escobar. Cari Mora estava ao volante.

— Eu venho cuidar da piscina desse pessoal toda semana — explicou Antonio. — Eles só voltam para Miami Beach no fim de setembro.

Ele saltou do carro e digitou a senha no portão.

O portão se abriu muito devagar, pensou Cari. Ela queria perguntar a senha a Antonio, caso precisasse abri-lo na ausência dele. Mas preferiu não fazer isso.

Antonio percebeu isso pela expressão de Cari.

— Lá de dentro, ele abre quando um carro se aproxima.

E acenou para ela. Cari fez a volta com a caminhonete até ficar de frente para o portão.

— Fica esperando aqui até me ver, ou então eu te chamo.

Ela saltou da caminhonete e ficou ao lado dele.

— E se você tiver algum problema? Eu posso te ajudar — prontificou-se ela. — Posso mergulhar com você. A gente bota a pistola num ziplock e eu fico embaixo do ancoradouro do vizinho te dando cobertura. Eu dou um jeito de manter o pessoal da mansão longe do quebra-mar, se você for visto.

— Nada disso — retrucou Antonio. — Obrigado, Cari, eu convidei você para me ajudar... A gente vai fazer isso do meu jeito, tá bom?

— Antonio, é melhor se eu te der cobertura.

— Cari, você prefere fazer isso do meu jeito ou quer voltar para casa? Você cuida das suas coisas e eu cuido das minhas. Fica aqui na caminhonete. Presta atenção: se eu tiver que sair da água lá na frente, eu te chamo. — Ele mostrou um celular dentro de um ziplock. — Se tiver alguém comigo na rua, vem rápido. Para com a caçamba da caminhonete do meu lado. Eu pulo dentro. Enfia o pé no acelerador e a gente se manda daqui. Não se preocupa. Eu volto em, no máximo, meia hora.

Ele pegou o equipamento de mergulho na caçamba da caminhonete.

Antonio olhou para Cari e viu que as bochechas dela estavam ruborizadas. Ele abriu o porta-luvas e pegou um envelope.

— São os ingressos para o show do Juanes, no Hard Rock. Se não quiser ir com o

Velho e Malvado Antonio, pode ir com a sua prima.

Ele deu uma piscadela para ela e contornou a casa, desaparecendo sem olhar para trás.

Escondido atrás de uma cerca viva, Antonio vestiu a máscara e botou o tanque de oxigênio nas costas. Ao longe, via os iates de lua de mel soltando fumaça em Government Cut. O fato de estar ali com Cari o deixava meio alterado, e ele pensou que talvez os motores dos iates sequer estivessem ligados e a fumaça saísse dos quartos.

O céu estava alaranjado a oeste, a luz que era refletida pela água tremulava por baixo das uvas-da-praia em manchas do tamanho da sua mão.

Antonio desceu a escada do ancoradouro da casa vazia e entrou na água. Ele cuspiu no vidro da máscara e o esfregou. A alça da câmera estava presa no seu punho.

Nadou uns cento e cinquenta metros ao longo do quebra-mar e foi para baixo dos ancoradouros, ficando a quase dois metros de profundidade. Botou a cabeça para fora da água debaixo do ancoradouro do vizinho da mansão Escobar. Os reflexos do sol se pondo tremeluziam embaixo da doca. Ele precisava tomar cuidado com pregos salientes no madeirame. Uma teia de aranha ficou presa no seu cabelo. Antonio rapidamente submergiu, para o caso de a aranha estar na sua cabeça. Acúmulos de mato e capim cheios de copos de isopor e garrafas plásticas passavam trazidos pela maré, acompanhados de uma folha de palmeira comprida feito um jacaré. A tampa de um cooler boiava perto dele, protegendo vários peixinhos do céu.

Eles estavam trabalhando pesado no porão da mansão Escobar. Mateo e o restante da equipe removiam gesso e cimento da parede. Não era fácil. Tinham um martelo hidráulico, formões, pés de cabra e uma serra tico-tico da Sawzall. O ar estava denso de poeira.

Hans-Peter Schneider observava da escada, enxugando a careca pálida com um lenço bordado.

Eles começaram do alto e na metade do dia já tinham descascado o suficiente da parede para revelar primeiro uma auréola, depois a fisionomia de uma figura sagrada, uma mulher pintada na face do cubo voltada para baixo. A figura olhava para eles por cima do gesso e do cimento arrancados. Mateo a reconheceu. Fez o sinal da cruz.

— Nuestra Señora de Caridad del Cobre — disse.

No jardim da mansão Escobar, que dava para o mar, Bobby Joe não conseguia olhar para oeste, na direção da água, sem proteger os olhos do pôr do sol. Revoadas de íbis passavam acima dele, voltando para as colônias de criação em Bird Key. Bobby Joe atirou algumas vezes com um fuzil de ar comprimido, na esperança de quebrar uma asa e ter um pássaro para brincar, mas não conseguiu nada. Na varanda do segundo andar, Umberto estava sentado numa cadeira com os antebraços apoiados na balaustrada e o AR-15 ao lado.

Ao pôr do sol, a mansão irradiava um halo alaranjado, e as nuvens começavam a se iluminar.

Bobby Joe tentou acertar um peixe com a besta, mas ele se esquivou por baixo da vegetação que boiava. Bobby Joe xingou o sol cegante.

* * *

Antonio se aproximou do quebra-mar Escobar por baixo da vegetação flutuante acumulada, mantendo-se na escuridão que se movia acima do lodo e do enrocamento. Estava a quase dois metros de profundidade. Um cardume de tainhas passou por ele, prateado-escuro na sombra e prateado-brilhante outra vez quando voltava para a luz do sol. Dois cormorões passaram acima dele e nadaram com dificuldade atrás dos peixes.

Uma lancha enorme entrou na baía a uns cinquenta metros de Antonio, avançando rápido demais pela área dos peixes-boi e provocando uma grande onda. Havia garotas no convés de proa e uma na popa. As da frente usavam apenas a parte inferior do biquíni.

Umberto observava da varanda do segundo andar. Com uma das mãos focou o binóculo nas garotas e, com a outra, esfregou suas partes íntimas.

Ele assobiou para Bobby Joe lá embaixo.

Por baixo da água, Antonio ouviu o ronco do motor da embarcação. Ele tentou se agarrar ao fundo. A onda veio e o derrubou. O acúmulo de mato e grama subia e descia como um tapete sendo batido, e um dos pés de pato de Antonio emergiu, atravessando sua cobertura.

Umberto viu o pé de pato, mais uma vez assobiou com dois dedos para Bobby Joe e apontou. Então começou a falar pelo walkie-talkie. Pegou o fuzil de assalto e correu para a escada.

Bobby Joe estava mijando de cima do quebra-mar, tentando ser visto pelas garotas. Ele pulou para o chão, atrapalhado com a braguilha.

Dentro da água, Antonio se aproximou do buraco por baixo do quebra-mar. Já conseguia vê-lo. A corrente havia levantado areia e lodo conforme a água pulsava para dentro e para fora do buraco, as ervas marinhas ondulavam perto dele. O buraco era grande mesmo, mais largo que alto, o interior completamente escuro. Uma esponja laranja crescera na frente do buraco. Antonio tirou algumas fotos.

E, de repente, viu rastros de bala descendo pela água, zunindo bem perto.

Umberto e Bobby Joe estavam de pé no quebra-mar. Atiraram várias vezes na concentração de relva boiando, rastros de balas sibilando ao atravessar a água, os mecanismos das armas fazendo mais barulho que os disparos com silenciador. Bobby Joe correu para pegar a besta.

A perna de Antonio estava sangrando, uma nuvem de sangue vermelha e depois cinzenta na água. O buraco assomava diante dele. Rastros de balas na água. Ele se virou de lado para o quebra-mar, tentando permanecer no fundo.

Do quebra-mar, Bobby Joe viu bolhas subindo no meio do mato flutuante. Satisfeito, apontou a besta e atirou. A linha presa à seta se retesou e esguichou água.

Os pés de pato de Antonio pararam de se mover. Acima dele, o acúmulo de mato subia com as ondas, subia como o peito de Antonio.

Esperando na caminhonete a um quarteirão e meio dali, Cari estava com os olhos grudados no relógio.

Passados quarenta minutos, ligou para o celular de Antonio. Ninguém atendeu. Ligou de novo.

Na casa da piscina da mansão Escobar, havia um celular dentro de um ziplock ensanguentado sobre a mesa, ao lado de uma serra tico-tico da Sawzall toda melada. O celular tocava e se movia de lado no saco.

A mão ensanguentada de Bobby Joe pegou o telefone. Ele o tirou do saco com dois dedos e o levou ao ouvido para falar.

— Alô — disse Bobby Joe.

— Antonio? Alô? — disse Cari.

— Nhe-nhém. Antonio não pode atender no momento — respondeu Bobby Joe. — Ele está chupando a gente. Quer deixar recado?

Bobby Joe desligou, rindo. Os outros perto dele também riram. Bobby Joe limpou o sangue das mãos com uma camiseta de uma empresa de manutenção de piscinas.

Mesmo com sol, caiu uma breve chuva, gotas pesadas batendo na caminhonete de Antonio, batucando no teto. O arco-íris que então apareceu logo desapareceu.

Dentro da caminhonete, Cari.

Seu relógio tiquetaqueava. O ponteiro dos segundos só avançava sem de fato fazer nenhum ruído. O tique-taque era na cabeça dela. A pequena caminhonete tinha vidros manuais; ela girou a manivela para baixá-los. Entrou uma brisa fresca e úmida.

Cari sentia os olhos ardendo, mas não chorou. Jasmins-laranja cresciam no muro da propriedade onde esperava Antonio, e ela sentia o perfume deles, mais forte depois da chuva.

E ela viu o noivo morto na estrada com os padrinhos, todos dentro do carro, e o carro estava pegando fogo, incendiado pelos atiradores. Vizinhos foram até a igreja, onde ela esperava com jasmins nas mãos. Foram lhe contar, e ela saiu correndo, correndo para o noivo. O rapaz ruivo estava ao volante, vestindo uma guayabera *branca bordada e morto ali na estrada. As janelas do carro estavam cheias de buracos de balas e ela quebrou o vidro com uma pedra, tentando tirá-lo de lá. Enfiou o braço dentro do carro e o agarrou, querendo puxá-lo. Na aglomeração de pessoas, algumas mais corajosas tentaram afastá-la, mas ela se agarrava a ele, elas puxando e o vidro estilhaçado rasgando os braços dela, até que o tanque de gasolina explodiu, jogando-a para o alto. O sangue secou no vestido de noiva, deixando manchas marrons.*

Cari tinha trazido na pochete duas *baleadas* de carne com queijo, para o caso de ela e Antonio ficarem com fome. Olhou para as *baleadas*. Ainda estavam mornas e seu calor embaçava o interior dos ziplocks. Ela abriu a embalagem e as jogou no chão da caminhonete. Inclinou-se, pegou a Sig Sauer .40 debaixo do assento e a colocou na pochete. Saltou do carro. Respirou fundo algumas vezes, como se quisesse tirar forças do perfume dos jasmins. Estava meio zonza.

Cari caminhou até o portão de entrada da mansão Escobar. Pegou um monte de panfletos e propaganda na caixa de correio. Diria que tinha vindo buscar seu cheque.

Digitou a senha na entrada de pedestres. Havia um espaço entre a cerca viva alta e o muro que separava as propriedades. Conduítes corriam pelo muro de pedra, com quadros de distribuição para a iluminação externa e a irrigação. Dava para caminhar entre a cerca viva e o muro.

Teias de aranhas-caranguejo salpicadas de gotas de chuva reluziam à luz avermelhada do céu enquanto ela passava escondida atrás da cerca viva, se mantendo bem próxima do muro.

Na entrada da garagem, Mateo baixava o assento traseiro do Escalade de Hans-Peter para encher a mala de grandes sacos plásticos. Ele não a viu.

Cari ficou atrás da cerca viva até alcançar o jardim que dava para o mar nos fundos da casa.

A entrada iluminada da casa da piscina tinha marcas de sangue arrastado. Cari abandonou a cobertura e atravessou o jardim. Empurrou a porta da casa da piscina. Viu pernas, pés de pato. Um corpo sobre a mesa de bufê. Os pés de pato apontavam para ela. Cari vira muitas vezes as pernas de Antonio enquanto ele trabalhava na piscina, além de já ter pensado nelas. Aquelas eram as pernas de Antonio. Aquele era o torso de Antonio. Faltava a cabeça.

Olhou para o chão para ver se a encontrava, mas viu apenas uma poça de sangue, escura e mais espessa nas bordas.

Seu rosto estava paralisado, mas as mãos, não. Ela botou a mão nas costas de Antonio. Ele ainda não estava frio.

Bobby Joe entrou na casa da piscina.

Carregava um rolo de sacos plásticos, barbante e uma tesoura de poda que usaria para decepar os dedos de Antonio. Teve dificuldade para passar pela porta de tela com o material e levou um segundo para ver Cari.

Bobby Joe estava sujo de sangue da cabeça aos pés. Ao ver Cari, deixou cair o rolo de sacos plásticos e abriu um sorriso largo. Seus olhos amarelos estavam cheios dela, tragavam-na inteira. Se conseguisse impedi-la de gritar, poderia foder Cari uma ou duas vezes antes de os outros descobrirem e Hans-Peter insistir em matá-la. Sim senhor, dava tempo de jogá-la no chão para uma rapidinha ou duas enquanto ainda estava quente e em bom estado, e os outros que cuspissem no pau e a fodessem morta mesmo, se quisessem.

Sentiu um calafrio agradável atravessar o corpo inteiro, levantou a tesoura e deu o primeiro longo passo, então Cari atirou duas vezes no seu peito. Bobby Joe pareceu surpreso, até que ela atirou na cara dele também.

As pernas de Bobby Joe ainda se moviam quando ela passou por cima dele. Cari ouviu gritos na casa enquanto enfiava a arma na pochete e dava um mergulho perfeito do quebra-mar, vendo lá embaixo a relva e a espuma subindo e descendo como pele ensaboada, a pochete a atingindo com força ao entrar na água, mato ficando preso no cabelo.

Ela viu movimento lá em cima, através dos destroços verdes flutuantes, e nadou com vontade, só voltando à superfície quando já estava debaixo do ancoradouro do vizinho, respirou sofregamente duas vezes e para baixo da água outra vez. Percebeu o movimento de algo longo e escuro nas águas turvas, abaixo e à esquerda. Botou toda a energia que tinha no nado, mas a bolsa pesava. Subiu em busca de ar e mal havia respirado quando sentiu seu tornozelo ser agarrado. Ela foi puxada para baixo, relva no rosto e no cabelo, e se virou, limpando o rosto com o braço. Seu outro tornozelo também foi agarrado e ela foi puxada de novo.

Precisava respirar, e se debateu para subir outra vez. Puxada para baixo novamente. Tirou a relva dos olhos; o peito começava a inchar, logo começaria a aspirar água. Um raio de luz entre o acúmulo de vegetação, e deu para ver que era Umberto com

equipamento de mergulho, máscara, bolhas subindo. Ele ia afogá-la. Manter-se distante e afogá-la, puxando-a para baixo pelos tornozelos toda vez que ela tentasse subir para respirar. Cari botou a mão dentro da pochete. Ele agarrou os tornozelos e ela se curvou para baixo, valendo-se dos tornozelos presos, e Umberto se atrapalhou com os tanques de oxigênio.

Cari pressionou com toda a força a bolsa em Umberto e atirou duas vezes, os gases detonando dentro dele feito uma ponteira explosiva. Empurrou-o com os pés para subir. Com o peito queimando, irrompeu na superfície aspirando ar e um pouco da água salpicada, tossindo e arfando. Cari se agarrou a uma escada do ancoradouro, arranhando as mãos nas cracas, arfando e arfando.

Eram mais uns cem metros até a caminhonete estacionada.

Ela entrou, trêmula, a mão agarrando o forro do banco do carona. Era como se sentisse o toque de uma *guayabera* rendada, com o sangue secando e ficando marrom.

Aspirava com dificuldade o ar carregado de jasmim. Cari não chorou.

15

Cari Mora tinha duas *baleadas* de carne com queijo num ziplock, uma garrafa pequena de água e a Sig Sauer P229 de Antonio com sete balas e um pente extra. Tinha cento e dez dólares na carteira e os apetrechos que usava para retocar as unhas no ônibus. Estava com sua sombrinha de cabo reforçado com três arruelas de chumbo tiradas de reservatórios de cloro. Antonio as prendera à sombrinha dela porque Cari muitas vezes ficava esperando o ônibus no ponto à noite.

No estacionamento de um centro comercial, Cari limpou o interior da caminhonete. Ela se via nos retrovisores enquanto os limpava. Seu rosto não expressava nada. Vestiu o moletom com capuz de Antonio, para o caso de haver câmeras de segurança. O casaco tinha o cheiro dele: desodorante Mountain Air e um toque de cloro. No bolso, algumas camisinhas. Pegou a medalha religiosa pendurada no espelho e a jogou no bolso, junto com as camisinhas. Deixou a caminhonete estacionada e tomou um ônibus.

Perto do ponto onde fazia a baldeação havia um pé de lima-espanhola. Era evidente que o dono da árvore frutífera não sabia do que se tratava nem se dava conta de que havia comida jogada no chão, o que era bem comum em Miami. As limas estavam espalhadas pela grama atrás do ponto de ônibus e pela calçada. Ela também via mangas apodrecendo, desperdiçadas no chão, mas estavam do outro lado de uma cerca, impossível alcançá-las. Catou dois punhados das pequenas limas e as colocou na bolsa. Descascou uma delas para chupar a carne polpuda da semente. Tinha o familiar sabor agridoce e textura de lichia.

Seu celular tocou. Uma ligação do telefone de Antonio. Ela o vira com a cabeça decepada, mas ainda assim sentiu um forte impulso de atender. O celular vibrava no seu bolso. O celular dele estava vivo. Não estava flácido e inerte como os músculos das costas de Antonio quando o tocou na casa da piscina.

Ela se certificou de que os serviços de localização estivessem desativados. Chupou mais seis limas para juntar forças. Na longa viagem de ônibus até o apartamento da prima teria bastante tempo para pensar.

Se a polícia não fosse à mansão Escobar, Hans-Peter Schneider saberia que ela não podia ligar para a polícia. Ele ia achar que ela era parte do pessoal dos Dez Sinos. Cari achava que Schneider não se daria ao trabalho de ir atrás dela enquanto não concluísse

sua missão. Só então, a seu tempo, iria matá-la ou mandá-la para algum lugar sem volta.

Já de noite ela entrou pela porta dos fundos do prédio perto da Claude Pepper Way. A tia de Cari, sua prima Julieta e a bebê estavam dormindo.

Ela esfregou as mãos com o suco de uma lima. Sentou-se no quarto com a bebezinha, ouvindo-a respirar. Quando ela ficou inquieta, Cari a pegou e a segurou no colo. Sua prima Julieta, exausta, ouviu a bebê e acordou.

— Deixa comigo, fica aí — disse Cari.

E esquentou uma mamadeira para a bebê.

Quando a bebê se molhou, Cari a limpou, passou talco e a ninou até que caísse no sono de novo.

Tarde da noite, deu o peito quando a bebê da prima voltou a se agitar. Mesmo sem leite nenhum, a bebê esfregou a cabeça nela e se acalmou. Cari jamais havia feito isso antes. Atenuou os flashes da cara de Bobby Joe quando atirou nele. Bobby Joe caído de bruços com um buraco na parte de trás da cabeça, a fivela do boné saliente e as pernas ainda se mexendo.

Enquanto embalava a bebê, olhou para a mancha no formato da Colômbia no teto. O poeta estava enganado, pensou. Não, um bebê não é apenas "outra casinha para a morte". *No es solamente outra casita para la muerte.*

Ela fechou os olhos. Devia ter insistido em entrar na água com Antonio. Queria ter enchido a paciência dele. Queria ter ignorado aquela bobagem *machista* e dito que ia entrar na água com ele. Em vez disso, o havia deixado se colocar numa situação tática que ela entendia melhor que ele. Antonio era um maldito fuzileiro. Devia saber o que estava fazendo.

A soldadinha Cari, 12 anos, foi repreendida por desatenção nas aulas de doutrinação — as aulas faziam tanto sentido para ela quanto a escola dominical —, mas a tática ela pegava rápido. As FARC consideraram que ela podia ser útil.

Ela considerava que os feridos eram importantes e logo aprendeu medicina de urgência. Com a mão no rosto de um soldado, Cari o acalmava enquanto com a outra apertava o torniquete.

Ela era boa na manutenção de armas e equipamentos. Sua principal tarefa, muitas vezes uma punição por alguma atitude sua, era cozinhar ao ar livre — panelas de setenta e cinco litros de *estofado de carne*, quando havia carne, cozinhando em fogueira num roçado, perto de barracões de zinco camuflados onde um irlandês ensinava a fazer morteiros com cilindros de gás da Kosan, a instalar um cabo de detonação numa granada, a lidar com a munição que não explodiu num morteiro.

A guerrilha se sustentava com sequestros e extorsões. Uma das obrigações de Cari era cuidar de um professor mais velho sequestrado pelas FARC. Ele era um naturalista, tendo passado também pela política, um homem de saúde delicada de uma família rica de Bogotá. Ela tomou conta dele durante três anos. Os carcereiros das FARC foram razoavelmente bons com o velho enquanto recebiam pagamentos da família dele. Davam-lhe livros roubados das mansões dos opressores, e Cari lia para ele quando seus olhos estavam cansados, os óculos guardados no bolso da camisa. Os livros que era

autorizado a ler não tinham caráter político, acreditavam os captores. Eram livros de poesia, horticultura e natureza. Um oficial das FARC obrigou o professor a explicar Darwin aos pequenos recrutas como uma afirmação do comunismo.

O acampamento das FARC era uma curiosa mistura do velho com o novo. Obedecendo a ordens, Cari preparava sopa de rato para combater a coqueluche ao mesmo tempo que o *comandante* tinha um laptop.

Uma das obrigações de Cari era recarregar as baterias do computador, por isso ela carregava ou puxava num carrinho de criança o pesado compartimento de baterias até a fonte de energia mais próxima. Se a tomada estivesse perto e fosse segura o bastante, o *comandante* permitia que o velho naturalista a acompanhasse na missão.

Era um dia quente de primavera e Cari, aos 12 anos, caminhava com o velho professor sequestrado por uma estrada de terra. Flores cresciam nas valas que ladeavam o caminho, e as abelhas estavam em plena atividade. Eles estavam indo ao ambulatório pegar a insulina do prisioneiro, fornecida pela família, junto com uma bela comissão para as FARC. Tiveram que passar por uma aldeia incendiada, local de um massacre recente. Era uma aldeia favorável aos paramilitares. Eles não olhavam para o interior das choupanas, com medo do que poderiam ver. Um abutre bateu as asas e se coçou, causando uma enorme algazarra ao levantar voo de um telhado de zinco. Os moradores de uma das casas tentaram levar os móveis para o quintal. Havia uma rede de mosquitos emaranhada nos arbustos. O velho naturalista olhou um instante para ela, para as flores ao longo do caminho, pegou a rede e a dobrou.

— Acho que a gente pode levar, não é? — perguntou a Cari. Quando ele se cansou, ela passou a carregar a rede.

À tarde, depois que Cari aplicou a injeção nele, o velho teve que ensinar Darwin a uma turma de jovens recrutas. A aula contemplava princípios da evolução suscetíveis de serem forçados um pouco para confirmar o comunismo como parte da ordem natural. Um monitor ficava na sala para se certificar de que o professor não deixaria transparecer suas verdadeiras opiniões.

Então Cari e o professor ficaram livres até ela precisar preparar a janta das tropas, uma capivara para a Quaresma. As FARC tinham que permitir um pouco a prática religiosa, e as capivaras não são consideradas carne na Quaresma desde que o Vaticano decretou que o roedor é um peixe.

— Eu quero mostrar uma coisa para você — avisou o professor. — Vamos dividir em duas essa rede de mosquito. Tem ali uns chapéus, pode pegá-los, por favor, e vem comigo.

O velho avançava com toda a calma pela mata atrás da sua choupana.

Na subida de uma colina perto de um regato havia uma colmeia. Ocupava metade de um tronco de árvore oco. Cari e o professor cobriram os chapéus com as redes e abotoaram as mangas das camisas. Com tiras de pano, amarraram as bainhas das calças.

— Se as abelhas ficarem muito agitadas, a gente pode voltar outra hora e jogar fumaça — comentou o professor. Ele cultivara abelhas como hobby antes de ter a vida interrompida pelo sequestro.

As abelhas estavam ocupadas. Cari e seu professor pararam perto da colmeia, mas não perto demais.

— As tarefas delas variam conforme a idade — explicou o professor. — São todas fêmeas, as operárias. Elas começam limpando o ninho onde foram incubadas. Depois passam a limpar e fazer a manutenção da colmeia, recebem néctar e pólen das abelhas que vão até as flores, e por último passam a procurar alimento até o fim da vida. Algumas dessas abelhas coletoras de alimentos são novatas. É um trabalho recente e estranho para elas... Olha só como algumas ficam apenas dando voltas na entrada, memorizando, para poder encontrá-la de novo no futuro. Está vendo a pequena plataforma por onde as abelhas carregadas de alimentos entram ao voltar à colmeia? Lá estão as abelhas coletoras voltando da incursão pelo campo. Está vendo a comissão de recepção dando as boas-vindas? Toda vez que uma nova coletora volta, mesmo que traga uma quantidade ínfima de pólen ou néctar, ela é incrivelmente festejada. Por quê?

— Para querer fazer isso de novo — respondeu Cari.

— Isso — confirmou ele. — Para se matar de trabalhar carregando suprimentos para a colmeia. Ela está sendo iludida. — Ele olhou para Cari por um longo tempo com seus olhos claros. — Ela está sendo usada. Ela vai coletar, coletar e coletar até cair e morrer debaixo de uma flor em algum lugar, as asas reduzidas a toquinhos enegrecidos. A colmeia nem vai se dar conta da sua ausência. Não há luto nem pesar na colmeia. Quando muitas coletoras tiverem morrido, outras são preparadas. Não existe nada que se assemelhe a uma vida pessoal. A colmeia é uma máquina. — Ele a observava, talvez se perguntando se o denunciaria. — É a mesma coisa nesse acampamento, Cari, nesse sistema. É uma máquina. Você tem uma mente boa e criativa, Cari. Não se deixe iludir. Não limite sua vida pessoal aos poucos minutos que pode roubar na mata na companhia de alguém. Use as suas asas como quiser.

Cari percebeu naquela conversa a pior forma de subversão. Sua obrigação era denunciá-lo ao *comandante*. Ela seria recompensada — quem sabe, em vez de tomar banho junto com os homens, o *comandante* a deixasse tomar banho cedo e sozinha quando estivesse menstruada, como as namoradas dele faziam. Ela seria recompensada. Seria iludida. Pensou na recepção amistosa que teve no grupo guerrilheiro, no afeto que lhe demonstraram, no companheirismo. A sensação de ter uma família, algo que tanto queria.

Era uma família que lhe permitia beber nas festas. Uma família tolerante com o sexo, contanto que fosse aprovado pelo *comandante*. Era também a família que lhe ensinara a matar aqueles que não reagiam à altura ou que fugiam. Eles votavam para decidir quem seria morto entre os fugitivos. Todo mundo votava sim. Quando era pequena, Cari levantou a mão junto com os outros, votou sim com os outros da primeira vez, para nunca mais. Ela não sabia ao certo o que estava acontecendo. Até que viu, viu quando eles atiraram nos dois que estavam na água.

A palavra "iludir" ficou na sua cabeça. Em espanhol, "*engañar*". Ao se tornar bilíngue, as duas palavras ficaram na sua cabeça.

Mais tarde naquele mesmo dia, depois das abelhas, o *comandante* mandou buscar Cari quando ela estava preparando a capivara. O escritório dele ficava numa casinha confiscada pelas FARC. Lá trabalhavam três mulheres. Suas obrigações não eram muito claras. Todas se sentavam em almofadas feitas por elas mesmas.

Cari ficou em posição de sentido em frente à escrivaninha dele. Não estava armada,

então tirou o boné.

— Como está o professor? — perguntou o *comandante*.

Ele tinha cerca de 35 anos e era um gestor firme, mas hesitante em combate. Um teórico marxista. Usava os mesmos óculos de armação redonda de metal que usava quando estudante.

— Melhor, *comandante* — respondeu Cari. — Ganhou alguns quilos. As bananas verdes, em vez de maduras, ajudaram com o açúcar no sangue. Eu verifiquei no glicosímetro. E ele está respirando melhor quando dorme.

— Bom, a gente precisa que ele continue saudável. Vamos esperar mais duas semanas antes de pedir o próximo resgate. Sugiro que ele escreva de novo para a família. Se não pagarem, a próxima carta vai levar as orelhas dele. E, Cari, vai ser você que vai cortar.

O *comandante* girava um clipe na ponta do lápis.

— Outra coisa, Cari. O Jorge me disse que viu você com o professor no mato. O velho estava usando uma máscara ou uma camuflagem. Você também. Jorge ficou com medo de o professor ter induzido você a fazer alguma coisa. Chegou a pensar em trazer você à minha presença sob a mira de uma arma. Cari, o que você estava fazendo?

— *Comandante*, o professor se sente grato pela cortesia que tem merecido da sua parte, grato por receber o remédio. Ele...

— E ele manifesta essa gratidão usando uma máscara no meio do mato?

— Ele estava me mostrando como colher mel. Antes, ele cultivava abelhas. Eram chapéus telados que ele mesmo fez. Um recurso de sobrevivência que ele achou que seria autorizado a ensinar, junto com Darwin. Disse que podia ser útil para as tropas, conseguir alimento assim. O mel dura muito, mesmo armazenado sem refrigeração. Ele disse que numa emergência dá para usar mel na atadura de um ferimento, porque ele é quase esterilizado. A gente já tem as redes de mosquito. A gente pode jogar fumaça nas abelhas com tochas que não façam fumaça demais. Para que não seja visto por nenhuma patrulha aérea.

O *comandante* girava o clipe. As várias secretárias olhavam para Cari com desaprovação.

— Interessante, Cari. Mas você devia ter falado comigo antes de deixar o professor vestir algo diferente das roupas aprovadas.

— Sim, *comandante*.

— Você já foi punida antes por falta de seriedade. Agora eu vou te recompensar. O que você gostaria? Gostaria de um dia livre para ir à *feria*?

— Eu gostaria de tomar banho sozinha quando estiver menstruada, sem os homens.

— Não é a norma aqui. Isso é sexismo. Somos todos iguais nessa luta.

— Eu achei que talvez pudesse tomar banho cedo, como essas combatentes aqui do seu escritório — disse Cari.

Anos depois, no longo caminho para o norte, ela veria gente sendo iludida nos pontos de ônibus, quando os lobos passavam de carro e ofereciam comida e um afeto falso em troca do sexo que as crianças fossem capazes de praticar ou pudessem aprender. Muitas vezes o lobo tinha comida e balas no carro, e eventualmente um ursinho de pelúcia. Eles não precisavam dar o ursinho à criança, só deixá-la segurar, até que o lobo o pegasse de volta e jogasse a criança para

fora do carro no ponto de ônibus. Às vezes as crianças podiam ficar com os chinelos novos enfeitados de lantejoulas e flores.

No fim das contas, os parentes do velho naturalista quitaram o resgate, o maior pagamento de todos, e ele foi libertado. Os captores das FARC o deixaram fazer a barba e vestir a camisa social com que havia sido capturado, já surrada àquela altura, e os suspensórios. Cari olhou bem nos olhos do velho e perguntou se podia levá-la com ele, e ele perguntou aos captores. Eles disseram que não. Ele perguntou se podia mandar dinheiro para libertá-la. Eles disseram que talvez. Mas o dinheiro nunca veio. Ou talvez tenha vindo. Cari não foi libertada.

Ela fugiu quando tinha 15 anos. Fugiu com um garoto um ano mais velho. Ele tinha cabelos meio ruivos e um dente da frente com uma ponta quebrada. Dormiam juntos na mata sempre que podiam, e Cari gostava dele. Depois da primeira vez, enquanto dormiam juntos numa cama de bálsamos no chão da floresta, ele olhou para ela como se fosse algo sagrado.

Pouco depois do amanhecer do seu último dia como soldada, a unidade de Cari recebeu ordem de atacar uma aldeia que apoiava o inimigo paramilitar de extrema-direita. Era a época em que os dois lados se alternavam massacrando vilarejos inteiros, embora alguns repórteres da TV chamassem o que faziam de "dizimar", sem saber direito o que significava.

Era comum vilarejos serem tomados à força por um lado ou pelo outro. E então o lado oposto destruía a aldeia e matava os moradores por terem acolhido o inimigo. Essa incursão das FARC era para vingar um massacre promovido pelos paramilitares de extrema-direita três semanas antes num vilarejo favorável aos guerrilheiros. Os paramilitares tinham matado todo mundo na aldeia: guerrilheiros, moradores, seus filhos, os animais e todo o resto.

Foi seguindo essa lógica que a família de Cari foi massacrada pelos paramilitares no seu segundo ano como soldada. Ela só viria a descobrir isso seis meses depois do ocorrido, e passou duas semanas sem conseguir falar.

A missão das FARC era fazer o mesmo com o outro lado: matar os paramilitares e todo mundo na aldeia que os havia abrigado, sem exceções, e incendiar tudo. No caminho, foram alvo de tiros na mata. Cari ficou para trás, depois de fazer uma pausa para amarrar um poncho no ferimento penetrante no tórax de um guerrilheiro, apertando-o para manter o pulmão do jovem combatente inflado até a chegada de um médico. Tentaram atirar nela duas vezes da floresta, e ela se jogou no chão ao lado do ferido, atirando de volta por cima do corpo dele. Cari se afastou da estrada de terra vermelha e passou a avançar paralelamente a ela em meio às árvores.

As tropas já tinham seguido em frente quando ela chegou à aldeia. As FARC tinham derrubado algumas paredes de uma escola, e o vento soprava entre as cordas de um piano em chamas, suspirando, suspirando e gemendo nas cordas com lufadas que lançavam partituras na estrada.

Muitas casas estavam em chamas e havia mortos nas ruas. Ninguém tentou atirar nela. Cari não queria de jeito nenhum ver civis e ser obrigada a atirar. Movimento debaixo de uma casa junto à estrada. Ela apontou o fuzil. Não era um soldado, mas uma criança embaixo da casa, se escondendo, deitada atrás de um bloco de cimento que sustentava uma viga do piso. Não dava para saber se era uma menina ou um menino,

ela via apenas um rosto sujo e uma massa de cabelos.

Fingiu não ter visto a criança. Não queria chamar a atenção para ela. Parou e se debruçou sobre os cadarços da bota.

— Corre para o mato! — disse, sem virar a cabeça para a casa.

O *comandante* vinha da retaguarda pela estrada, o último a chegar para o combate, como costumava fazer. Cari não queria ficar sozinha com ele. O *comandante* sempre tentava enfiar o dedo na bunda dela, ele vinha por trás e tentava enfiar a mão na calça dela. Pelo menos não ordenava que o deixasse enfiar o dedo na sua bunda; era um gesto puramente social.

Ela já lhe pedira que parasse com isso. Havia rezado muitas vezes para que Deus o fizesse parar. Era um tema habitual nas suas orações noturnas. Mas ele não parava.

Cari avançava mais depressa para ficar bem à frente quando ouviu um tiro atrás dela. O *comandante* estava agachado, atirando na casa onde a criança se escondia. Ela correu de volta até ele, gritando:

— *Es niño, es niño!*

Sua visão periférica estava turva, mas conseguia enxergar muito bem no centro. Ela corria por um túnel de folhagens embaçadas, e bem nítido no meio estava o *comandante*.

Ele atirou uma granada de fósforo na casa, e as chamas subiram. Então se agachou no quintal com a pistola, apontando para baixo da casa. Cari corria, o rosto dormente. Ele atirou uma vez. Seu longo dedo foi de novo ao encontro do gatilho, ele se agachou bem baixo para mirar e ela parou na estrada, empunhou o fuzil e atirou na parte de trás da cabeça do *comandante*.

Ela estava estranhamente calma. Agora a fumaça já estava debaixo da casa, e ela viu a criança sair pelos fundos e correr para a mata. Quando estava bem perto das árvores, ela se virou para olhar para trás. A criança estava imunda. Ela viu rostos no meio das árvores. Uma mão acenou de lá.

O *comandante* era pesado demais para ser arrastado até o fogo. Podia aparecer outro soldado a qualquer momento e vê-lo estendido ali, com um tiro na cabeça. Pena de morte. Ela correu até o *comandante*. Uma das lentes dos oculinhos redondos tinha sido estourada, e a outra refletia o céu. Vendo o equipamento que carregava, diriam até que era o sujeito mais marcial da face da Terra. Havia uma granada de fragmentação presa à bolsa de munições. Ela a pegou. Cari pegou a mão dele e a botou sob a cabeça. Enfiou a granada embaixo da cabeça dele também. Puxou o pino e soltou o gatilho, então correu e correu e correu, se jogou na vala junto à estrada, ficou de boca aberta, como aprendera a fazer, até depois da explosão, saiu com dificuldade da vala e correu e correu de novo. A morte do *comandante* eliminava um dos itens das suas orações.

E eles trataram de fugir, Cari e seu amante ruivo.

Eles viveram um ano no vilarejo de Fuente de Bendición, ele trabalhando numa serraria e ela lavando panelas e cozinhando numa pensão. Pretendiam se casar. Cari estava com 16 anos.

Nessa época, ninguém desertava das FARC e permanecia vivo. No fim do ano, *sicarios* os encontraram e mataram o garoto na rua junto com os padrinhos quando chegavam num velho carro emprestado à igreja onde Cari esperava, com um buquê de jasmins.

Quando os *sicarios* foram atrás de Cari, a igreja estava vazia. Ela estava tendo os

braços rasgados tratados na clínica do vilarejo e saiu pelos fundos.

Eles esperaram por ela na funerária. Cari não apareceu. Foram até o caixão, atiraram várias vezes no noivo morto de Cari e tiraram fotos dos ferimentos antes de ir embora, pois haviam se esquecido de desfigurar o rosto o suficiente ao matá-lo.

Uma semana depois, Cari estava na porta de uma mansão em Bogotá. Um empregado atendeu e a mandou seguir para a entrada de serviço. Ela esperou quinze minutos até aparecer na porta seu velho naturalista de suspensórios. Ele levou um momento para reconhecê-la, de pé ali nos degraus com ataduras nos braços e sangue nos sapatos de noiva.

— Você pode me ajudar?

— Sim, claro — respondeu ele de imediato, apagando a luz acima da porta. — Entra.

Durante todo o tempo em que Cari cuidou dele como prisioneiro, ele jamais a abraçara. Mas naquele momento a abraçou. As ataduras deixaram marcas de sangue nas costas da camisa dele quando ela retribuiu o gesto.

A governanta do velho se encarregou dela, e logo Cari estava de banho tomado, de barriga cheia e dormindo numa cama limpa. As persianas da casa estavam baixadas: havia uma pena por ajudar desertores das FARC — morte. Cari não podia ficar na Colômbia.

E ajuda foi o que não faltou da parte do professor. Ela descansou por uma semana, o tempo necessário para lhe providenciar documentos falsos, e em seguida ele a mandou de ônibus para o norte, dias e dias e dias viajando por Costa Rica, Nicarágua, Honduras e Guatemala, ela própria apertando as ataduras nos braços com a outra mão e os dentes.

Ele lhe deu dinheiro suficiente para comprar passagens de ônibus no México — ela não precisou viajar no La Bestia, o trem mexicano para o norte que tinha espaço nos vagões de carga vendido pelas gangues e do qual tantos e tantos caíam, deixando braços e pernas abandonados nos trilhos. Ele lhe deu um bilhete que devia ser entregue a uma família em Miami. Por causa de um problema de saúde, a família teve que passá-la adiante, para uma família que disse que ela teria que trabalhar três anos de graça. Pela Radio Mambí Cari descobriu que isso era mentira, e a partir daí teve que se virar sozinha.

Desde então, Cari sempre carregava algo para comer. Em geral, só comia essa pequena provisão à noite, isso quando a comia. Sempre tinha um pouco de água e um canivete automático de tamanho permitido por lei que pudesse abrir com uma só mão. Pendurada num colar de contas no pescoço, trazia a cruz invertida de são Pedro, que foi crucificado de cabeça para baixo. A cruz continha um pequeno punhal.

Agora, no apartamento da prima, ela dormia na poltrona ao lado da bebê, cabeceando, como havia cabeceado na viagem de ônibus para o norte, para a Terra da Liberdade.

Por volta de meia-noite seu celular tocou. Outra vez uma ligação do celular de Antonio. Ela olhou para o telefone, brilhando no quarto da bebê. Era difícil não atender. Deixou a ligação cair na caixa de mensagem. A voz dizia com sotaque alemão: "Kah-riii. Vem me ver, eu posso te ajudar."

Ã-hã. Vem me ajudar, chingaso, *e você vai ver a ajuda que vai receber.*

Ela embalou a bebê e cantou baixinho "Conselho a um periquito", uma canção da

sua avó guna que prometia ao passarinho uma banana madura e uma vida boa quando fosse vendido a um panamenho rico.

Cabeceando até o alvorecer, Cari viu no seu sonho a casinha robusta no canal de Snake Creek. A casa tinha resistido às intempéries, mesmo com um buraco no telhado. Fora erguida sobre uma laje. Era bom saber que debaixo não havia espaço onde uma criança pudesse se machucar. Em seu sono, no alívio daquele dia, ela sorriu enquanto sonhava com a casa sólida sobre a laje e a bebê viva ao seu lado.

16

Os primeiros raios de sol dissiparam a névoa na baía de Biscayne.

O pesqueiro do capitão Marco, girando a roldana que recolhia as armadilhas de siri, seguia para o norte, depois da mansão Escobar. A tripulação parecia particularmente ocupada quando a polícia de Miami Beach passou em sua rápida lancha de patrulha. Os policiais retribuíram o aceno do capitão Marco e reduziram a velocidade para evitar maiores ondas e não atrapalhar o trabalho dos pescadores.

Marco e os três homens da tripulação suavam em seus coletes à prova de balas debaixo de camisas grandes. No momento passavam pela mansão Escobar. Tinham que ficar voltados para o sol, a leste. Um reflexo da luz vinha das escuras janelas superiores da casa.

O imediato Esteban estava sentado no passadiço, o cano do fuzil repousado numa almofada no peitoril da janela da cabine. Via o reflexo pela mira da arma.

— Tem um sujeito lá em cima, por trás da janela aberta. Por enquanto só está segurando um binóculo, um fuzil ao lado da cadeira — informou Esteban ao capitão.

A corda que pingava passando pela enorme roldana ergueu as armadilhas do fundo da baía. Ignacio pegou as caixas feitas de arame e ripas de madeira e jogou os siris-azuis numa cesta enorme no meio da embarcação. E começou a empilhar as armadilhas na popa, prontas para receber novas iscas. Um lento e constante avanço ao longo da linha de armadilhas, erguendo, esvaziando e empilhando.

A dois barcos de distância do ancoradouro Escobar, Ignacio abriu uma das armadilhas e congelou.

— *Mierda!*

O capitão Marco desengatou a corda e desligou a energia.

Ignacio não tinha coragem de botar a mão na armadilha. Ele a baixou até a cesta e a cabeça de Antonio caiu na pilha de siris que agitavam as garras. Ainda estava com a máscara de mergulho. Ao redor dela, o rosto havia sido comido pelos siris presos na armadilha, mas por trás do vidro permanecia intacto, os olhos fixos no leito de garras agitadas.

Mateo apareceu no quebra-mar, exibiu o punho para eles num gesto obsceno e agarrou as partes com as duas mãos.

— Eu posso atirar no pinto dele — sugeriu Esteban da cabine.
— Ainda não — avisou o capitão Marco.
No estaleiro, Benito olhou para o rosto destroçado do jovem amigo.
— Liguem para a Cari — pediu.
— Ela não devia ver isso — disse o capitão Marco.
— Ela vai querer estar aqui — explicou Benito.

17

O inspetor Terry Robles (em inatividade), 36 anos, da Delegacia
de Homicídios de Miami-Dade, parou num estacionamento arborizado em Palmyra Gardens. Ao desligar o motor, seu celular se iluminou com uma ligação do escritório da médica-legista.

— Terry, aqui é Holly Bing.

— Oi, Holly.

— Terry, hoje de manhã eu tirei uma bala de um afogado: latino, branco, sexo masculino, na casa dos 20. Mandei para a identificação balística em Quantico. Eles encontraram uma correspondência. O projétil pode ser de uma das armas disparadas contra a sua casa. Sabe a bala que tiraram da parede do seu quarto? Alta correspondência.

— Quem é?

— Ainda não sei. Liguei para o pessoal de Homicídios e eles me deram o seu celular. Quando você vai voltar ao trabalho?

— Esperando autorização médica. Talvez não demore.

— Como vai Daniela, se não se importa que eu pergunte?

— Estou indo fazer uma visita. Eu te encontro daqui a uma hora.

— Vou estar dando aula, mas aparece aqui. Tudo bem se eu te apresentar? Caso contrário, eles vão ficar decepcionados.

— Ai, meu Deus. Tudo bem. Obrigado, Holly.

Robles estava com Sally, a dachshund de Daniela, no carro. Sally subiu no seu colo, ele a pegou e saltou do carro, caminhando a passos firmes para o portão de Palmyra Gardens.

Palmyra é o melhor asilo do sudeste dos Estados Unidos. Fica num conjunto de prédios antigos e elegantes sob árvores frondosas. A maçaneta do portão só abre por fora.

Havia vários moradores sentados nos bancos do jardim.

Num caramanchão junto às sebes, um pastor de idade avançada se dirigia a um grupo de animais de estimação da casa. Eram quatro cães, um gato, um cabrito, um papagaio solto e várias galinhas. O pastor garantia o interesse da congregação

distribuindo a todo momento guloseimas que trazia nos bolsos. Tentava levá-los à língua dos animais, como um sacramento, mas quase sempre eram abocanhados ainda na sua mão. No caso do papagaio, ele ofereceu a semente de abóbora cautelosamente sobre dois dedos. Também havia um ser humano de idade no grupo, um senhor a quem o pastor dava M&M's, de um em um ou de dois em dois.

Na outra mão o pastor tinha uma Bíblia mole com capa de couro, segurando-a pela lombada para gesticular ou deixando-a se abrir sobre sua mão, como Billy Graham popularizou.

Sally, a dachshund, farejou as guloseimas do pastor e, atraída pela congregação, se contorceu nos braços de Robles, que a carregava para o prédio, levando também um pacotinho.

A diretora de Palmyra Gardens estava no escritório. Joanna Sparks, 40 anos, controlava tudo com mão firme. Robles achava que seria difícil surpreendê-la. Ela sorriu para ele. Um cãozinho pulou do colo dela. Robles botou Sally no chão e os dois começaram a abanar o rabo e se cheirar.

— Oi, Terry. Daniela está no jardim. Terry, você vai ver que ela está com um pequeno curativo na têmpora. Um pequeno fragmento de bala conseguiu sair pela pele. Um fragmento da cápsula, não é chumbo. Está tudo bem. O dr. Freeman deu uma olhada.

— Obrigado, Joanna. E ela está comendo bem?

— Limpando o prato, além da sobremesa.

Quando Robles saiu do escritório, Joanna Sparks mandou uma enfermeira atrás dele.

Robles encontrou a esposa num banco no meio do jardim. Um raio de sol que atravessava as folhas tocava seus cabelos, e o coração dele se inflou feito uma vela. Robles precisou retomar o fôlego. Hora do show.

Daniela estava ao lado de um homem que parecia ter mais de 90 anos, muito elegante num terno de anarruga e gravata-borboleta. Robles deixou o cãozinho no chão e Sally, empolgada e guinchando, correu para Daniela e tentou pular no seu colo. Daniela se assustou e o velho ao seu lado estendeu a mãozinha fina para afastar o cão.

— Aqui, aqui — disse. — No chão!

Robles deu um beijo no alto da cabeça de Daniela. Uma longa cicatriz rosa acompanhava a linha do cabelo.

— Olá.

— Oi, amor — disse Robles. — Eu trouxe um pouco de baklava da sra. Katichi. E aí está a Sally. Ela está muito feliz de te ver!

— Eu gostaria de apresentar o meu namorado — disse Daniela. — Esse é o...

— Horace — informou o velho senhor. Podia não saber muito bem onde estava, mas as boas maneiras eram uma segunda natureza para ele. — Eu me chamo Horace.

— Você disse seu namorado? — perguntou Robles.

— Sim. Horace, quero apresentar a você um grande amigo meu.

— Terry Robles, Horace. Eu sou o marido da sra. Robles.

— Ah, o sr. Robles. Muito prazer em conhecê-lo, sr. Robles.

— Então, Horace, eu gostaria de ter uma conversa em particular com a sra. Robles. Você pode nos dar licença?

A enfermeira observava. Ela se aproximou para levar Horace. Mas ele não ia se afastar enquanto Daniela não dissesse que devia.

— Daniela?

— Está tudo bem, Horace. A gente não vai demorar.

A enfermeira ajudou Horace a se levantar e os dois se encaminharam para a estufa. Sally não parava de pular na frente de Daniela, colocando as patas no joelho dela. Com a mão ela afastava a cachorrinha distraidamente. Robles pegou Sally e a colocou no banco, entre os dois.

— Que história é essa com Horace?

— Horace é o meu namorado. Eu te conheço, não? Tenho certeza de que a gente é amigo.

— Sim, Daniela. A gente é amigo. E como você está? Está feliz? Tem dormido bem?

— Sim. Eu estou muito feliz. Só para lembrar: você trabalha aqui?

— Não, Daniela, eu sou o seu marido. Fico feliz por você estar feliz. E eu te amo. Essa é a sua cachorrinha, Sally. Ela também te ama.

— Sr.... Obrigada, senhor, mas receio... — Daniela desviou o olhar para longe.

Ele conhecia tão bem seu rosto. Daniela queria se livrar dele. Robles já vira essa expressão antes, em eventos sociais, mas nunca era a respeito dele.

Os olhos de Robles estavam marejados. Ele se levantou e se debruçou para lhe dar um beijo no rosto. Ela rapidamente virou o rosto, como faria numa festa para receber um beijo apenas de longe.

— Acho que está na hora de entrar — declarou Daniela. — Até logo, sr....

— Robles, Terry Robles.

Ele estava no escritório de Joanna, com a cachorrinha debaixo do braço.

— Estão saindo alguns fragmentos nas costas — comentou Joanna. — Ela está dormindo numa cama coberta de pele de carneiro. Os exames de sangue estão bons. E você? Terapia, amplitude dos movimentos, como está indo?

— Eu estou bem. Que história é essa com esse Horace?

— O Horace é completamente inofensivo. De todos os pontos de vista. A gente bota ele na cama às oito e meia. Tem vinte anos que ele está aqui. Jamais foi inconveniente. Ela não significa nada para ele, poderia ser um bebê...

Robles levantou a mão espalmada. Ela o examinou.

— Terry, ela está feliz. Ela não fica muito incomodada com a própria situação. Sabe quem está sofrendo? Você. Já descobriram alguma coisa? Quem...

Por um momento Robles deixou de ouvi-la, transportado para o instante em que Daniela o reconheceu pela última vez: *Eles estão na cama. Ela montada nele. Luzes de faróis passam pelas persianas. Uma rajada de uma arma automática quebra a vidraça e o abajur da cabeceira, e uma bala atinge a cabeça de Daniela. Ela cai para a frente, batendo com a cabeça na cabeça de Robles, que rola para o chão agarrado a ela. Ele olha para o rosto ensanguentado da esposa, apertado em seu corpo. Pega uma pistola na cabeceira. Pela vidraça estilhaçada, vê lanternas traseiras se afastando. E se dá conta de que também foi atingido.*

Joanna estava estudando seu rosto.

— Eu não queria trazer tudo de volta... — comentou ela.

— Não — disse Robles. — O filho da... mãe que fez isso tinha acabado de cumprir seis anos em Raiford, para onde eu o mandei por assalto à mão armada. Ele sai de lá, um criminoso condenado com histórico de violência, e coloca a mão num fuzil de assalto e vai atirar na minha casa. A gente levou três dias para encontrar o cara, mas não localizamos a arma. Onde ele conseguiu a arma? Onde ela foi parar? Agora ele pegou perpétua. Estou atrás de quem deu a arma para ele.

Joanna o acompanhou até o portão.

Sob as árvores, o pastor ainda falava aos animais reunidos ao seu redor, além do único humano.

— ... os homens para que vejam que são como os animais — dizia o velho pastor. — O destino do homem é o mesmo do animal; o mesmo destino os aguarda. Assim como morre um, também morre o outro. Todos têm o mesmo fôlego de vida; vieram todos do pó e ao pó todos retornarão.

Joanna fechou o portão quando Terry Robles saiu com Sally no colo, aos derradeiros raios alaranjados do dia. A cachorrinha, olhando por cima do ombro de Robles para o ponto onde tinha visto Daniela pela última vez, emitiu um ganido bem baixinho enquanto se aproximavam do carro.

18

A recepção do prédio do Instituto Médico Legal de Miami-Dade
tem telas ligadas a câmeras, para que se possa fazer a identificação dos mortos a distância; o piso é acarpetado, para amortecer a queda de um enlutado que desmaie diante do que vê.

O laboratório por trás das portas duplas é equipado com o que há de mais moderno na tecnologia do ramo, com vedação nas portas e controle eletrônico de cheiros, além de refrigeradores suficientes para acomodar os passageiros e a tripulação do maior dos aviões. As mesas de necropsia são na cor cinza Kodak, para realce em imagens fotográficas.

A dra. Holly Bing estava dando aula para uma pequena turma de futuros médicos-legistas do país inteiro e do Canadá. Todos em torno do corpo decapitado de um homem com pés de pato. O corpo estava na posição anatômica de referência, resfriado a uma temperatura de um grau Celsius.

A dra. Bing usava roupas pretas por baixo do avental de laboratório, a calça enfiada por dentro das botas de cano longo com cadarço. Ela é americana de origem asiática e está na casa dos 30. Tem um rosto gracioso e não muita paciência.

— Temos aqui um latino branco do sexo masculino, em boa condição física, na casa dos 20 anos — disse. — Ele apareceu boiando ontem à tarde perto do barco que vende cheeseburgers em Haulover Beach. A Patrulha Marítima ouviu os gritos. O corpo ainda está em bom estado de conservação, mas bastante machucado, como podem ver. Tem a cicatriz de uma apendicectomia na parte inferior direita do abdômen e uma tatuagem no antebraço esquerdo, o globo com âncora dos Fuzileiros Navais e a inscrição "Semper Fidelis". Morte recente, talvez dois dias, mas ele foi mastigado por camarões e siris. O que a gente precisa saber para determinar a hora da morte? — Ela não esperou a resposta. — A temperatura da água em Haulover, certo? Vinte e nove graus Celsius. Mais tarde vamos ver como estimar graus-dia debaixo da água. Estão faltando os dedos, como podem ver. Ele tinha mais ou menos um metro e setenta e sete de altura quando estava inteiro.

— Com o que cortaram a cabeça, dra. Bing? — A pergunta era de um rapaz jovem junto ao pescoço do cadáver.

— Estão vendo aqui onde a serra atravessou no centro da terceira vértebra cervical?

— indagou a dra. Bing. — A dentição bate com uma serra da Sawzall, seis dentes por polegada... É o padrão. A tico-tico da Sawzall está ficando cada vez mais popular em desmembramentos nos Estados Unidos, já está em segundo lugar; na frente da motosserra e atrás do facão. Aqui no nosso caso, ele foi suspenso numa mesa ou num balcão, ou na caçamba de uma picape, com a cabeça para fora. Já estava morto quando deceparam a cabeça e os dedos. Como dá para saber? É só olhar os resultados dos exames de laboratório: os níveis de serotonina e histamina não estão mais altos nos ferimentos. O mesmo vale para as punções abdominais, feitas para impedir que ele se enchesse de gases e começasse a flutuar logo. Estão vendo a diferença na amputação dos dedos? Um dedo foi serrado com uma serra tico-tico, os outros, com uma tesoura de poda, o método tradicional. Tem um ferimento de bala transfixante na coxa, e eu tenho aqui um projétil que ficou alojado na pelve.

"Causa da morte? — prosseguiu a dra. Bing. — Não foi a decapitação. Não senhor, a causa da morte é um ferimento de punção torácica transfixante. Entrou pela escápula esquerda, perfurou o coração, saiu bem ao lado do mamilo esquerdo. — A dra. Bing tocou o peito junto a um orifício de saída oblongo, com dois buracos menores ao lado. Suas unhas se avermelharam por baixo das luvas enquanto pressionava o peito junto aos orifícios azuis. — Alguém saberia me dizer o que causou isso? Ninguém?"

— Uma pontilha?

— Não — respondeu a dra. Bing. — Eu disse que é um ferimento de saída. Inspetor Robles, na sua opinião, o que causou esse orifício e os dois menores?

— Uma flecha, talvez um dardo de besta. Uma lança de pesca.

— Por quê?

— Porque a flecha causou um ferimento transfixante, e quando a corda se retesou e a puxou de volta, ela girou um pouco e as rebarbas cravaram no peito. Pode ter sido uma flecha com ponta expansível. Seria bom dar uma verificada nas lojas de artigos de mergulho.

— Obrigada. Turma, esse é o inspetor Terry Robles, da Delegacia de Homicídios de Miami-Dade. Ele já viu esse tipo de coisa antes, além de tudo mais que as pessoas são capazes de fazer umas com as outras.

— Vocês estão com a flecha? — perguntou o rapaz na ponta da mesa.

— Não — respondeu Holly Bing —, e o que isso nos diz das circunstâncias?

Como nenhum aluno respondeu, ela olhou para Robles.

— Eles tiveram tempo de tirar — explicou Robles.

— Exatamente, o assassino teve tempo e encontrou um lugar calmo para tirar. Pelo formato do orifício de entrada, eu diria que eles não arrancaram pelo outro lado. Provavelmente desatarraxaram a ponta da flecha da vara e puxaram a vara pelas costas. Encontraram algum lugar reservado para isso.

A dra. Bing autorizou a turma a sair para um intervalo. Ela e Robles ficaram no laboratório.

— Mandei o DNA para Quantico, mas vai levar uns dias — disse Holly Bing. — Meu Deus, dá para esperar até um mês por um kit de estupro. A correspondência do projétil é quase certa: um .223 com raiamento à direita e passo de um para nove, sessenta e seis gramas, talvez uma AR-15 civil. Uma bala pontiaguda, talvez subsônica.

— Você deixou os pés de pato nele.

— Sim, mas eu olhei por baixo antes de mandar a turma entrar.

Holly tirou um deles. Na sola do pé estava tatuado "GS O+".

— *Grupo sanguíneo*, o tipo sanguíneo dele — informou Robles.

Holly tirou o outro pé de pato.

— Achei que seria bom você ver isso antes que se espalhe.

Havia uma tatuagem na sola do pé, um sino suspenso num anzol.

— Terry, por que a tatuagem na sola do pé? Se não está visível, não serve de proteção na cadeia. Não é como uma tatuagem no pescoço...

— Essa serve para que algum agiota pague a sua fiança — disse Robles. — Ou vale como os honorários de um advogado, de certos advogados. Advogados de porta de cadeia. É a tatuagem dos Dez Sinos. Obrigado, Holly.

19

A noite cai no estaleiro da marina no rio Miami. Palmeiras
farfalhando ao vento. Um pequeno cargueiro passou com rebocadores na proa e na popa, puxando como cães terrier para fazer as voltas.

O capitão Marco e dois homens da tripulação estavam com Benito diante da porta aberta do incinerador. As chamas subiam alto no interior. A luz das chamas e as sombras tremulavam no pátio. O segundo oficial Ignacio estava com uma regata branca justinha toda manchada.

— Ignacio, coloca a sua camisa — ordenou o capitão Marco.

Ignacio enfiou uma camisa polo pela cabeça. Na parte interior do bíceps, tinha tatuado um sino pendurado num anzol. Ele deu um beijo na medalha de são Dimas da corrente no pescoço.

Em meio às chamas, entre grandes cabeças de peixes dentuços, a cabeça de Antonio olhava para eles. Ainda estava com a máscara de mergulho, os olhos arregalados enquanto a borracha derretia em torno do vidro. O brinco da cruz gótica preta havia desaparecido, arrancado do lóbulo.

Cari Mora saiu das sombras e ficou ao lado de Benito.

Carregava um ramo de jasmins-laranja. De pé junto a eles, olhava impassível para o incinerador. Colocou o ramo de jasmins no fogo para cobrir parcialmente o rosto dilacerado de Antonio.

Benito jogou um catalisador no fogo. A chaminé lançou chamas e fagulhas.

Seus rostos estavam vermelhos com o fogo.

Os olhos do capitão Marco estavam marejados. Sua voz, firme.

— Bendito seja são Dimas, padroeiro dos ladrões arrependidos, que acompanhou Jesus no tormento do inferno. Leva nosso irmão em segurança para o céu.

Benito fechou a porta do incinerador. Ficava muito mais escuro sem a luz das chamas. Cari olhou para o chão de terra batida do estaleiro. Exatamente como a terra batida que tinha visto em outro lugar, antes de vir para os Estados Unidos da América.

— Você está precisando de alguma coisa? — perguntou Marco a ela.

— Uma caixa de munição calibre .40 da S&W seria bom — respondeu ela.

— Você tem que dar um fim a essa arma — avisou Marco. — Joga fora.

— Não.

— Então troca comigo — insistiu ele. — Benito, o seu sobrinho consegue cuidar do cano e do ferrolho?

— Melhor cuidar do extrator e do percutor também — acrescentou Benito, estendendo a mão para pegar a arma.

— A gente vai devolver, Cari — garantiu Marco. — Cari, você precisa cooperar, sabe? Eu sou o *jefe* aqui.

Jefe*, assim como Antonio era o* jefe*. Eu devia ter dado cobertura a ele por baixo do ancoradouro.*

Marco ainda estava falando com ela.

— Deixou digitais nos cartuchos? Carregou o pente?

— Não.

— Deixou os cartuchos no local.

— Sim. — E ela entregou a arma para Benito.

— Obrigado, Cari.

Marco lhe entregou outra Sig Sauer do escritório do estaleiro e uma caixa de munição. Era uma pistola .357. Era boa.

Marco falou perto do ouvido dela.

— Cari, você quer trabalhar com a gente?

Ela fez que não com a cabeça.

— Vocês não vão mais me ver.

Da escuridão, um assobio sinalizando algo. O capitão Marco e os outros ficaram em alerta.

O inspetor Terry Robles saltou do carro. Via as fagulhas do incinerador se elevando acima do estaleiro. Ele se encaminhou até lá passando por pilhas enormes de armadilhas de siri. Um assobio agudo ao vento, e um ponto vermelho de uma mira laser apareceu na sua camisa. Robles parou. Levantou a carteira aberta, exibindo o distintivo.

Uma voz na escuridão:

— *Alto!* Parado aí!

— Terry Robles, polícia de Miami. Tira esse laser de mim. Tira agora.

O capitão Marco levantou a mão e o laser se deslocou do peito de Robles, fazendo brilhar o distintivo que segurava acima da cabeça.

O capitão Marco foi ao encontro de Robles na passagem entre as armadilhas empilhadas.

— Eles não te obrigam a devolver o distintivo quando está de licença médica? — perguntou.

— Não — respondeu Robles. — Ele fica com a gente, tipo uma tatuagem dos Dez Sinos.

— Na verdade, fico feliz em te ver por aqui — disse Marco. — Não, "feliz" é uma palavra muito forte, desculpe o meu inglês. Eu "não lamento" te ver por aqui. Pelo menos por enquanto. Aceita uma bebida?

— Sim — respondeu Robles.

No galpão aberto, o capitão Marco serviu duas doses de rum. Nenhum dos dois se

deu ao trabalho de colocar limão.

Robles só conseguia ver o capitão Marco, mas sentia a presença de outros no escuro. Sentiu uma leve coceira entre as escápulas.

— Eu estou lá com um cadáver com uma tatuagem dos Dez Sinos. Você provavelmente sabe quem é — começou Robles.

O capitão Marco ergueu as mãos espalmadas. Outro cargueiro passou pelo rio, com rebocadores na proa e na popa. O ronco dos motores os obrigou a elevar a voz.

— Um jovem latino na casa dos 20 anos — disse Robles. — Em forma, com pés de pato. Sem cabeça nem dedos. A tatuagem está na sola do pé. O tipo sanguíneo também, indicado com G.S., a sigla no espanhol de *grupo sanguíneo*, O positivo.

— Como ele morreu?

— Uma flecha ou um dardo de besta no coração. Foi rápido, se estiver preocupado com isso. Não foi nenhum interrogatório. Morreu antes de ter os dedos decepados.

Robles não distinguia nenhuma reação no rosto de Marco.

— Um dos projéteis encontrados nele bate com uma bala tirada da minha casa — completou Robles.

— *Aiiiiii*. Isso.

— Isso — repetiu Robles.

Uma mariposa esvoaçou em torno da lâmpada nua, projetando sua sombra nos dois.

— Pode escrever o que eu digo — disse Marco. — Pela alma da minha mãe, a gente não sabe quem atirou na sua casa. Eu não seria capaz de atirar na sua casa, da mesma forma que você não seria capaz de atirar na minha. Todo mundo aqui sente muito pelo que aconteceu com a sua *señora*.

— Muita gente pode atirar contra uma casa. E também atiram em homens com pés de pato. Está faltando algum garoto aí no seu pessoal?

Um baque dentro do incinerador onde a cabeça de Antonio fervia. Um redemoinho de fagulhas saindo pela chaminé.

— Está tudo bem aqui com o meu pessoal — respondeu o capitão Marco.

— Eu quero botar as mãos em quem atirou no garoto e quero a arma e quero saber também de onde ela veio. Agora a gente está bem. Se eu descobrir que você sabia e não me contou, a gente não vai estar mais bem.

— Você sabe que eu estou dentro da lei tem muito tempo. Mas um mês atrás eu estive com uma pessoa importante numa reunião de família em Cartagena, uma primeira comunhão.

— Don Ernesto.

— Digamos um cara importante.

— Ele sabe de onde veio a arma?

— Não, e ele quer dizer isso para você pessoalmente. Se essa pessoa vier para Miami, você se encontraria com ela frente a frente? — perguntou Marco.

— Frente a frente. A qualquer hora, em qualquer lugar.

Robles agradeceu, com um aceno de cabeça, a bebida e se afastou pelo caminho escuro entre as pilhas de armadilhas e caixotes. O ponto vermelho de laser o seguia pelo chão.

— Vai ser, tipo, terça que vem, eu acho — disse Marco consigo mesmo.

Uma lufada do incinerador. A cabeça de Antonio explodiu e um anel de fumaça salpicado de fagulhas saiu pela chaminé como um halo escuro.

Marco esperava que a polícia demorasse a identificar Antonio, porque os policiais começariam a seguir a pista dos donos de piscina que eram clientes dele.

20

No terceiro dia de ausência do trabalho, e sem notícia da caminhonete, a empresa de manutenção de piscinas avisou à polícia do desaparecimento de Antonio. Na verdade, um alerta já tinha sido dado duas horas depois de a picape ser encontrada no centro comercial.

Uma colega, pressionando um saco de gelo na garganta, viu um vídeo do médico-legista e identificou as tatuagens de Antonio.

Ao ver a identidade de Antonio no noticiário, Hans-Peter Schneider soube que tinha pouco tempo. A polícia iria atrás da lista de clientes dele.

Durante dois dias Hans-Peter havia observado e esperado. Ele passou esse tempo substituindo os homens que perdera. Tinha perdido dois homens, sem falar de Felix. Agora só restava Mateo.

Hans-Peter preferia uma mistura de etnias e línguas na sua equipe. Achava que assim era mais improvável que conspirassem contra ele.

Num bordel onde também funcionava uma loja de presentes à beira da rodovia interestadual 95, procurou por Finn Carter, um ladrão habilidoso com ferramentas e que já havia trabalhado para ele. Finn Carter se sobressaltou ao ver Hans-Peter, mas tinha acabado de cumprir cinco anos na Union Correctional, em Raiford, e estava topando qualquer parada. O outro era Flaco Nuñez, de Immokalee, que trabalhava com funilaria e pintura e em cemitérios de carros roubados, com duas condenações por violência doméstica. Flaco trabalhava como segurança nos bares de Hans-Peter antes de serem fechados pelo Departamento de Saúde.

Como a polícia não apareceu na mansão Escobar, Hans-Peter pôs mãos à obra de novo.

Carter ia tocando o barco com Flaco.

Hans-Peter Schneider observava da escada do porão. Tinha na orelha o brinco de cruz gótica preta de Antonio, achando que lhe dava um toque especial.

Não disse nada aos novos empregados sobre a possibilidade de haver explosivos. Jesús podia estar mentido. Nunca se sabe...

É impossível ter uma casa com porão em Miami Beach, pois o nível da água é muito alto. Um porão de verdade ficaria cheio de água ou então faria a casa flutuar. Para ficar

acima das ondas num furacão, a mansão Escobar foi erguida sobre vigas, assim como o pátio, e toda a propriedade era cercada por um aterro. Assim, o porão, apesar de cercado de terra, tinha altura suficiente para não ser inundado, exceto em caso de ondas muito altas.

Carter e Flaco tinham arrancado o cimento da parede do porão, expondo a face do cubo de aço voltada para a terra. Havia nela uma porta de cofre, e a face toda fora pintada com a imagem realista, em tamanho maior que o natural, de Nuestra Señora de Caridad del Cobre, padroeira de Cuba e dos barqueiros. Não havia tranca com segredo nem buraco de fechadura na porta, apenas uma pequena maçaneta que não girava.

Carter pôs uma broca de cobalto com oito por cento na furadeira elétrica e cobriu a ponta de corte com oxidação negra. Para conseguir a corrente de duzentos e vinte volts, eles tiveram que trazer uma extensão do andar de cima, saindo da parede atrás do fogão na cozinha.

Carter se benzeu antes de encostar a furadeira no peito da imagem e apertou o gatilho. Barulho, e apenas um pequeno caracol de metal.

Hans-Peter refletia. Ele se retraiu ao ouvir a furadeira. As pálpebras sem cílios ficaram semicerradas. Ele ouviu mentalmente a voz de Jesús Villarreal: *A santa tem um temperamento explosivo.*

Ele precisou gritar para Carter parar. Foi para o jardim fazer uma ligação. Esperou três minutos antes que atendessem. Hans-Peter ouviu o arfar da máscara de respiração antes de entrar na linha a voz fraca de Jesús Villarreal em Barranquilla, Colômbia.

— Jesús, está na hora de fazer jus ao dinheiro que eu mandei — disse Schneider.

— *Señor* Schneider, está na hora de mandar o resto do dinheiro a que fiz jus — respondeu o outro.

— Eu estou aqui com a porta de um cofre.

— E chegou até ela graças a mim.

— Não tem segredo, apenas uma maçaneta. Devo abrir?

Um arfar e uma pausa, e a vozinha fraca voltou.

— Está trancada.

— É o caso de forçar?

— Não se quiser continuar vivo.

— Então me sugira alguma coisa, meu bom e velho amigo Jesús.

— A chegada de recursos financeiros vai estimular a minha memória.

— O perigo está em toda parte e o tempo é curto — disse Schneider. — Quer prover a sua família. Eu quero proteger os meus homens. O que ameaça um também ameaça o outro... Você está conseguindo me acompanhar?

— Eu consigo acompanhar a entrada de dinheiro na minha conta. É bem simples: você paga o que disse que ia pagar, e paga agora. — Jesús precisou parar um pouco para respirar na máscara de oxigênio. — Outros poderiam ser mais generosos. Mas, enquanto isso, melhor não perturbar Nuestra Señora de Caridad del Cobre, meu bom amigo *señor* Schneider.

A linha ficou muda.

Schneider estendeu a mão por trás do fogão e tirou a furadeira da tomada. Desceu a escada e disse aos seus homens:

— A gente vai ter que esperar, ou então levar isso inteiro. Levar para um lugar onde a gente possa abrir. É um bloco enorme de aço, Carter. A gente precisa de privacidade.

Ao meio-dia, o noticiário da televisão voltou a mostrar a identidade de Antonio, exibindo o número da polícia.

Schneider ligou para Clyde Hopper em Fort Lauderdale. Hopper trabalhava com construção marítima e paralelamente lucrava muito com a demolição de residências históricas para construtoras em Miami.

É de conhecimento geral o quanto é difícil obter uma autorização para demolir residências históricas em Miami e Miami Beach. Uma construtora pode esperar semanas ou meses para ser autorizada a derrubar velhos carvalhos numa propriedade e botar abaixo uma casa histórica.

A máquina de demolição da Hitachi de dois braços de Clyde Hopper era capaz de reduzir uma casa a uma pilha de escombros em poucas horas num domingo, quando o inspetor de obras estava em casa com a mulher e os filhos.

Junto ao assento do operador da máquina havia um pacote de sacos de lixo para ninhos, filhotes e quaisquer habitações de animais que pudessem vir abaixo com uma árvore.

Quando a demolição era descoberta, a sociedade histórica reclamava e a empreiteira recebia uma multa de uns cento e vinte e cinco mil dólares — considerada uma ninharia em comparação com o custo de se esperar uma autorização, com os banqueiros empoleirados no telhado feito abutres.

Mas o que Hans-Peter queria era outra ferramenta de Hopper: sua balsa com um guindaste de cinquenta toneladas. Ele ofereceu uma quantia para Clyde Hopper. Depois outra, e um encontro foi combinado.

— Vamos tirar no domingo, de dia — avisou Schneider aos homens, que suavam de regata no porão.

21

Barranquilla, Colômbia

Um táxi encostou no meio-fio apinhado de gente em frente à Clínica Ángeles de la Misericordia. Um vendedor com um carrinho de mão começou a discutir com o motorista sobre o estacionamento no local, mas, quando viu uma freira no banco de trás, se benzeu e recuou.

Em meio ao cheiro de desinfetante da enfermaria do térreo, um padre fechou parcialmente as cortinas em torno de um sujeito esquelético e deu início à unção dos enfermos. Uma mosca saiu voando de uma bacia de esmalte lascada e tentou pousar no óleo consagrado. O padre viu o hábito de uma freira passando e pediu que a enxotasse. Sem dar atenção, ela seguiu em frente, distribuindo docinhos às crianças que estavam no seu caminho, mas recusando-se a oferecer as frutas do seu cesto cheio.

Ela entrou com o cesto num dos quartos particulares nos fundos da enfermaria.

Jesús Villarreal estava na cama. Ele ficou feliz de ver uma mulher e afastou a máscara de oxigênio para exibir seu sorriso.

— *Gracias*, irmã — disse numa voz débil. — Algum cartão no cesto? Um envelope, uma entrega da DHL?

A freira sorriu, pegou um envelope debaixo do véu do hábito e o entregou. Ela apontou para o céu. Foi até a mesa de cabeceira e ajeitou as coisas em cima dela para acomodar o cesto de frutas num lugar em que ele alcançasse. Ela cheirava a perfume e fumaça de cigarro. Jesús achou engraçado pensar numa freira fumando às escondidas. Ela deu uns tapinhas em sua mão e inclinou a cabeça em oração. Jesús deu um beijo na medalha de são Dimas presa ao travesseiro.

— *Dios se lo pague* — disse ele.

O envelope continha uma ordem de pagamento de dois mil dólares.

O Range Rover preto de Don Ernesto parou em frente ao hospital. O guarda-costas Isidro Gomez saltou do banco do carona e abriu a porta traseira para Don Ernesto.

O motorista do táxi que estava atrás deles usou o tabloide *La Libertad* para esconder o rosto atrás dele.

Na enfermaria, os pacientes reconheciam Don Ernesto prontamente e chamavam seu nome enquanto ele passava com Gomez.

A freira se retirava, distribuindo doces. Espiou Don Ernesto por baixo da aba do véu e sorriu para o chão ao passar.

Don Ernesto bateu à porta aberta do quarto de Jesús.

— *Bienvenido* — sussurrou Jesús por trás da máscara de oxigênio. E a afastou. — É uma honra receber o senhor sem ser apalpado por ninguém.

— Você vai gostar do que eu vou dizer — anunciou Don Ernesto. — Está preparado?

Com a mão mirrada, Jesús fez um gesto para que o outro prosseguisse.

— A curiosidade está me matando. Pelo menos é o que parece.

Don Ernesto tirou do bolso alguns papéis e uma foto.

— Eu posso dar essa casa da foto para a sua mulher e o seu filho. Lupita mostrou para a *señora* e para a irmã dela. Com todo respeito, sua cunhada é muito crítica e direta, Jesús.

— Nem me fala — concordou Jesús. — Ela nunca me entendeu realmente.

— Mesmo assim, ficou bastante impressionada com a casa. E a sua *señora* ficou simplesmente apaixonada. Ela considerou a casa muito mais agradável que a casa da irmã carrancuda. A *señora* levou a escritura a um juiz. E recebeu dele um certificado de autenticação. Além disso, vou fornecer uma soma de dinheiro, o suficiente para a sua mulher e o seu filho manterem essa casa pelo resto da vida. O dinheiro já está sob custódia do banco. Aqui está o comprovante. Em troca, quero que me conte tudo: o que você levou para Pablo em Miami e como posso botar a mão nisso.

— O método é complexo.

— Jesús, não enrola as coisas. Schneider já localizou o cubo. Você não tem como barganhar a localização; isso eu já sei. Você já vendeu essa parte para Schneider.

— O que estou dizendo é que, se for aberto do jeito errado, o resultado vai ser ouvido a quilômetros de distância. Eu preciso de garantias...

— Você confia no seu advogado ou não?

— Se confio nele? — fez Jesús. — Mas que pergunta! É claro que não!

— Mas você é o tipo de homem que confia na própria mulher — argumentou Don Ernesto.

Ele bateu à porta e a mulher de Jesús entrou com o filho adolescente deles. A cunhada carrancuda de Jesús também entrou, pairando feito uma ave de rapina e lançando um olhar reprovador para os dois ali presentes, para o quarto e até para as frutas, que pensou serem de cera.

— Vou deixar vocês conversarem — avisou Don Ernesto.

Acompanhado por Gomez e o motorista, Don Ernesto fumou um *cigarillo* quase todo no patamar na entrada do hospital, até que a mulher de Jesús com o filho e a irmã saíram do prédio. Don Ernesto levou os dedos à aba do chapéu em sinal de respeito. Trocou um aperto de mão com o menino. Gomez os acompanhou até o carro que esperava.

Junto ao meio-fio, o táxi continuava parado, o motorista escondido atrás do jornal. Gomez se aproximou e afastou o jornal com o indicador, para dar uma olhada no motorista. Olhou para o banco traseiro, onde se encontrava a freira. Levou os dedos à

aba do chapéu. O motorista ouvia uma *bachata* triste de Monchy e Alexandra, e sentiu o cheiro de Gomez, uma mistura de colônia de boa qualidade e lubrificante de armas da Tri-Flow. Ficou completamente parado em seu banco até Gomez se afastar.

Don Ernesto voltou para o hospital com Gomez.

No táxi, a freira, acendeu um cigarro e pegou um celular.

— Eu quero falar com o *señor* Schneider. Rápido, *hombre*!

Uma espera de uns cinco segundos. A ligação não estava boa.

— Ei — disse ela. — Nosso amigo entrou de novo no hospital. Agora ele está com o linguarudo.

— Obrigado, Paloma — disse Hans-Peter Schneider. — Lamento informar, mas Karla não deu certo. Não, fica com o dinheiro e me manda outra. Uma russa está bom.

Na enfermaria, um paciente de muletas puxou a manga de Don Ernesto quando ele passou outra vez seguindo para o quarto de Jesús. Gomez estava prestes a dar um safanão no sujeito, mas Don Ernesto disse:

— Tudo bem.

O homem tinha lágrimas nos olhos e começou a engrolar uma fieira de problemas. Tentou mostrar a Don Ernesto um ferimento nas costas.

— Dá um dinheiro para ele — ordenou Don Ernesto a Gomez.

— *Dios se lo pague* — agradeceu o doente, tentando beijar a mão de Don Ernesto.

No quarto, Jesús olhava sem muito apetite para o cesto de frutas, que ocupava quase toda a mesa de cabeceira. De dentro dele saía uma musiquinha. "El Degüello", um toque de clarim mexicano. Jesús tentou dar uma olhada no cesto, mas os tubos atrapalhavam, e algumas frutas caíram no chão. Até que, tateando, ele encontrou o celular no fundo do cesto.

— *Dígame.*

A voz de Hans-Peter Schneider.

— Jesús, você recebeu uma visita. Você disse alguma coisa para ele? Você contou algo daquilo que me disse em troca de dinheiro?

— Nada, eu juro. Manda o resto do dinheiro e não essa mixaria, *señor* Hans-Pedro. Eu posso salvar a sua vida e a dos seus homens também com o que vou contar.

— É Hans-Peter, e não Hans-Pedro. É *señor* Schneider para você, é *patrón* para você. É *su Eminencia* para você! EU JÁ PAGUEI! Me diz como eu tenho que abrir aquele negócio.

— Você vai precisar de um diagrama, *su Eminencia Reverendísima*. Eu já desenhei exatamente o que você precisa. Manda o resto do dinheiro por DHL com tudo pago. Eu vou esperar até depois de amanhã, *su Beatitud*.

A mil setecentos e trinta e quatro quilômetros dali, as pálpebras sem cílios de Schneider se escancararam e os olhos se reviraram de ódio.

— Don Ernesto está aí com você, não é? Vocês estão rindo de mim. Eu quero falar com ele, passa o celular para ele — disse Schneider, uma pontinha de espuma no canto da boca. Ele digitava em outro celular.

— Não, eu estou sozinho, assim como todos nós — retrucou Jesús. — Manda o dinheiro, seu *pinche gilipollas*... seu PEPA PELONA... ou então manda avisar quando as suas bolas passarem por Marte.

A explosão do celular fez a cabeça de Jesús em pedaços, que foram espalhados pelo

cômodo inteiro e arrancou a porta do quarto. Don Ernesto estava com a mão na maçaneta quando a porta foi pelos ares, ganhando um corte acima do olho com as lascas.

Ele entrou no quarto cheio de fumaça. O corpo ainda se estrebuchava, esguichando sangue. Um pedaço de crânio tinha grudado no teto e caiu em cima dele. Don Ernesto deu um peteleco para longe. Ele parecia pesaroso, mas calmo. Uma gota de sangue escorreu pelo seu rosto, feito uma lágrima. Ele olhou na mesa de cabeceira, mas não encontrou nada.

— *Dios se lo pague.*

22

A Academia de Baile Alfredo, em Barranquilla, Colômbia, fica numa rua cheia de bares e cafés. A entrada ostenta a imagem de um casal dançando tango, embora aulas de tango não façam parte do currículo no momento.

A academia é a atual sede da escola de ladrões dos Dez Sinos. O nome da escola vem da prova que consiste em pendurar dez sinos na roupa da pessoa em quem o aprendiz pratica bater a carteira para ensiná-lo a ser furtivo. Às vezes também são presos anzóis ou lâminas de barbear nos bolsos, para aumentar a dificuldade da intrusão.

O segundo andar da academia tem um grande salão de dança aberto. No meio da manhã, uma brisa agradável entrou pelas janelas altas, junto com os sons da rua lá embaixo.

Um dos cantos da pista de dança estava montado como se fosse um café de aeroporto com rampa, mesas altas e um console de molhos e condimentos. Uns dez adolescentes e jovens de 20 e poucos anos estavam por lá com roupas do dia a dia. Os alunos eram de seis países diferentes da Europa e do continente americano.

O instrutor tinha cerca de 40 anos. Usava roupas esportivas da Puma e trazia os óculos no alto da cabeça. Ele se considerava um coreógrafo e de fato era o que parecia quando usava uma camisa por cima das tatuagens de cadeia. Sua foto estava nos quadros de aviso dos postos de polícia de aeroportos do mundo inteiro.

Os grupos estavam aprendendo a técnica do guardanapo. O instrutor explicava:

— Na técnica do guardanapo, vocês têm que estar com tudo pronto e ver o alvo chegando na praça de alimentação para saber em que mão ele carrega o objeto que vocês vão pegar. Digamos que seja uma pasta com o laptop na mão esquerda. Mantenham isso em mente. Mão esquerda. Vocês vão ter que sujar o alvo de mostarda ou maionese atrás do ombro direito, para que ele só possa se limpar com a mão esquerda. Além disso, senhoritas, quando apontarem para a mancha de mostarda enquanto ele estiver passando, vocês vão ter que entregar os guardanapos imediatamente na mão livre, a direita, para que ele não tenha a oportunidade de mudar a pasta de mão para limpar o ombro. Assim ele vai ter que largar a pasta no chão e virar o rosto para o ombro sujo, na direção oposta à da pasta. E, quando forem ajudar, encostem a *teta* no braço dele. Um sutiã com aro ajuda a conduzir a sensação pelo

paletó. É nesse momento que o parceiro pega o negócio. Vocês não fazem ideia de quantas pessoas sujam o ombro errado ou demoram a entregar o guardanapo. E esses lerdos acabam numa salinha sem janela do aeroporto, esperando alguém para pagar a fiança e loucos para ir ao banheiro. Muito bem, então, vamos lá. Vincent e Carlita, é com vocês. Nos seus lugares! Tudo certo, partam para cima do alvo. Vamos nessa!

O diretor fechou a mão em concha sobre a boca e falou pelo nariz.

— Voo oitenta e oito com destino a Houston chegando ao portão onze. Conexão para Laredo, Midland, El Paso.

No escritório ao lado da pista, Don Ernesto Ibarra ouvia as vozes empolgadas, a correria, os gritos de desorientação — Carlita apontando para a direção errada, gritando:

— Ele foi por ali, eu vi!

Na qualidade de diretor da escola dos Dez Sinos e responsável pelas atividades de pós-graduação em criminalidade, Don Ernesto estava escrevendo uma carta difícil para os pais do falecido Antonio e ia lhes enviar um cheque. Achava que o cheque, embora generoso, poderia ser ofensivo para eles. Torcia para que fosse o caso. Assim, os pais gastariam o dinheiro furiosos com ele, o que o pouparia de atos verbais de comiseração.

Uma batida à porta, e a secretária de Don Ernesto entrou com um celular descartável. Ele estava envolto num guardanapo, proteção de que Don Ernesto também se serviu.

— Vai tocar daqui a uns cinco minutos. Um conhecido seu — avisou ela.

Na Tour de Rêve do movimentado Mercado de Ferro de Porto Príncipe, muitas bicicletas velhas são oferecidas a preço baixo. Em sua maioria, foram obtidas à noite em Miami. Todas consertadas e reformadas, com garantia de pelo menos um mês. Mais cedo, o dono, Jean-Christophe, tinha passado o cadeado na corrente enorme que prendia os modelos em exposição na frente e levado seu laptop para o Café Internet, de onde enviou um e-mail para Barranquilla. Dizia:

Mi señor, *pode me mandar um número que eu possa usar?*

A resposta chegou em questão de minutos. *+57* JK*5 1795*.

Na academia de dança Alfredo, em Barranquilla, o celular na mão de Don Ernesto tocou e vibrou.

— Aqui é Jean-Christophe, senhor.

— *Bonjour*, Jean-Christophe! Como vai a banda?

— Puxa, o senhor lembra? Quando dá a gente toca no Oloffson, nas noites em que o Boogaloo está tocando fora da cidade.

— Quando sai o DVD?

— Estamos trabalhando nisso, obrigado por perguntar, Don Ernesto. A gente ainda precisa de tempo de estúdio. Don Ernesto, sabe o cara de Miami que me manda as bicicletas? É por isso que estou ligando. Ele recebeu uma ligação do Paraguai de uma pessoa com uma voz gutural. Uma pessoa sem cabelo. Essa pessoa queria ajuda no nosso porto de Gonaïves.

— Que tipo de ajuda, Jean-Christophe?

— Transferência de carga muito pesada em Miami. Segredo total. Transferir de um navio para uma traineira em Gonaïves. Achei que podia ser do seu interesse. O senhor

sabe de quem se trata?

— Sim.

— O pequeno cargueiro *Jezi Leve* sai de Miami daqui a uma semana. Ele vai trazer um monte de bicicletas para mim. Meu amigo das bicicletas vai me ligar depois de um encontro no barco amanhã à noite. É o caso de me livrar desse telefone?

— Seria bom, Jean-Christophe. Diz para o seu amigo de Miami que use um lenço no pescoço. Laranja bem vivo seria o ideal. Quer passar a sua conta bancária para a minha secretária? Obrigado, e boa sorte com a música.

Uma batida à porta do escritório. Era o assistente de Don Ernesto, Paolo, um sujeito melancólico na casa dos 30, com um proeminente bico de viúva.

Don Ernesto ergueu as sobrancelhas para fazer uma pergunta e sentiu uma fisgada nos pontos que levou logo acima de uma delas.

— Paolo, quem a gente tem no sul da Flórida no momento? Hoje mesmo, agora.

— Um pessoal ótimo trabalhando na exposição de joias em Tampa. Victor, Cholo, Paco e Candy.

Don Ernesto examinou os documentos sobre a mesa. Bateu nos dentes com o bilhete de condolências.

— Victor e a equipe já despacharam alguém alguma vez? — perguntou, sem erguer os olhos.

Sem hesitar, Paolo respondeu:

— Eles não são inexperientes.

* * *

No estaleiro em Miami, o capitão Marco atendeu ao telefone.

— *Hola*, Marco.

— Don Ernesto! *Buenos, señor!*

— Marco, há quanto tempo você não vai na igreja?

— Eu nem lembro, *patrón*.

— Então já está na hora de cuidar da sua vida espiritual. Vai na missa amanhã à noite. Tem um lugar muito bom em Boca. Você vai na missa das seis. Leva os seus ajudantes e rezem por Antonio. Fiquem sentados bem na frente, para serem vistos por todo mundo. E tirem fotos na igreja.

— Algumas pessoas do grupo, não vou dizer quem, não podem fazer a comunhão.

— Faça com que saiam sorrateiramente então, ou com que fiquem de olhos baixos durante a comunhão. Depois, quando esse constrangimento tiver acabado, vão para um bom restaurante uma hora de carro ao norte de Miami. Devolvam um prato para a cozinha, para deixar os funcionários bem putos, e deem uma boa gorjeta para que se lembrem de vocês. E, Marco, presta atenção no que o seu amigo Favorito está fazendo.

23

Saindo de Tampa depois do rush da manhã, a perua seguiu para o leste na Alligator Alley, em direção a Miami.

Candy ia no banco de trás. Tinha 35 anos e uma boa aparência, com alguns sinais da idade. Os outros três eram homens, também na casa dos 30: Victor, Cholo e Paco, todos muito bem-vestidos.

O entregador de joias contra o qual eles estavam armando teria que esperar.

— A gente pega ele em Los Angeles — sugeriu Victor.

— Agora a gente já sabe do que ele gosta — acrescentou Paco, com os olhos grudados em Candy passando protetor labial.

Candy olhou para ele enojada e guardou com cuidado o protetor labial no compartimento de celular da bolsa, para não se enganchar no guarda-mato da pistola.

O depósito na zona oeste de Miami era um prédio enorme, verde pálido e sem janelas.

Para Paco, que tentava compor canções, parecia um abatedouro.

— Depósito — disse ele —, o matadouro dos sonhos.

Candy esperou ao volante da perua enquanto Victor, Paco e Cholo entravam. Como o sujeito que veio encontrá-los não disse o próprio nome, Victor avisou:

— Vou chamar você de "Parça".

E lhe mostrou uma moeda na palma da mão. O Parça os conduziu por um corredor escuro cheio de portas. O lugar cheirava a sapatos mofados e roupa de cama velha, mantas manchadas e amarfanhadas. Cheiro de planos que deram errado — móveis de divórcio, uma cadeirinha de carro para bebês. Paco sentiu um calafrio.

Os cubículos de depósito tinham o teto aberto coberto com telas de arame pesadas, como albergues baratos. O Parça parou diante de uma porta e olhou para Victor até que ele apresentou dois maços de dinheiro.

— Metade agora, metade depois, Parça. Agora eu quero ver — disse Victor, e lhe entregou um dos maços.

No compartimento havia um piano de quarto de cauda, um bar portátil e um armário fechado feito de madeira pesada. O Parça levantou o assento do banco do piano e pegou uma chave entre as páginas da partitura.

— Checa o corredor — pediu a Paco.

— Está limpo — respondeu o outro.

O Parça abriu o armário e pegou duas submetralhadoras MAC-10, um AK-47 e um fuzil AR-15.

— Fogo seletivo, totalmente automático? — perguntou Victor.

O Parça lhe entregou o AR-15 com uma trava de gatilho que o transformava numa metralhadora.

— Todos *inocentes*, *sinpasados*, irrastreáveis? — perguntou Victor.

— Pode apostar o seu pescoço.

— Eu não. Aposta o seu, Parça.

O Parça guardou as armas num estojo de acordeão, junto com pentes carregados e silenciadores. Botou uma escopeta pequena no estojo de um saxofone soprano.

Victor olhou para Paco.

— Finalmente um instrumento que você consegue tocar.

De tarde, eles fizeram compras no Mall of the Americas e Candy tingiu o cabelo.

24

Escolada no sofrimento, Cari se mantinha ocupada.

Um dia depois de queimarem a cabeça de Antonio, tinha um trabalho com a prima Julieta fazendo o serviço de bufê de um passeio de barco da Estação de Aves Marinhas de Pelican Harbor até a colônia de criação em Bird Key, o que representava a renda de um mês de trabalho. O que oferecer àquela gente toda? Coisas que dessem para comer com a mão e que não pingassem.

Empanadas, sanduíches, espetinho de *chorizos*. Abacates cortados ao meio com ceviche quando o orçamento permitisse. E para beber refrigerante, rum, vodca, cerveja.

As duas já tentaram servir costeletas, mas o barbecue pingava e melecava o barco inteiro, e elas tinham que limpar tudo. Não dava para acender uma fogueira no barco, mas a marina emprestava grelhas, e elas esquentavam empanadas e bolinhos de carne no esterilizador da clínica.

A embarcação era das grandes, um barco aberto com cobertura de lona e um banheiro ao lado do leme. Contava com quarenta boias salva-vidas. Os bancos ficavam ao longo do parapeito.

Trinta pessoas, muitas delas de Miami com a eterna companhia para entreter, tinham comprado bilhetes para o passeio, e ele valia cada centavo. O objetivo era atrair apoio para a estação, que depende de doações. A rota habitual da embarcação circundava a colônia de criação de Bird Key, e, quando começava a escurecer, subia um trecho do rio Miami, em meio aos arranha-céus da espetacular paisagem noturna. Esta noite, fariam uma parada para assistir ao espetáculo de fogos de artifício em Bayfront Park.

A dra. Lilibet Blanco, veterinária e diretora da Estação de Aves Marinhas de Pelican Harbor, era a guia essa noite. Ela havia chegado aos Estados Unidos sozinha, vinda de Cuba, aos 7 anos, na Operación Pedro Pan.

Era comum a dra. Blanco deixar Cari ajudá-la com os animais. Essa noite ela parecia diferente, com seu terninho preto e o colar de pérolas. Estava acompanhada do marido. Ele era um dos donos de um *frontón* de jai alai.

A dra. Blanco disse algumas palavras de boas-vindas no momento em que o barco partiu.

A embarcação se arrastou por baixo da ponte da rua 79 seguindo para o sul,

rumando para Bird Key, duas ilhotas aglomeradas, uma natural, a outra aterrada, que somavam pouco mais de seis hectares. Bird Key é uma propriedade privada e não conta com fundos públicos para sua manutenção.

Os pássaros estavam voltando para casa — íbis, garçotas, pelicanos, águias-pescadoras, garças; as garçotas e os íbis brancos reluzindo ao sol contra o céu que escurecia a leste.

A estação tentava sempre promover em excursões como essa a libertação de um pássaro, devolvendo um animal reabilitado à vida silvestre, para exemplificar sua missão e atrair contribuições. Esta noite, tinham a bordo uma garça-noturna adolescente numa caixa de transporte envolta numa toalha para mantê-la no escuro e tão calma quanto possível.

O jovem pássaro, de tamanho considerável, tinha sido lançado para fora do ninho durante o furacão Irma e deslocara a asa. Reidratado, com a articulação recuperada, as asas mantidas em forma no espaço para voos protegidos da estação, ele agora estava pronto para voltar à vida silvestre.

O comandante aproximou o barco o máximo possível de Bird Key na água pouco profunda.

Cari levou a caixa de transporte para a popa e a equilibrou no alto do parapeito.

Um famoso homem do tempo da TV, filmado pela sua equipe, fez uma breve apresentação sobre o meio ambiente. Ele estava junto ao parapeito, enquanto Cari segurava a caixa de transporte, se mantendo fora da câmera. Ela retirou a toalha e abriu a caixa. O pássaro estava de costas para a porta, e só era possível ver sua cauda. O homem do tempo não sabia muito bem o que fazer.

— Mexe nas penas da cauda e ele vai se virar — sugeriu Cari.

O enorme adolescente ainda era todo felpudo. Sentindo que mexiam na sua cauda, virou-se abruptamente e botou a cabeça para fora, viu as outras garças-noturnas voando em círculos sobre Bird Key e partiu feito um foguete ao seu encontro.

O espírito de Cari voou com a garça-noturna, e esse alívio durou até o momento em que não conseguiu mais distingui-lo dos outros pássaros planando sobre a ilha.

O barco começou a dar a volta na colônia de criação da ilhota antes de rumar para o sul, em direção aos fogos de artifício no parque.

Alguns passageiros portavam binóculos. Um deles conversava com o comandante, apontando com uma empanada.

Cari serviu uma travessa de sanduichinhos e o comandante lhe ofereceu seu binóculo.

Na ilha uma águia-pescadora pendia de cabeça para baixo no líder de uma linha de pesca presa num galho de árvore, um peixe secando ainda pendurado no anzol ao lado do pássaro suspenso. O pássaro batia uma das asas, debilitado. A águia-pescadora estava de bico aberto, projetando a língua preta. As grandes garras se agitavam no ar.

Os passageiros se aglomeraram no parapeito.

— Olha só as garras daquela filha da mãe!

— Viu só, ela estava roubando um peixe de alguém.

— Agora não vai roubar mais.

— A gente pode fazer alguma coisa?

A água era muito rasa para que o barco se aproximasse mais. Eles estavam a quase cinquenta metros do mangue-vermelho espesso que cercava a ilha, perto o bastante para ver o amontoado de lixo e mato que cobria o solo entre as árvores.

Aquele lixo era uma bênção e uma maldição para Bird Key. Ele impedia piqueniques nas proximidades da colônia, mas às vezes os animais ficavam presos no entulho.

Pelo binóculo, Cari observava o pássaro preso, o olhar feroz voltado para cima, as enormes garras querendo agarrar o céu. Pássaros faziam círculos no alto. Uma linha reluzente de íbis começou a descida para se aninhar nas árvores durante a noite.

Cari foi arrebatada pela visão do pássaro amarrado. Preso. *As crianças na água, presas. Só conseguiam encostar a cabeça uma na outra, os braços amarrados nas costas. Só conseguiam encostar a cabeça uma na outra quando os soldados começaram a soltar a trava de segurança dos fuzis e veio a saraivada. Abatidos a tiros, boiando e sendo levados pela água, uma echarpe de sangue ao redor.*

— Eu consigo pegar o pássaro — disse ela ao comandante. — Se você ficar aqui, eu pego o pássaro.

Ele olhou para o relógio.

— A gente tem que chegar a tempo para os fogos de artifício. Alguém pode vir da colônia num barquinho.

— Não tem ninguém na colônia — retrucou Cari. — Só amanhã.

Às vezes voluntários iam até a ilha para desenredar pássaros, mas não havia um cronograma para isso. E havia quem temesse um pássaro selvagem como aquele.

— Cari, você tem o que fazer no barco.

— Pode me deixar e me apanhar na volta. Por favor, comandante. Julieta pode cuidar da comida.

Ele via pela expressão de Cari que ela faria isso de qualquer maneira. Não queria forçá-la a ir contra a sua decisão, pois seria o fim do emprego dela. Por cima do ombro de Cari, o comandante via a dra. Blanco olhando para ele. A veterinária fez sinal positivo com a cabeça.

— Mas resolve isso o mais rápido possível — avisou o comandante. — Se levar mais de vinte minutos, eu chamo a Patrulha Marítima para te ajudar.

A água estava cristalina, com pouco mais de um metro de profundidade junto ao barco. No fundo ondulante de areia, a relva balançava na suavidade da corrente.

O comandante abriu a caixinha de ferramentas da embarcação.

— Leva o que precisar.

Cari levou alicates e fita isolante. E havia algumas luvas providenciais deixadas no barco para trabalhos no motor quando estava quente. Havia também um pequeno kit de primeiros socorros que continha pouca coisa: um rolo de gaze, outro de esparadrapo, alguns Band-Aids e um tubo de Neosporin.

Ela botou as ferramentas e o kit num cooler junto com uma toalha de praia de um dos passageiros. Cari tirou o avental e vestiu um colete salva-vidas. Ficou de sapatos e pulou na água de costas. A temperatura era de uns vinte e quatro graus, mas a sensação na roupa foi de frio. Seus pés encontraram o fundo, a relva fazendo cócegas nos tornozelos. Ao seu lado, o barco parecia alto, subindo e descendo.

O comandante baixou o cooler para ela, a tampa presa por uma corda.

Na altura da água, as várias raízes do manguezal também pareciam altas, se elevando da água salgada ilha adentro.

O fundo da baía de Biscayne é estriado com canais que parecem valas causados pelo tráfego de embarcações, e Cari teve que atravessar um deles a nado, empurrando o cooler, batendo os pés, feliz por estar com um tênis de cadarço.

Fundo raso outra vez. Ela rebocava o cooler até que precisou erguê-lo, movendo-se de lado para encontrar um jeito de alcançar a ilha através da vegetação densa do mangue.

Agora ela estava debaixo das árvores, sem saber ao certo a localização do pássaro. Olhou para o barco e o comandante indicou o sul com um sinal. Nada fácil. O solo estava coberto de lixo — coolers, tambores de gasolina, linhas de pesca emboladas, uma cadeira de criança, um banco de carro, almofadas cobertas de sal, um pneu de bicicleta, um colchão de solteiro. Muito disso vinha com a maré, algas e entulho trazidos pelo rio Little, que desaguava na baía não longe dali.

Conforme vadeava até as algas e o entulho, pensou que aquilo parecia sua vida, ou quase parecia sua vida — ela não via partes humanas nos detritos.

O pássaro estava pendurado de cabeça para baixo num galho a cerca de um metro e meio do chão, as patas emaranhadas num pesado líder de fluorocarbono, girando lentamente, uma das asas batendo sem forças, as garras tentando agarrar o céu. Com o bico aberto, a pequena língua negra se projetava do revestimento violeta pálido da boca. O peixe estava murcho, os olhos afundados. Estava morto havia vários dias, e Cari sentiu muito bem o cheiro dele quando se postou embaixo.

Ela se aproximou o máximo possível do pássaro sem que ele pudesse alcançá-la com o bico. Juntou com os pés um bocado de folhas e pequenos galhos embaixo dele e abriu a toalha de praia por cima.

Cari estendeu os braços para o pássaro, e, com uma das mãos, segurou o líder, enrolando-o em dois dedos enquanto tentava cortá-lo por baixo do galho com o alicate. O alicate apenas entortou o resistente líder de náilon, sem cortá-lo. Ela pegou seu canivete e abriu a lâmina com o polegar, sem olhar para ele. Tinha um fio muito afiado.

A parte serrilhada da lâmina serrou o líder, e o pássaro, embora não devesse pesar nem um quilo e meio, pareceu pesado ao ficar pendurado na sua mão, seu peso pulsando enquanto ele tentava bater uma das asas, roçando nas suas pernas quando o baixou até a toalha e o enrolou com cuidado, as garras se enterrando no tecido.

Ouviu um pio estridente ao depositá-lo no cooler, com a tampa entreaberta. Levantava bastante a perna ao dar passos por cima do matagal, mantendo o cooler acima da cabeça para ver onde pisava enquanto voltava pelo caminho coberto de lixo até a água. Então deixou o cooler boiar na água à sua frente, tomando o cuidado de mantê-lo na vertical enquanto voltava com dificuldade.

Uma arraia, perturbada em seu descanso no fundo, se afastou ondulante. Um bando de botos passou, e ela conseguiu ouvir a respiração deles, apesar dos gritos que vinham do barco. Agora Julieta estava na água, nadando ao seu encontro, e um turista alemão, vendo as duas na água, tirou as calças, no frenesi de tentar ajudar, e mergulhou de cueca. Ele era alto o bastante para colocar o cooler na amurada do barco.

Saudados por aplausos tímidos, eles colocaram o pássaro na mesa do bar.

A dra. Blanco os observava. Cari olhou para a veterinária.

— O que você vai fazer agora, Cari? — perguntou. — Digamos que eu não estivesse aqui. — Ela cutucou o marido.

— Ele está muito desidratado, doutora — respondeu Cari. — Eu hidrataria, imobilizaria a asa e o manteria aquecido no escuro até voltarmos à estação.

— Vai em frente. — A dra. Blanco se sentou num lugar de onde pudesse ver.

Apalpando a toalha, Cari segurou bem o pássaro, as patas dele entre os dedos de uma das mãos, e com a ajuda de Julieta imobilizou a asa machucada com uma atadura cruzada feita de gaze. Enquanto o barco rumava para o sul, Cari entubou o pássaro com um canudo lubrificado que pegou do bar, encontrando a abertura do esôfago para introduzi-lo suavemente.

— Você não vai machucar ele assim? — perguntou um passageiro.

Cari não respondeu. Com um par de óculos emprestado, ela jogava água da boca para o canudo, sentindo no rosto a respiração quente e com cheiro de peixe do pássaro, a borda amarela do seu olho agigantada bem perto do olho dela.

Elas acomodaram o pássaro na caixa de transporte que haviam usado para a garça-noturna reabilitada e cobriram a porta com uma toalha.

— Não dá para sentir pena como a gente sente de um cachorrinho ou coisa parecida. Quero dizer... esse bicho aí também mata — comentou um passageiro.

— E isso aí que você está comendo não é uma asa de frango? — questionou a dra. Blanco.

Ela foi atrás de Cari, que limpava a mesa do bar e tentava se livrar do ajudante alemão, louco para auxiliá-la no bar também, ou em qualquer outra coisa em que pudesse ser útil.

— Cari, aparece lá na segunda. Quero mostrar uma coisa para você — disse a dra. Blanco. — Meu marido falou que ele já paga um monte de advogados mesmo, então vamos ver se por acaso não podem ajudar com os seus documentos. Ele disse que vão ter que tirar fotos dos seus braços para justificar a existência de risco em caso de deportação.

Quando se deu conta de que estava sendo filmada pela equipe de TV, Cari se virou de costas para a câmera e se recusou a dar entrevista.

Hans-Peter reconheceu os braços com cicatrizes de Cari no jornal da noite. Ele não via por que ela precisava dos dois. Uma charmosa assimetria era melhor. Hans-Peter abriu a pasta e começou a rascunhar.

25

O cargueiro haitiano *Jezi Leve* estava num cais seis quilômetros rio Miami acima. Do convés, o vigia via o arco do Tri-Rail elevado, com seu arco-íris de neon acima do rio. Ao seu lado algumas revistas pornô e uma escopeta pequena, mas legal; o cano tinha quase cinquenta centímetros de comprimento, contando a partir do ferrolho. Um lenço laranja enrolado no pescoço. Era um homem meticuloso e, para se preparar para a missão que tinha pela frente, comeu no almoço dois abacates inteiros.

Flaco, o homem de Hans-Peter, estava ao lado do vigia, munido de um AR-15 e com uma pistola na cintura.

Enquanto a noite caía eles contemplavam as luzes se acendendo rio acima e abaixo.

Flaco ouvia ao longe a música dos restaurantes rio abaixo. Estava tocando "Travesuras", de Nicky Jam, e devia ter gente dançando, os peitos das garotas saltando no ritmo da música. Era o que estava tocando no Club Chica quando ele dançou com a garota com um azulão tatuado no peito e eles foram para o carro e cheiraram e começaram a se pegar... Uau! Flaco queria estar jantando com alguma gostosa num restaurante à beira da água, em vez de estar ali sentado com o filho da mãe daquele vigia que peidava o tempo todo.

No alojamento em péssimo estado sob o convés do *Jezi Leve*, Hans-Peter Schneider conversava com Clyde Hopper, de Fort Lauderdale, e o segundo oficial do barco, um jovem haitiano com dragonas na camisa. O segundo oficial convocou Tommy, o Contramestre, encarregado do equipamento de içamento do barco. Tommy gostava de ser chamado de Tommy, o Contramestre, por causa de um trocadilho no dialeto jamaicano: significava "Tommy, o de Pau Duro".

O comandante estava em terra firme, convenientemente irrepreensível. Mateo, outro homem de Hans-Peter, estava ao pé da escada da escotilha com uma escopeta calibre doze.

— Cadê o Felix? — quis saber Hopper.

— O filho dele está extraindo as amígdalas — explicou Schneider. — Ele teve que acompanhar a esposa no hospital.

Schneider tinha espalhado na mesa as plantas da construção do pátio Escobar, além de fotos do buraco sob o quebra-mar recuperadas da câmera de Antonio.

Hopper trazia fotos do seu equipamento.

— Essa é a caçamba de demolição de braço longo com um cortador hidráulico que pode ser anexado na barcaça. Ela não precisa ser girada para usar o guindaste. A gente tem um guincho hidráulico de cinquenta toneladas. Vamos conseguir tirar.

— Em uma única maré.

— A gente vai fazer tudo em uma maré. Você tem certeza de que não quer deixar direto num barco?

— Eu quero que façam exatamente o que eu disse. Coloca na barcaça. Embrulha numa rede de carga. Traz para cá.

Schneider se virou para o oficial náutico.

— Deixa o material de içamento a postos. Me mostra onde vai ficar.

Eles foram com o contramestre até o porão.

— Ali — disse o jovem. — Ele desce até o porão pela escotilha principal e a gente cobre com bicicletas. No convés, a gente cobre a escotilha com outra pilha de bicicletas.

* * *

Lá fora, no passadiço, o vigia viu um food truck vindo pela estrada junto ao rio. A buzina tocava "La Cucaracha".

O vigia apertou a barriga. Ele liberou uma nuvem de abacate.

— Vou soltar um barro — avisou. — Já volto.

Deixou Flaco sozinho no passadiço com seus vãos devaneios de romance, abanando a mão na frente do nariz.

Candy dirigiu o food truck até o cais. Estacionou e saltou.

Estava de shortinho e com a blusa amarrada logo abaixo dos seios. Ela estava linda.

Chamou Flaco no passadiço do barco:

— Ei, eu tenho empanadas quentinhas.

— Podes crer — disse para si mesmo.

— Um e cinquenta, com uma Presidente gelada. Tem mais alguém aí? Eu sei que eles vão querer. Um e cinquenta. Você também podia comprar uma para mim.

Ela esperou um segundo, deu de ombros e fez menção de voltar ao food truck.

— Como é que se compra uma cerveja aí? — Flaco estava descendo a prancha.

— Com o seu dinheiro, espero — respondeu Candy. Ela via a forma de uma pistola por baixo da camisa dele. O fuzil havia ficado no passadiço.

Candy abriu a traseira do food truck. Estava meio vazia. Havia duas caixas térmicas com as empanadas quentes e a cerveja gelada, além de uma caixa de gelo e uma grelha a gás.

Ela abriu uma garrafa de Presidente e a entregou a Flaco.

— Quer sentar aqui no banco? Eu trago as empanadas.

Ela pendurou a bolsa no ombro e pegou a comida.

Os dois se sentaram num banco do cais, de costas para o barco.

Ela deu um tapinha na coxa de Flaco.

— Boas, não?

Flaco mastigava.

— Sua buzina toca "La Cucaracha", bem engraçado isso — comentou ele de boca cheia. Tinha dificuldade para engolir com a cabeça virada para espiar o decote dela.

Atrás deles, Victor, Cholo e Paco se esgueiraram pela prancha e entraram no barco.

— Você é muito bonita — comentou Flaco. — O que mais você tem aí? A gente podia entrar no caminhão.

Candy esperava que um barco passasse. Olhava rio acima e abaixo, mas não vinha nada.

— Eu te dou uma carreira de cocaína antes e cenzinho depois — ofereceu Flaco, mostrando uma nota de cem dólares.

Candy apertou a tranca da chave automática do food truck e as luzes dele piscaram.

A rajada de duas MAC-10 soou dentro do barco, flashes de luz pelas vigias.

Candy atirou em Flaco de dentro da bolsa, atingindo-o duas vezes nas costelas. Encostou a arma debaixo do braço dele e atirou outras duas vezes.

Olhou para o rosto e viu que estava morto. Botou a nota de cem no bolso. E atirou no rio as garrafas e a empanada comida pela metade junto do guardanapo.

Um peixe subiu para abocanhar a empanada de carne. Dos restaurantes ao longe vinha a música, baixinho. No silêncio um peixe-boi veio à tona para respirar com seu filhote.

No cargueiro, Hopper, o jovem oficial e o contramestre estavam mortos. Nem sinal de Mateo.

Hans-Peter Schneider estava debaixo da mesa, com sangue na cabeça. Victor atirou nele de novo, as balas perfuravam o casaco e a camisa, espalhando poeira. A papelada ainda estava na mesa. Cholo revistava Schneider em busca da carteira.

— Bora! — gritou Victor. — Bora! Rápido!

Victor e Paco subiram correndo a escada da escotilha para chegar ao convés. Cholo ficou para trás, querendo o relógio de Schneider. Estava tentando tirá-lo quando Schneider atirou nele. Schneider se levantou e correu para a escotilha traseira. Victor e Paco atiraram nele, as balas zunindo.

No convés, Schneider caiu de costas por cima do parapeito e mergulhou no rio. Victor e Paco continuaram atirando. Então desceram ao porão atrás de Cholo.

Victor levou a mão ao pescoço de Cholo.

— Morto. Pega a identidade dele.

Eles desceram a rampa até o cais e jogaram as pistolas na caixa de gelo.

Mateo estava fugindo no carro de Schneider.

— Os papéis — lembrou Candy. — Cadê os papéis?

Ela jogava as cápsulas vazias na bolsa e recarregava com um carregador rápido.

— Papéis, merda... Vamos lá — chamou Paco.

— Que merda! Vai pegar os papéis. Tem certeza de que o Cholo está morto?

— Você acha que eu ia deixar ele pra trás? Vai se foder! — respondeu Victor.

Candy fechou o cilindro do revólver.

— Bora.

No porão, eles enfiaram os desenhos na bolsa de Candy. Os olhos mortos de Cholo começavam a secar. Não voltaram a olhar para ele ao sair.

No cais, Paco correu até a perua estacionada, Candy e Victor entraram no food truck.

E partiram. Sirenes soavam ao longe.

Os peixes embaixo da ponte sentiam a aproximação do trem elevado. O Tri-Rail atravessava o rio, sacudindo insetos da ponte, polvilhando-os na água. Os peixes que esperavam os sugavam, formando redemoinhos na superfície tranquila do rio.

26

Candy dirigia o food truck. Via as luzes do aeroporto, o farol girando. Precisou falar bem alto com Victor ao seu lado, porque um avião estava passando em voo baixo.

— O que é que diz aí no papel, qual garagem?

— Em frente à entrada D — respondeu ele. — Do outro lado do embarque internacional. Nosso voo sai daqui a quarenta minutos.

Eles se aproximavam de uma passagem de nível ferroviária. As luzes do cruzamento se acenderam e um sino de alarme começou a soar.

— *Mierda* — disse Candy.

Ela reduziu a velocidade até parar para esperar a lenta passagem de um trem de carga. Voltou o espelho retrovisor para dar uma olhada na maquiagem. Seu rosto explodiu com a rajada de uma arma automática que veio da traseira do food truck. Victor estava morto ao seu lado. O corpo de Candy caiu sobre o volante, disparando a buzina. "La Cucaracha" tocava vezes e vezes seguidas, junto com o sino de alarme e o barulho do trem. Seu pé escorregou do freio e o caminhão começou a avançar lentamente em direção à lateral do trem em movimento.

A porta traseira do caminhão se abriu. Ensanguentado, Hans-Peter Schneider desceu, a camisa rasgada cobrindo em parte o colete à prova de balas. Ele portava uma submetralhadora automática. Outro carro se aproximava, um táxi. O motorista tentou dar meia-volta e fugir, mas Schneider atirou nele pela janela lateral e o arrancou do veículo, jogando-o no chão. Ele se sentou ao volante e mandou uma curta saraivada no botijão de gás butano na traseira do food truck. O caminhão foi pelos ares numa explosão que sacudiu o táxi em que Schneider se afastava.

Schneider baixou a bandeira do taxímetro e foi em frente, o rádio murmurando. Ele havia atirado pela janela aberta, mas o vidro do lado do carona tinha furos. Conseguiu baixá-lo. O assento e o volante estavam melecados, com fragmentos de ossos grudados.

O sistema de rastreamento do táxi provavelmente não estava ligado à polícia, mas ainda assim a empresa poderia localizá-lo. Ele ainda não estava na mira de ninguém, mas logo o táxi entraria nos alertas da polícia. Schneider estava ensanguentado, todo

molhado, com a camisa esfarrapada. E ao volante cantava bem alto pelo nariz. De vez em quando dizia "Jawohl!".

Ele se aproximava de um ponto de ônibus. Um velho estava sentado no banco. Usava um chapéu de palha e camisa de manga curta florida e segurava uma garrafa gelada de Corona *caguama* dentro de um saco de papel.

Schneider escondeu a arma entre a perna e a porta. Inclinou-se sobre o banco do carona.

— Ei. Você aí!

O velho finalmente abriu os olhos.

— Ei. Eu pago cem dólares por essa camisa.

— Que camisa?

— Essa camisa que você está usando. Vem aqui.

Schneider estendeu a mão com o dinheiro, passando-a pela janela. O velho levantou e foi até o carro. Mancava. Olhou para Schneider com seus olhos reumáticos.

— Que tal duzentos e cinquenta?

O canto da boca de Schneider ficou com uma pontinha de espuma. Ele pegou a MAC-10 e apontou para o sujeito.

— Me dá essa camisa se não quiser que eu estoure os seus miolos! — Ocorreu a ele que se atirasse arruinaria com a camisa.

— Pensando bem, cem está de bom tamanho — disse o velho, tirando a camisa e passando-a pela janela. E arrancou a nota de cem dólares dos dedos de Schneider. — Não está interessado nas calças também... — perguntou enquanto Schneider já dirigia para longe. O velho voltou a se sentar, de calça e camiseta, e tomou um longo trago do saco de papel.

Schneider foi com o táxi até a estação de metrô mais próxima.

Mateo atendeu à sua ligação.

— Eu me mandei no seu carro — explicou Mateo. — Me desculpa. Eu achei que você... você sabe... que tivessem te matado.

Hans-Peter enrolou a arma num tapete do táxi e o botou debaixo do braço enquanto esperava que Mateo viesse buscá-lo.

Hans-Peter tinha dois quartos privados ao lado do estúdio de filmes pornô on-line no seu depósito na baía. Um dos quartos tinha papel de parede flocado e muito veludo, todo vinho com mantas cinzentas.

O outro era o quarto coberto de azulejos à prova de som, com um ralo no meio do piso. Lá ficavam sua grande sauna com ducha cheia de bocais de cima a baixo, a geladeira, a máquina de cremação e as máscaras, além dos bisturis de obsidiana — de seis e doze milímetros —, oitenta e quatro dólares cada um e muito mais afiados que os de aço.

Ele se sentou no chão do chuveiro sem tirar a roupa e deixou a água quente lavar o sangue. Quando a água começou a escorrer por baixo do colete, ele o tirou e o jogou no canto, junto com a camisa do velho.

Havia música no quarto. Schneider deixava o controle remoto dentro de uma camisinha, a ponta do receptáculo apontando para fora, como uma antena rígida. Ele

ficava na saboneteira. Estava ouvindo o quinteto *A truta*, de Schubert. Era a música da casa dos seus pais no Paraguai. Costumava ser tocada sem parar nas tardes de domingo, quando ele esperava ser castigado.

Baixinho e depois mais alto, e mais alto ainda, a música tocava no chuveiro, Schneider sentado no chão, inclinado para o canto enquanto a água lavava o sangue das roupas. Com um movimento rápido do braço, o corpo desleixado, levou aos lábios o apito da morte asteca e apitou, apitou e apitou a plenos pulmões, mais alto que a música, o apito parecendo dez mil vítimas gritando, a música da coroação de Montezuma se sobrepondo a Schubert. Ele apitou até desabar, o rosto perto do ralo, os olhos abertos, tudo que via era a água sendo drenada em círculos.

27

Agora Hans-Peter estava limpo e seco, deitado na cama, as roupas já sem sangue no chão do chuveiro.

Em busca de um lugar para adormecer a mente, ele vagou por recantos cada vez mais antigos da memória, até enfim chegar à câmara frigorífica da sua juventude no Paraguai.

Seus pais estavam lá dentro e ele ouvia as vozes do outro lado da porta. Não podiam sair porque a porta do frigorífico estava presa por uma corrente que Hans havia amarrado num nó inexpugnável, do jeito que seu pai havia lhe ensinado, sacudindo o nó até os elos se encaixarem.

Deitado na cama em Miami, Hans-Peter deu voz às imagens que pululavam no teto. A voz do pai e da mãe saíam dele, uma mistura dos traços de ambos.

Pai: Ele está brincando, ele vai deixar a gente sair. E aí eu vou dar uma surra nele até ele se borrar todo.

Mãe, chamando pela porta: Hans, meu bem. Acabou a brincadeira, a gente vai pegar um resfriado e você vai ter que cuidar da gente com lenços de papel e chá. Haha.

Agora a voz de Hans-Peter estava abafada, ele levara a mão à boca para repetir o que tinha ouvido do outro lado da porta, súplicas abafadas a noite inteira, tanto tempo atrás.

"*Chuc, chuc, chuc*", fazia Hans, imitando a mangueira que tremia com uma das pontas fixada no cano de descarga do carro e a outra na ventilação da câmara frigorífica.

Quatro noites depois, ao abrir a porta, os pais estavam sentados, mas não nos braços um do outro. Olhavam para ele, os globos oculares congelados cintilando. Quando baixou o machado, eles se despedaçaram.

Os pedaços pararam de quicar; as figuras estavam paradas, feito um mural no teto por cima da cama quentinha de Hans-Peter em Miami.

Ele virou para o lado e dormiu tranquilamente.

Hans-Peter acordou na escuridão total. Estava com fome.

Foi até a geladeira no escuro e abriu a porta, de repente visível no quarto escuro, branco e nu à luz da geladeira.

Os rins de Karla estavam imersos em gelo na prateleira de baixo, rosados e perfeitos, banhados numa solução salina e prontos para serem levados pelo vendedor de órgãos. Hans-Peter estava se desfazendo do par por vinte mil dólares. Poderia ter se oferecido para levar Karla para casa na Ucrânia e lá se apropriado dos rins por cerca de duzentos mil, se não estivesse preso à mansão Escobar.

Hans-Peter detestava a hora das refeições e as cerimônias à mesa, mas estava com fome. Molhou a ponta de um pano de prato e o pendurou na porta da geladeira. Abriu outra toalha no chão.

Pegou com ambas as mãos um frango assado inteiro e repetiu a bênção que trazia no coração, a mesma pela qual era espancado ao dizer na mesa da família:

"*Que se foda essa merda do caralho.*"

De pé diante da geladeira aberta, mordeu o frango como morderia uma maçã, arrancando pedaços de carne sacudindo a cabeça. Parou um momento para imitar a cacatua de Cari Mora: "Que porra é essa, Carmen?" E mordia e mordia. Pegou leite na geladeira, bebeu um pouco e jogou o resto na cabeça, o leite escorrendo pelas pernas e descendo para o ralo.

Limpou o rosto e a cabeça com a toalha e voltou para baixo do chuveiro, cantando:

— *Kraut und Rüben haben mich vertrieben; hätt mein' Mutter Fleisch gekocht, so wär'ich länger blieben.*

Gostava tanto disso que cantou de novo em inglês:

— Chucrute e beterrabas vão me fazer ir embora; se mamãe tivesse feito carne, eu teria ficado mais tempo.

Cantando, cantando, Hans-Peter levou ao esterilizador os bisturis de obsidiana, tão usados nas cirurgias plásticas em Miami. Ele tomava o maior cuidado com essas delicadas lâminas de vidro vulcânico. Dez vezes mais afiado que o de uma navalha, seu fio de trinta angström é capaz de partir uma célula ao meio sem rasgá-la. Uma pessoa poderia se cortar e só perceber quando o sangue chamasse a atenção.

Da boca de Hans-Peter saiu a voz de Cari Mora:

— Uma chuleta muito boa no Publix. Uma chuleta muito boa no Publix. Uma chuleta muito boa no Publix.

Ele limpou as mãos no pano de prato molhado.

— Tem uns food trucks — disse, com a voz de Cari Mora. — O meu preferido é o Comidas Distinguidas.

E o pássaro outra vez:

— Que porra é essa, Carmen?

Ele pegou o apito da morte e soprou e soprou e soprou e soprou no quarto azulejado com o piso em declive até o ralo, a máquina de cremação líquida jogando a água de lixívia sem parar de um lado para o outro feito um metrônomo lento.

28

O sr. Imran chegou ao prédio de Hans-Peter pouco depois das onze da noite. Estava no terceiro banco de uma van. No lugar onde antes ficava o banco do meio havia um monte coberto com um cobertor no piso. O monte se mexeu ligeiramente quando a van parou.

O sr. Imran fazia compras para seu patrão extremamente rico, o sr. Gnis, da Mauritânia, que Hans-Peter não conhecia.

O motorista saltou e abriu a porta de correr para o sr. Imran. O motorista era um sujeito grandalhão e impassível com orelhas de couve-flor. Hans-Peter notou que por baixo das mangas da camisa ele usava braçadeiras de tiro com arco. Ele não se aproximou muito da van. Tampouco do sr. Imran, pois sabia que ele gostava de morder e nem sempre conseguia se conter.

Hans-Peter manteve um Taser no bolso.

Os dois se sentaram em bancos no cômodo do chuveiro.

— Você se incomoda se eu fumar um cigarro eletrônico? — perguntou o sr. Imran.

— De forma alguma.

Um vapor perfumado subiu quando o sr. Imran acendeu o cigarro.

A máquina de cremação líquida sacudia levemente e pareceu gorgolejar baixinho, dissolvendo o corpo de Karla na solução de lixívia.

Hans-Peter tinha nas orelhas os brincos dela, e pendurado no pescoço um medalhão com o retrato do pai de Karla. Fingia que era seu próprio pai no retrato e que o medalhão estava coberto de monóxido de carbono.

O sr. Imran e Hans-Peter passaram alguns minutos observando a máquina sem dizer nada, feito homens vidrados em algum esporte. Hans-Peter tinha adicionado um pouco de cor fluorescente ao líquido, e no movimento de ascensão da máquina Karla apareceu, o crânio e o que restava do rosto brilhando.

— É uma tonalidade bem interessante — comentou o sr. Imran.

Seu olhar deu com o de Hans-Peter, ambos pensando em como seria divertido dissolver o outro vivo.

— Você colocou ela aí viva? — perguntou o sr. Imran em tom confidencial.

— Não, infelizmente. Ela sofreu um ferimento fatal quando tentou fugir no meio da

noite. Mesmo mortas, elas se mexem de um jeito bem interessante quando o calor começa a agir — comentou Hans-Peter.

— Você acha que poderia montar um equipamento desses para o sr. Gnis e fazer uma demonstração com um modelo consciente?

— Sim.

— Você tem uma coisa para me mostrar hoje.

Hans-Peter entregou ao sr. Imran uma grande pasta de couro com uma flor gravada na capa. Continha fotos de Cari Mora trabalhando na mansão Escobar e em seu jardim, tiradas com uma lente teleobjetiva, além de sugestões rascunhadas por Hans-Peter.

— Hmm! — disse o sr. Imran. — Sim, o sr. Gnis se mostrou muito entusiástico em relação às fotos e pediu que agradecesse. Bastante notável. Como ela conseguiu essas cicatrizes?

— Não sei. Ela provavelmente vai dizer quando o trabalho estiver em andamento... Haverá um trabalho, certo?

— Ah, sim — respondeu o sr. Imran. — Espero ter o privilégio de estar presente e ouvir essa conversa... As conversas são a melhor parte.

Ele sorriu. Os dentes do sr. Imran são inclinados para dentro, como os de um rato, mas a cor está mais próxima do laranja enferrujado dos dentes de um castor, com forte concentração de ferro na dentina. Nos cantos da boca, manchas escuras.

— O trabalho principal deve ser feito do outro lado, sr. Imran, porque depois vai ser muito difícil mover a garota. Não é tão simples quanto coletar um rim no aeroporto.

— Esse é um projeto pessoal para o sr. Gnis — explicou o sr. Imran. — Ele quer participar ativamente de cada etapa. Ele precisa melhorar o espanhol?

— Seria uma boa ideia. Ela é totalmente bilíngue. Mas na hora é provável que volte ao espanhol... É o que costuma acontecer.

— O sr. Gnis quer contratar os serviços de Karen Keefe para tatuar retratos da sua mãe, a Mãe Gnis. Ele gostaria que fossem feitos por cima do trabalho original, depois que o seu trabalho estiver completo e curado.

— Infelizmente, Karen está cumprindo uma sentença de prisão e ainda falta um ano, mais ou menos.

— Ainda assim pode funcionar num projeto de longo prazo como esse; o aniversário da Mãe Gnis vai ocorrer uma vez por ano para sempre. Karen vai poder viajar ao ser libertada?

— Sim, um crime não priva ninguém do passaporte, se não houver multas pendentes — respondeu Hans-Peter.

— O sr. Gnis aprecia as nuances e os meios-tons dos retratos dela.

— Karen é esplêndida — concordou Hans-Peter.

— Seria útil fornecer fotos da Mãe Gnis à sra. Keefe enquanto ela cumpre o resto da pena?

— Vou perguntar a ela.

— E quando poderá entregar essa senhorita...

— Mora — completou Hans-Peter. — Ela se chama Cari Mora. Se o sr. Gnis mandar seu barco, podemos coordenar a operação. E talvez eu queira mandar uma outra coisa. Pequena, mas pesada.

— Ela vai precisar de alimentação forçada — disse o sr. Imran. — Podemos começar no barco mesmo.

O sr. Imran fez algumas anotações na sua caderneta com capa de pele de enguia.

Chacoalhando, a máquina de cremação líquida começou a emitir um tinido, eliminando Karla por fim.

— É um biquíni de malha metálica — explicou Hans-Peter. — Começa a tinir nos ossos quando a carne se vai.

— Vamos querer um — avisou o sr. Imran. — É difícil adaptar o tamanho?

— Não, não — respondeu Hans-Peter. — Vocês vão ter elos extras sem custo adicional.

— Posso ver os rins?

Hans-Peter pegou os rins de Karla na geladeira.

O sr. Imran apalpou o plástico que os continha na mistura de gelo e água.

— Ureteres meio pequenos, os dois.

— Sr. Imran, eles vão para a bacia, a menos de três centímetros da bexiga, e não para cima, na posição renal. Ninguém coloca o rim no alto assim há anos. É melhor se atualizar. Ureter aí é o que não falta.

O sr. Imran se despediu com o par de rins rosados banhados em solução salina. Considerando que o destinatário podia muito bem viver com apenas um, e como com as duas incisões nem notaria a diferença, o sr. Imran comeu o outro no carro.

E ergueu as sobrancelhas.

— *Pré-salé*.

29

Oro del Mar é uma pequena fábrica de peixes enlatados na zona portuária de Barranquilla, Colômbia. O Lincoln ’63 de Don Ernesto, com as portas que abrem para trás, estava estacionado junto às caminhonetes velhas dos pescadores.

Numa mesa de conferências do último andar, Don Ernesto conversava com J. B. Clarke, de Houston, Texas, e com o gerente da fábrica, o *señor* Valdez. O Don estava ajudando no lançamento de uma startup. Na mesa, dois pratos de lesmas e uma garrafa de vinho. Grande demais para a cadeira, Gomez escolheu se sentar num lugar de onde pudesse ver a porta, abanando-se com o chapéu. Seu trabalho era de guarda-costas, mas Don Ernesto tolerava seus conselhos.

Clarke era um publicitário. Ele abriu seu portfólio.

— Vocês me disseram que querem uma campanha que passe a ideia de exclusividade e prestígio. Palavras como “*prestigiosos*”.

— Caracoles Finos y Prestigiosos — disse Don Ernesto. — Cabe num rótulo ou é muito longo?

— Vai caber. Eu cuido disso. — Clarke mostrou desenhos de rótulos de latas. Num deles se via a Torre Eiffel com a legenda “Caracoles Finos”; em outro, “Escargots Finos”, com um motivo francês. Outro ainda tinha um *chateau* ao fundo com uma lesma num caule em primeiro plano. Todos os rótulos informavam: “Enlatado na Colômbia”.

— Por que “enlatado na Colômbia”? Por que não “enlatado na França”? — questionou Gomez.

— Porque isso seria ilegal — respondeu Clarke. — Eles estão sendo enlatados aqui mesmo, certo? O motivo francês é só um recurso de venda.

— É verdade, Gomez, seria antiético — concordou Don Ernesto.

— Você podia usar a canção hondurenha “Sopa de caracol” nos comerciais — sugeriu Gomez.

— Mas não é francesa — ponderou Clarke.

— Os rótulos vão levar cola animal. A gente vai ter que lamber? — perguntou o gerente.

— Não, *señor* Valdez. Depois dos testes de mercado a gente vai comprar uma máquina de rotulagem — disse Don Ernesto. — Vocês só enlatam. Eu quero ver as

conchas.

Valdez colocou uma caixa na mesa e tirou um punhado de conchas de caracol.

Gomez cheirou uma delas e torceu o nariz.

— Isso tem cheiro de manteiga rançosa e alho. Os restaurantes não lavam antes de jogar fora, eles só esvaziam os pratos.

— A gente tentou deixar de molho no Clorox, mas a cor fica esmaecida — explicou Valdez.

— Experimentem sabão em pó com limão — disse Gomez, o solteiro.

Don Ernesto afastou os desenhos.

— *Señor* Clarke, eu quero algo simples e elegante no rótulo. Uma vela, a mão de uma mulher na haste de uma taça de vinho. Eu quero que você transmita... A gente oferece esses caracóis refinados a uma dama, e ela sabe com quem está lidando.

— E pode até oferecer uma *gatita dulce* assim que acabar de comer os caracóis. *Gatita dulce* é "xoxota" — explicou Gomez.

— Ele sabe o que isso quer dizer — interveio Don Ernesto. — E então, Valdez, quais lesmas aqui são francesas de verdade?

— As do prato verde.

— Ah, quer dizer então que as lesmas francesas finas estão num prato e no outro estão as da nossa produção. Dá para ver que as duas parecem idênticas. E aposto que isso não vai fazer diferença para quem está comendo. Vamos experimentar? — propôs Don Ernesto.

Todos pareciam apreensivos.

Valdez interveio:

— *Permiso*, Don Ernesto, se possível...

— Foi por isso que a gente trouxe o Alejandro. Traz ele aqui, Gomez.

Don Ernesto escolheu uma lesma francesa no prato verde e a comeu cheio de trejeitos enquanto Gomez voltava com Alejandro, um sujeito com seus 35 anos. Usava chapéu de palha Borsalino, plastrão e um lenço afofado no bolso do peito.

Don Ernesto pôs sua concha no prato azul.

— Alejandro é um homem do mundo, um distinto *gourmand* e crítico de gastronomia. E além disso, sr. Clarke, ele tem amigos em todas as revistas de arquitetura e decoração.

Alejandro se sentou e trocou um aperto de mão com Clarke.

— Don Ernesto é muito generoso. Eu só gosto de comer, e certas pessoas me acham metido.

Don Ernesto lhe serviu vinho.

— Vamos depurar o paladar, meu amigo. Primeiro, experimente o escargot do litoral da Provença, no sul da França.

Don Ernesto ofereceu as lesmas francesas.

Alejandro perpassou uma delas na boca. Tomou um gole do vinho e aprovou vigorosamente com a cabeça.

Don Ernesto apresentou então uma amostra da sua produção.

— E agora, da Bretanha, também na França.

Alejandro retirou a lesma da concha e mastigou e mastigou...

— O sabor é semelhante, Don Ernesto, mas essa porção tem mais... textura, e o sabor é um pouco mais persistente.

Gomez foi tomado por um ataque de espirros e teve que cobrir o rosto com a ponta da gravata.

— Você compraria? — quis saber Don Ernesto.

— Eu na verdade daria preferência à primeira amostra, mas, se não fosse possível, sim, compraria a segunda. O segundo grupo de lesmas foi lavado em água clorada, imagino eu... Fica um certo retrogosto do cloro que me incomoda tanto na água de torneira. Talvez fosse o caso de falar com o pessoal da Bretanha.

— Você diria que a textura é sensual? Seria o caso de a gente dar ênfase ao que vocês, enólogos, chamam de "sensação tátil"?

— Com certeza — respondeu Alejandro. — Sensação tátil, sensualidade, a persistência do sabor.

— É a direção que a gente vai tomar conceitualmente — explicou Clarke. — Estou pensando num cartão com lábios femininos para as prateleiras dos mercados. Algo do tipo "*C'est si bon — de bom tom!*"

— Sr. Clarke, Alejandro, sirvam-se de uma taça de vinho e eu vou encontrar vocês nos carros.

Gomez encheu a sua taça.

— Esse vinho podia ser mais persistente — comentou.

Valdez destrancou a porta que dava para os escritórios e voltou a trancá-la depois de passar com Don Ernesto e Gomez.

Don Ernesto lhe disse ao pé do ouvido:

— Pode ser que eu precise fazer uma transferência de carga pesada em Gonaïves. Seu equipamento de convés vai ter que levantar talvez uns oitocentos quilos. Retirar de uma embarcação e botar num caminhão. E depois levar para Cap-Haïtien e botar num avião. Você vai precisar de uma empilhadeira no aeroporto.

— Um avião grande.

Don Ernesto fez que sim.

— Um DC-6A.

— Tem elevador hidráulico no portão de carga?

— Tem, sim.

— O carrinho vai estar dentro do avião ou temos que levar um?

— Já tem um carrinho. O avião vai estar cheio de geladeiras e lava-louças, com um espaço no meio para a minha carga. É importante que ela fique exatamente na posição em que for colocada. Posso avisar talvez com uns oito dias de antecedência. E é possível que a carga passe do avião para um barco, dependendo...

— *En su servicio*, Don Ernesto. E os papéis?

— Eu cuido da alfândega.

Do outro lado dos fundos do escritório havia uma linha de produção semelhante a uma fábrica de processamento de aves. Numa espécie de linha de montagem viam-se ratos mortos pendurados pelo rabo. Entre os ratos, um ou outro gambá. Mulheres tiravam a pele dos animais e cortavam filés. Uma máquina de estampagem manual, niquelada e decorada, cortava três lesmas falsas em cada filé.

— Eu paguei doze mil euros por essa máquina em Paris — disse Don Ernesto. — Ela corta lesmas desde a época de Escoffier. Veio junto de brinde um molde para cortar carne de gato. Tem gente que acha que *gato* parece ainda mais com lesma que esses roedores.

Don Ernesto pegou uma prancheta e ticou alguma coisa.

Gomez cantarolava um conhecido jingle de sopa:

— *Gato to gatita, ium ium ium!*

Ao saírem do prédio, Gomez entregou a Don Ernesto uma gravata preta e uma braçadeira de luto.

— Mais fácil colocar aqui que no carro — explicou.

Eles deixaram o Lincoln na fábrica e seguiram num SUV blindado, dirigido por Paolo. Iam ao enterro de Jesús Villarreal.

No carro, Don Ernesto recebeu duas ligações de números restritos, uma delas de Paco, em Medellín. Paco tinha sido o único a chegar ao avião em Miami depois do tiroteio no rio Miami, e havia dirigido de volta para casa com três assentos vazios no carro.

Hans-Peter Schneider estava morto? Paco não sabia. Vira o corpo de dois homens de Hans-Peter e de dois que achava que eram da tripulação do barco.

Don Ernesto conversou com ele em voz baixa e então olhou um tempinho pela janela, sem dizer nada. Aquela mulher, Candy. Pensou nas vezes em que ele e Candy botaram pra quebrar, ofegantes num hotel lindo na ilha de San Andrés.

Don Ernesto chegou ao cemitério meia hora antes e ficou observando o cortejo fúnebre de Jesús Villarreal passar pelos vidros escurecidos do SUV. Desdobrou o bilhete que recebera da viúva de Jesús Villarreal e voltou a lê-lo:

Estimado señor,

Jesús ficaria honrado se o señor *pudesse ir ao seu enterro. Poderia lhe servir de conforto, da mesma forma que o senhor tem servido de conforto para nós, a família dele.*

A viúva e o filho chegaram num Chrysler, acompanhados de um homem de meia-idade bem-apessoado, com uma elegante cabeleira grisalha.

Gomez examinava os grupos com o binóculo.

— O sujeito de casaco preto está armado — avisou. — Coldre de bolso na frente da calça, à direita. Espera só ele se virar. Coldre de ombro do lado direito. É canhoto. O motorista de pé junto à mala do carro. Ele também está armado e segurando a chave eletrônica do veículo. Provavelmente uma arma longa na mala. Ele está de colete à prova de balas por baixo do uniforme de motorista. Nós temos Ognisanti, e Cuevas atrás deles. *Patrón*, por que eu não vou lá cumprimentar a viúva e levar um bilhete seu?

— Não, Gomez. Paolo, quem é o sujeito de cabelinho arrumado?

— Um advogado bicha, Diego Riva, de Barranquilla. Ele defendeu Holland Viera quando sequestrou o ônibus — respondeu Paolo.

Enquanto observavam, Diego Riva entregou um envelope de couro preto à viúva. Ela

o segurou por trás da bolsa. Havia cerca de trinta pessoas junto à sepultura de Jesús Villarreal. Não passava de um buraco em meio aos sofisticados túmulos de mármore do Cemitério de Barranquilla — no cemitério de Cartagena havia um belo anjo de mármore que Don Ernesto pretendia oferecer à viúva Villarreal assim que conseguisse arrancar a inscrição do dono legítimo.

A *señora* Villarreal vestia roupas de velório austeras. O filho estava ao seu lado, solene no terno de crisma.

Don Ernesto se aproximou. Primeiro cumprimentou o filho com um aperto de mão.

— Agora você é o homem da família — disse. — Pode me chamar se você ou sua mãe precisarem de algo.

Virou-se então para a *señora*.

— Jesús era um homem admirável sob muitos aspectos. Um homem de palavra. Espero que possam dizer o mesmo ao meu respeito.

A *señora* Villarreal levantou o véu para olhar para ele.

— A casa é muito confortável, Don Ernesto. O dinheiro caiu na minha conta. Obrigada. Jesús me instruiu... Quando tudo isso tivesse sido feito, eu devia entregar isso ao senhor. — Ela entregou o envelope preto a Don Ernesto. — Ele disse para o senhor ler com atenção antes de fazer qualquer coisa.

— *Señora*, poderia me dizer por que o envelope estava com Diego Riva? — perguntou Don Ernesto.

— Ele cuidava das coisas para Jesús. A gente tinha medo de que os nossos inimigos tomassem de nós. Diego Riva guardava o envelope em seu cofre para mim. Obrigada por tudo, Don Ernesto. E também, Don Ernesto, *Dios se lo pague*.

Um Gulfstream IV esperava no Aeroporto Internacional Ernesto Cortissoz. Vinte minutos depois do enterro, Don Ernesto voava para Miami com o seu pessoal.

Don Ernesto tinha os papéis de Jesús Villarreal na mesinha à sua frente. Leu tudo uma vez com toda atenção e ligou para o capitão Marco, em Miami.

— Você sabe se Hans-Peter Schneider está morto?

— Não sei, *patrón*. A gente não viu nenhum sinal dele. A gente não está vendo nenhum movimento na casa. Nada da polícia.

— Estou chegando. A gente vai entrar na casa. Você tem que descobrir o que o seu amigo Favorito está fazendo. Tem como entrar em contato com ele?

— Sim, *patrón*.

— Você já está com a garota, Cari? Ela pode ser útil?

— Sim, mas ela disse que quer ficar fora dessa história, *patrón*.

— Entendi. E o que ela quer, Marco?

30

Iliana Spraggs, especialista de Quarta Classe do Exército dos Estados Unidos, enfim havia conseguido um quarto particular no Hospital de Veteranos de Miami. Estava na cama com uma perna imobilizada em gesso pendurada por uma tira. Era uma garota corpulenta, pálida por baixo das sardas. Seu rosto era muito jovem, mas cansado depois de tudo pelo que passara. A perna coçava dentro do gesso e a tarde parecia longa. Seus pais vinham de Iowa sempre que podiam.

Ela tinha um cachorrinho de pelúcia e, no espelho, alguns cartões com desejos de melhoras. O hélio há muito tinha se acabado no balão preso à parede por uma fita adesiva, que agora estava pendurado feito um mamilo enrugado. Ela também tinha um relógio cuco. Ele não funcionava e todo mundo sabia disso. E Iliana achava que talvez o relógio tivesse razão: o tempo não estava passando mesmo.

O paciente que havia chegado com ela, Favorito, 35 anos, cara alegre e corado, não tinha um quarto particular, por isso ficou na enfermaria, onde alguns fuzileiros navais interpretavam os papéis de uma novela que passava na televisão sem som no canto da sala, falando pelos personagens, inventando diálogos obscenos.

Um sargento de artilharia dizia as falas da mocinha.

— Ó Raoul — dizia com voz esganiçada o sargento —, isso é uma salsicha viena ou é o seu piu-piu?

Favorito estava morrendo de tédio. Foi com a cadeira de rodas até o quarto de Iliana e se apresentou como dr. Favorito, o médico de cucos. Pediu permissão para examinar o relógio. Tirou-o da prateleira e ficou ao lado da cama. Colocou o relógio na bandeja de refeição acima da cama, de costas para Iliana, para que ela pudesse ver o mecanismo.

— Só umas perguntas — disse então. — Você é a responsável pela saúde do cuco, certo?

— Sim.

— Não precisa me mostrar a papelada agora, mas o pássaro tem plano de saúde?

— Acho que não — respondeu ela.

— Há quanto tempo ele se recusa a sair?

— Eu notei tem umas duas semanas — respondeu Iliana. — No início, ele só parecia relutante.

— E antes funcionava normalmente, por assim dizer?

— Sim, aparecia de hora em hora.

— Nossa! É muita coisa — comentou ele. — E, pelo que você lembra, nas últimas vezes em que ele apareceu, estava rouco ou desgrenhado, ou parecendo cansado?

— Nunca.

— Iliana, estou vendo pelas suas belas unhas que você tem um kit de manicure.

Ela indicou com o queixo a mesa de cabeceira. Favorito pegou o nécessaire na gaveta, retirou duas pinças e uma lixa de metal e ficou feliz por encontrar um vidrinho de cola para unhas postiças.

Favorito fez alguns ajustes no mecanismo do relógio que resultaram num leve *plim*.

— Ah! Era o que eu queria. Você acabou de ouvir o "*plim* cantante", para usar um termo científico. Em relógios de menor valor seria o "*toim* fanhoso".

Ele fechou as mãos em concha por cima da boca e se aproximou do relógio, falando com o cuco.

— Queira me desculpar por falar pelas suas costas, mas você devia saber que já é quase meio-dia e está ausente tem duas semanas. Iliana está preocupada. — Favorito tocou nele com as pinças, produzindo um *bong*. — Esse é o "*bong* musical" — disse, virando-se para Iliana —, ou, para usar uma expressão mais formal, *beatos sono*, um sinal mais encorajador.

Ele fechou o relógio e o virou para Iliana. Consultando o relógio de pulso, acertou seus ponteiros e ficou olhando de um para o outro, precisando avançar os ponteiros do cuco várias vezes e parecendo intrigado pelo fato de seu relógio de pulso avançar, mas o outro não. Até que se deu conta, o que a fez sorrir, de que havia se esquecido de balançar o pêndulo.

Agora o ponteiro dos minutos avançava de onze e cinquenta e nove para meio-dia. Iliana se juntou a ele na contagem regressiva.

— Cinco, quatro, três, dois, um.

O cuco apareceu, cantou uma vez e entrou de novo, batendo a porta. Os dois riram. Iliana sentiu o rosto rígido, depois de ter passado tanto tempo sem rir.

— Mas foi só um cuco — comentou ela.

— E quantos são ao meio-dia?

— Doze.

— Isso me parece um exagero — retrucou Favorito. — É preciso deixar o cuco se aquecer para antes de voltar ao trabalho.

Uma leve batida à porta.

— Pode entrar — disse Iliana, contrariada com a interrupção.

O capitão Marco botou a cabeça na porta.

— *Hola*, Favorito!

— Marco! *Como anda?* — disse Favorito.

— Desculpem a interrupção. A gente pode dar uma palavrinha? Só um minutinho, senhorita. Prometo.

— Um momento, Marco — disse Favorito, fazendo um novo ajuste no interior do relógio e assoprando.

No corredor com Marco, Favorito levantou o dedo pedindo silêncio enquanto fazia

uma contagem regressiva a partir de cinco. Do interior do quarto veio o som de doze cucos consecutivos. Favorito fez um sinal positivo com a cabeça e se virou para o capitão Marco.

— Então?

— Você pode sair daqui durante o dia? — perguntou Marco.

— Sim, uma ou duas horas entre os tratamentos.

— Eu estou com um relógio que você talvez possa consertar.

31

A limusine de Don Ernesto entrou num estacionamento cheio de carros econômicos com assentos rasgados, algumas picapes velhas e um Impala *lowrider* com só metade das suspensões instaladas e a deusa asteca das transgressões, Tlazoltéotl, pintada no capô.

Gomez saltou e olhou ao redor antes de abrir a porta para Don Ernesto. Um galo cantou ao longe.

Don Ernesto pediu a Gomez que ficasse no carro.

Em seu terno tropical e de chapéu-panamá, Don Ernesto subiu as escadas do conjunto habitacional, verificando os números dos apartamentos.

A porta que procurava estava aberta, mas logo depois dela um ventilador girando impedia a passagem. No parapeito, uma colcha secando. Uma grande cacatua branca estava tomando ar fresco numa gaiola ao lado da colcha.

O galo voltou a cantar.

— Que porra é essa, Carmen? — respondeu a cacatua.

Do quarto veio a voz de Cari chamando a prima.

— Julieta, vem me ajudar a virar a sua mãe.

Julieta saiu da cozinha secando as mãos. Viu Don Ernesto na entrada.

— O que você quer? — Ela pensou que ele estava bem-vestido demais para ser de alguma agência de cobrança.

Don Ernesto tirou o chapéu.

— Eu só quero falar com Cari sobre um trabalho.

Cari voltou a chamar do quarto:

— Julieta, traz as coisas do banho dela, por favor.

— Eu não te conheço — disse Julieta a Don Ernesto.

Cari chegou à porta e olhou para a sala.

Uma das mãos nas costas.

Don Ernesto sorriu para ela.

— Cari, eu conhecia Antonio. Quero conversar com você. Mas não cheguei num bom momento. Por favor, não interrompa o que está fazendo. Posso esperar uns minutos. Tem uma mesa de piquenique ao lado do prédio. Pode me encontrar lá quando tiver

acabado?

Ela fez que sim, recuou para sair do seu campo de visão e baixou alguma coisa pesada.

Crianças jogavam bola perto do estacionamento.

Numa faixa de grama e árvores entre os prédios do conjunto havia uma mesa de concreto com um tabuleiro de damas pintado no tampo e uma lata de café cheia de tampas de garrafa para serem usadas no jogo. Ao lado da mesa, uma grelha de churrasco velha. Um corvo que bicava restos da grelha voou para uma árvore próxima, resmungando furiosamente enquanto Don Ernesto limpava o assento com o lenço para se sentar. Ele voltou a se levantar quando Cari chegou.

— Você está cuidando da sua tia?

— Sim, minha prima e eu. Quando nós duas estamos trabalhando, pagamos uma cuidadora durante o dia. Don Ernesto, eu sei quem o senhor é.

— E eu sei o que aconteceu com você na Colômbia, e sinto muito. Cari, eu estou aqui como amigo de Antonio e quero ser seu amigo. Você trabalhou durante anos na casa do Pablo. Deve conhecer bem o lugar, como ele funciona.

— Conheço, sim.

— E conhece de vista os homens de Hans-Peter Schneider?

— Conheço.

— E os vizinhos estão acostumados a te ver?

— Eu conheço alguns deles, e as pessoas que trabalham nas casas.

— Empregados, eles chegam no trabalho e estão acostumados a ser cumprimentados por você?

— Sim.

— Eu ofereço um emprego a você, com um enorme benefício para a sua tia. Qual é o melhor asilo de Miami? O melhor mesmo.

— Palmyra Gardens.

— Eu quero que encare o que vou dizer como um presente de Antonio e uma oportunidade para você. Ofereço uma internação para a sua tia no Palmyra Gardens pelo tempo que for necessário e uma parte do que a gente conseguir recuperar na casa.

Acima da mesa, um velho e resistente jasmim-manga florido atraía abelhas, que zumbiam suavemente lá no alto.

Cari sentia saudade do pai morto, sentia saudade do velho naturalista de quem havia cuidado na floresta. Ela sentia falta de alguém estável com quem pudesse buscar conselhos. Olhou para Don Ernesto, tentada a segui-lo.

Mas não via o pai no rosto de Don Ernesto, nem o velho naturalista. Acima dela, ouvia as abelhas.

— O que eu teria que fazer? — perguntou.

— Ficar de olho para mim, uma das coisas seria isso — respondeu Don Ernesto. — Jesús Villarreal foi morto por uma mulher com uma bomba. A melhor defesa contra uma mulher é uma mulher. Preciso que você cuide da minha retaguarda. Eu preciso do seu conhecimento da casa.

O corvo esperava impacientemente, indo e voltando no galho. Cari achou que os

olhos de Don Ernesto eram muito parecidos com os do corvo.

Era evidente para Don Ernesto que Cari tinha alguns problemas com sua situação legal no país, que ela provavelmente estava por um fio nos Estados Unidos com o status de proteção temporária. A qualquer momento o presidente podia cancelar o TPS de todos os beneficiados num acesso de raiva, se ele soubesse o que é um TPS.

Cari podia entregar Don Ernesto e o ouro às autoridades da Imigração a qualquer momento em troca de um visto definitivo e uma bela recompensa. Ainda não o havia feito... Melhor mantê-la dentro do esquema.

Don Ernesto sorriu quando o corvo resmungou para ele. Pensou no que estava por vir, na longa dor da tensão, no cheiro de medo num lugar fechado e perigoso. *Que porra é essa, Carmen*, pensou. *Ela vai ser útil*.

— Cari, você quer trazer a sua cacatua?

32

A mansão Escobar estava silenciosa. Os manequins cenográficos e as figuras de ação se entreolhavam nos quartos com a mobília coberta com lençóis.

Sem a presença de Cari Mora para ajustá-las, as persianas automáticas, que costumavam subir de manhã e descer no calor da tarde, permaneciam quase sempre baixadas, subindo e descendo aleatoriamente, os reguladores descontrolados. Por causa disso o crepúsculo durava quase o dia inteiro dentro de casa. Os sprinklers eram ativados e desativados várias vezes por hora.

Pouco antes do amanhecer, um rato abriu por dentro o armário da pia e, mantendo-se junto à parede, encontrou e comeu a semente que a cacatua agora ausente havia derrubado no chão.

Ainda clareava quando Cari Mora saltou de uma caminhonete de jardinagem no portão principal e digitou a senha de acesso. O portão se abriu, e Marco entrou com sua equipe — Ignacio e Esteban, além de Benito e Cari.

Gomez estava com Don Ernesto num outro carro estacionado a um quarteirão dali.

— É melhor ficar com a boca entreaberta, Gomez, caso haja um barulho muito alto e uma onda de pressão — sugeriu Don Ernesto.

A caminhonete de Bobby Joe ainda estava na entrada da casa, perto da porta.

As janelas da caminhonete estavam baixadas e uma porta estava aberta, como se ainda esperasse Bobby Joe. Tinha chovido na noite anterior, e o interior da caminhonete estava molhado.

Cari olhou para o veículo. Molhado ali ao ar livre, era mais ou menos da cor dos miolos de Bobby Joe.

Saltaram todos, armados, com os bolsos cheios de prendedores de porta. Posicionados dos dois lados da porta de entrada, tentaram abrir a fechadura. Trancada. Cari tinha a chave. Empurraram a porta e deram cobertura a Cari enquanto ela verificava o painel de alarme. Tudo desligado. Ela acionou os sensores de movimento do andar de cima.

— Cuidado com cabos de detonação nos portais — avisou ela.

Esteban segurava uma lata hermeticamente fechada contendo pó para micose.

Cari meneou a cabeça.

— Não tem nenhum sensor por aqui.

Eles foram pela lateral da casa, agachando-se por baixo das janelas. Uma porta lateral estava aberta. O rato ouviu a aproximação deles e desapareceu por baixo da pia, deixando a porta do armário entreaberta.

Eles verificaram todo o andar, cômodo por cômodo, gritando "Liberado!" a cada etapa.

Ouviram algo lá em cima, uma voz. Olharam para as luzes do sensor de movimento, mas não aparecia nada. Cari desligou o alarme e Esteban se posicionou para dar cobertura na escada principal. Marco e Cari subiram rapidamente, ela carregando o AK-47 em posição de disparo, usando a correia.

Num quartinho do primeiro andar, eles encontraram os sinais de uma fuga apressada. Roupas abandonadas, uma TV ligada. Uma vespa havia entrado pela janela aberta e batia no teto.

Os únicos quartos vazios eram o principal, onde Hans-Peter dormira, e o que tinha sido usado por Mateo. Nos demais estavam espalhados pertences dos mortos: um kit de barbear, um par de sapatos de ladrão, com um detector de obstáculos preso na ponta.

Encostado num canto de um dos quartos estava o AR-15 do falecido Umberto, que pusera a cabeça de Antonio na armadilha de caranguejos e tentara afogar Cari.

Na casa da piscina, Marco encontrou o arnês usado por Felix ao descer no buraco. Uma crosta de sangue e areia havia se formado nas alças. Marco passou vários minutos olhando para ele. As marcas de sangue no chão levavam ao embarcadouro. Ele mandou Esteban lavar o sangue da casa da piscina com a mangueira.

Marco desceu ao porão e ficou de pé na escada olhando para a face do cubo. Tinha instruções de deixá-lo quieto.

A imagem de Nuestra Señora de Caridad del Cobre em tamanho real, tão vívida na porta do cofre, fazia o local parecer uma capela. Os barqueiros em dificuldade estavam no mar, em frente a ela. Uma lasca de metal pendia de um buraco raso aberto na lateral da santa. A furadeira estava no chão.

O capitão Marco olhou para os marinheiros desesperados entregues aos cuidados da Virgem e se benzeu.

Don Ernesto esperava no carro. Seu celular tocou. Era o telefone de Antonio. Ele encarou o aparelho por um momento antes de atender.

— Quer dizer que você está com a casa — disse Hans-Peter Schneider. — Eu posso mandar as autoridades praí em cinco minutos.

— A menos quê...? — perguntou Don Ernesto.

— Você me dê um terço, o que é perfeitamente razoável.

— Você tem um comprador?

— Sim.

— Seu comprador vai pagar em dinheiro vivo?

— Ou por transferência para onde quiser.

— Tudo bem.

— Mas tem outra coisa que eu quero. — Hans-Peter sussurrou o desejo que estava em seu coração.

Don Ernesto fechou os olhos, ouvindo.

— Eu não posso fazer isso — respondeu. — Isso eu não posso.

— Acho que você não está ouvindo o que você mesmo está dizendo, Don Ernesto. Por dois terços de vinte e cinco milhões de dólares você faria qualquer coisa.

E a linha ficou muda.

33

No porão da mansão Escobar, Favorito, em sua cadeira de rodas de veterano, examinava diante de uma mesa para jogo de cartas as cópias escaneadas dos documentos e dos desenhos fornecidos a Don Ernesto pela viúva de Jesús Villarreal. Um deles era um esboço do cubo, com várias indicações. Favorito tinha um estetoscópio no pescoço e uma caixinha de ferramentas. Vários holofotes iluminavam a imagem de Nuestra Señora de Caridad del Cobre.

Com Favorito no pequeno cômodo estavam Marco e seu imediato, Esteban.

Houve um momento de alvoroço, chapéus baixados e cumprimentos murmurados quando Don Ernesto apareceu na escada. Ele ergueu a mão em sinal de bênção e cumprimentou a todos de uma só vez. Com ele estavam Gomez e Cari.

Cari cumprimentou Marco e Esteban com um aceno de cabeça.

Don Ernesto parou junto à mesa e pousou a mão no ombro de Favorito.

— *Hola, patrón* — saudou Favorito. — Isso foi tudo que a *señora* Villarreal entregou ao *señor*? Jesús não forneceu mais detalhes?

— Eu só recebi os papéis depois da morte dele, Favorito. E logo escaneei para você. Aqui está o original. Não é muito melhor que a cópia.

Eles desenrolaram os documentos na mesa.

— Pelas fotos, me parece que o cubo é de aço inoxidável de 340l, de modo que deve ter mais de dez centímetros de espessura — comentou Favorito, passando os dedos pelo diagrama. — Aqui está a carga explosiva, isso aqui eu acho que é uma célula fotoelétrica, provavelmente difusa, para que seja acionada por qualquer luminosidade assim que a caixa for forçada. Não é preciso interromper um feixe luminoso para isso.

— Uma célula não precisaria de baterias? Já faz muito tempo — ponderou Marco.

Favorito bateu o dedo nos papéis.

— É provável que a gente encontre uma fonte de energia carregando as baterias, talvez por baixo das luzes do pátio. Tem um temporizador no pátio, certo?

Cari respondeu da escada.

— Sim, um temporizador. O sistema está ligado a um disjuntor duplo de vinte amperes na despensa. As luzes ficam acesas das sete às onze. Só passaram quatro dias apagadas durante o furacão Wilma.

Favorito olhou ao redor, um tanto espantado por ouvir a voz de uma jovem mulher.

— Essa é a Cari. Ela está com a gente — avisou Don Ernesto.

— Cari — repetiu Favorito, e apontou para a imagem na porta do cofre. — Caridad del Cobre... Alguma ligação?

— Não exatamente — respondeu ela.

— Isso parece o desenho de alguém que só ouviu falar do projeto — continuou Favorito. — Sem detalhes. Sem esquema elétrico. Aqui temos uma reprodução malfeita do quadro. Em alguns pontos a indicação "*imán*".

— Ímã — esclareceu Don Ernesto.

— Acho que a gente precisa olhar por trás, tentar encontrar alguma entrada — sugeriu Favorito.

— E se a gente perfurasse aqui, pela lateral? — perguntou Esteban.

— Não acho que seja uma boa ideia ficar mexendo até descobrir alguma coisa — disse Favorito. — Quanto tempo levaria para perfurar o concreto e firmar ao redor com vergalhões?

— Dois dias, trabalhando a noite inteira — respondeu Esteban.

— A gente tem que olhar lá embaixo. Eu vou — ofereceu-se o capitão Marco. Ele se considerava responsável pela morte de Antonio. E de bom grado ia se pôr à prova.

O telefone de Don Ernesto vibrou. Ele olhou para o aparelho e saiu. Foi até a casa da piscina. O sangue tinha sido lavado com uma mangueira, mas o reboco ficara manchado com o sangue de Antonio. O reboco agora estava marrom. Formiguinhas se aglomeravam por cima.

A ligação de Diego Riva, o advogado de Jesús Villarreal, fora transferida do escritório de Don Ernesto em Cartagena.

— Don Ernesto — disse Riva no seu tom mais amistoso —, foi um prazer ver o *señor* ontem, apesar das circunstâncias. Tentei ligar para o seu escritório. O *señor* está em Cartagena? Precisamos conversar.

— Estou numa viagem de negócios. Em que posso ser útil, *señor* Riva?

— Quero lhe fazer um favor, *señor*. Imagino que num futuro próximo o *señor* vá usar as informações que a *señora* Villarreal lhe transmitiu, mesmo correndo sério risco.

— Sim, espero que sim — disse Don Ernesto, forçando a bochecha com a língua.

— Eu fiz uma descoberta preocupante aqui. Fui informado de que um dos seus concorrentes, ao realizar um exame apressado do material, fez uma alteração nos documentos. Isso pode pôr em risco a sua segurança, o que me preocupa. É absolutamente vital restabelecer a acuidade do material, para a sua própria segurança.

— Fico grato por ter entrado em contato tão prontamente — disse Don Ernesto. — Qual é a alteração? Posso passar para você um número de fax daqui, ou então você pode escanear e mandar para o meu celular.

— Prefiro encontrar o *señor* pessoalmente — disse Riva. — De bom grado posso ir a Cartagena. Don Ernesto, esse projeto me expôs a um sério risco, para não falar dos problemas no trato com a *señora* e a irmã dela, uma pessoa difícil, para dizer o mínimo. Gostaria que pudesse me dar uma gratificação. Acho que um milhão de dólares seria um valor justo.

— *Caramba!* — exclamou Don Ernesto. — Um milhão de dólares é uma gratificação e tanto, *señor* Riva.

— O senhor precisa dessa informação. A vida dos seus homens depende dela — insistiu Riva. — Muitos homens sem o meu senso de honra poderiam buscar uma recompensa junto às autoridades.

— E se eu não pagar?

— Quando tiver tempo para refletir, daqui a alguns meses, num futuro incerto, quando outros tiverem tirado proveito da informação, o senhor verá em retrospecto o erro que cometeu.

— *Señor* Riva, o senhor poderia considerar a soma de setecentos e cinquenta mil?

— Infelizmente meu preço é final.

— Vou entrar em contato muito em breve. — Don Ernesto desligou.

Ele convocou Gomez e discutiu a ligação de Diego Riva.

— Ele começou a falar do arrependimento que vou ter em retrospecto — disse Don Ernesto.

— Sim, em retrospecto — repetiu Gomez. — Em retrospecto.

— Se eu pagar, Gomez, ele vai entregar a gente para o pessoal da Imigração depois que receber. Gostaria de combinar um encontro no túmulo de Jesús. Gostaria que você contribuísse para melhorar o senso de retrospecto dele. Você lembra como Drácula no filme virava a cabeça de Renfield completamente para trás?

— Sim — respondeu Gomez —, mas eu precisaria alugar para rever. Tudo bem se o meu tio me ajudar? Ele é muito competente.

— Sim. Vai assim que a gente acabar aqui — concluiu Don Ernesto.

— *Sí*, *patrón*, mas e a sua segurança?...

— Vou manter alguém por perto.

— Desse grupo aqui? *Señor*, se me permite uma sugestão, não importa quem escolher, pega a garota também. Eu acho que ela é bastante competente. Sei avaliar bem essas coisas. Não esquece que foi uma mulher que matou Jesús.

Don Ernesto não disse a Gomez que poderia haver alterações de consequências fatais nos diagramas da caixa-forte. Assim como não disse a Favorito nem a ninguém.

Se Diego Riva os denunciasse, ele acabaria com as possibilidades no mercado de ouro de Miami, onde geralmente é muito fácil movimentar ouro ilegal. Os federais e a Comissão de Valores Mobiliários iam procurar o ouro e ficariam de olho nas fundições locais. Jesús tinha dito que algumas barras eram numeradas. O ouro teria que ser tirado do país para ser refundido. Não poderia ser transportado na caixa, se houvesse sensores de movimento nela.

O que de pior poderia acontecer se a coisa fosse pelos ares? Nem testemunhas nem provas, apenas muito prejuízo nas adjacências. Ele perderia alguns bons homens, mas, à parte isso, nada sério.

Então... Eles precisavam abrir a caixa ali, e logo. Tinham que retirar o ouro antes que Diego decidisse informar a polícia.

Don Ernesto fez uma ligação para o Haiti. No Aeroporto de Port-de-Paix, um homem de macacão marrom atendeu. Estava limpando os filtros de combustível de um avião de sessenta anos. Ele falou com Don Ernesto por um breve momento e então Don Ernesto

encomendou duzentos quilos de flores e três máquinas de lavar.

34

O *ombrellone* sobre o buraco servia tanto para escondê-lo de patrulhas da polícia e helicópteros da Guarda Costeira quanto para protegê-lo do sol.

Pouco depois do amanhecer, o capitão Marco saiu da casa da piscina vestindo um novo arnês de içamento. Carregava o arnês de Felix, com sangue incrustado e lama seca, e o largou nos ladrilhos ao redor da piscina.

Don Ernesto botou a mão no ombro de Marco.

— Você não precisa fazer isso. Eu posso trazer um mergulhador.

— Fui eu que mandei Antonio lá para baixo. Eu vou — retrucou Marco.

— *Sí, capitán* — cedeu Don Ernesto.

Ignacio saiu da casa com uma maleta e uma mochila e despejou o conteúdo no chão.

— Coisas de morto — comentou. — Um pouco de maconha na maleta, quase só sementes e galhos, um canivete da Leatherman, material pra punheta... — Ignacio se lembrou da presença de Cari atrás dele. — Ah, essa revista aqui, *Juggs Triple DDD*, alguns dados e, você não vai acreditar, um copo revestido de veludo cotelê de mágico para jogar dados de Craps. Esse cara não estava preparado para Miami. Ele podia morrer com um negócio desses. Vou me livrar disso.

— Se livra do arnês também — disse Marco.

Marco foi para baixo do *ombrellone* enquanto um helicóptero da Guarda Costeira passava.

Benito se juntou a ele. O velho jardineiro abriu a caixa de ferramentas que trazia.

Ele entregou a Marco uma lança explosiva de mergulhador, de cerca de um metro e meio de comprimento.

— Caso você precise fazer barulho — disse Benito. — Meu sobrinho fez isso para você. — Na palma da mão ele segurava um cartucho de munição, selado com cera. — Isso é um cartucho .30-.30 carregado com a base voltada para a frente e com um cartucho .357 encaixado no estojo, onde deveria ficar a bala. Assim. Acho que vai preferir carregar você mesmo.

Marco testou a segurança da lança e introduziu o projétil na extremidade da arma.

O cartucho .357 ia lançar o estojo inteiro do cartucho .30-.30 feito uma longa bala com a carga em chamas em qualquer coisa que Marco encostasse.

Benito e Marco se cumprimentaram tocando o antebraço de um no outro.

— Vamos — disse Marco. — Eu estou morrendo de calor nesse negócio.

Ele botou uma máscara com dois filtros de carvão vegetal e uma câmera de vídeo. Olhou para Favorito, que verificava o *streaming* da imagem no laptop. Sinal de positivo. Antebraços tocados de novo.

Baixado até a caverna escura com o guincho manual. Algumas sacudidas na descida. Marco examinou os arredores com a lanterna. O ar batia pesado e quente nas bochechas.

— Um pouco mais baixo, um pouco mais. — Ele estendeu os pés. — Pra baixo, pra baixo.

E tocou o fundo. A água batia na cintura, as ondas não chegavam a meio metro. Marco apontou a luz para o cubo, para o crânio humano, para o candelabro de raízes penduradas no teto da caverna. Sentia nos tornozelos o puxão da corrente que saía pelo buraco submerso. Fez um cálculo aproximativo da distância usando a lança.

— Tem espaço suficiente entre as pilastras para o cubo ser arrastado no meio delas se conseguirmos prender o guincho. — Ele avançou com dificuldade, aspirando na máscara, precisando se abaixar e quase submergir para passar por baixo de algumas raízes. — Tem uma ponta da barreira de cascalho para fora da água, mas não impede a passagem.

Ele estendeu a mão na direção do cubo e do crânio ao lado. Na água rasa perto do cubo havia um oitavo de um cão.

Marco pegou um ímã no bolso. Ele ficou preso ao cubo.

— Inoxidável, igual ao outro lado. Nenhum ponto macio.

— Alguma emenda? — quis saber Favorito, atento à imagem no laptop.

— Só cordões de solda. Praticamente perfeitos. Soldagem TIG, igual à da frente. Eles não fizeram essa porra toda aqui embaixo.

— Bate pra ver — pediu Favorito.

Som de sucção na passagem por baixo do quebra-mar. Algumas bolhas subiram.

O capitão Marco pegou um martelinho no cinturão e bateu no cubo. O som se alterava ligeiramente à medida que as batidas iam do centro para um dos cantos.

— Igual à frente. Talvez uns dez centímetros de espessura. Vou dar uma olhada na borda. A imagem está boa?

— Limpa as lentes por favor, Marco.

Marco tinha um pano num saco plástico e esfregou a lente da câmera primeiro, depois a máscara.

— O-lá! Tem um ponto aqui, está vendo? — Ele botou o dedo no cubo. — Do tamanho de um lápis. Isso não é nada bom. Tô saindo daqui.

Sons de sucção vindos do buraco submerso que dava para a baía.

Marco avançou com dificuldade em direção à pilastra de luz que descia pelo buraco no alto. Ele tropeçou em alguma coisa, e a metade superior de Felix veio à tona, toda inchada e mastigada, os órgãos internos pendurados.

Horrorizado e querendo sair dali, Marco pisou em Felix. O olho de Felix saltou e os gases provocaram ânsias de vômito em Marco, mesmo por trás da máscara. A metade do corpo começou a se mover, levada embora no momento em que Marco apontou a

lança.

Som de sucção por baixo do quebra-mar. Marco vadeou o mais depressa que pôde pela água, a corda desaparecendo rápido pelo buraco do jardim.

— Puxa! Puxa! — berrava ele, a voz abafada na máscara.

Marco estava balançando pendurado, os pés longe do fundo, subindo para a luz, e abaixo dele as bolhas se aproximavam em formato de caixão. Esteban e Ignacio estavam se matando para puxar a corda de volta o mais rápido possível, e Marco ouviu mandíbulas batendo sob seus pés e de repente já estava na luz.

O capitão Marco se sentou no chão, ofegante, a roupa de mergulho baixada até a cintura. Ofereceram-lhe água, ele bebeu uns dois goles e jogou o resto no canteiro de flores. Cari lhe trouxe água gelada para lavar a boca e uma dose de rum.

Don Ernesto tocou a cabeça de Marco como um bispo concedendo uma bênção.

Eles passaram a examinar as imagens da câmera de Marco no laptop.

— Provavelmente foi a barreira de cascalho ferroso afundada no aterro que acionou os detectores de metal do FBI — comentou Don Ernesto.

— Eles provavelmente bateram na caixa-forte e tentaram perfurar algumas vezes — acrescentou Favorito.

Don Ernesto apontou para as punções espaçadas no corpo de Felix.

— É um crocodilo de água salgada. Gomez, você se lembra?, Cesár não sucumbiu a um crocodilo de água salgada depois que ele e o parceiro negligenciaram o pagamento do empréstimo?

— Sim, no lago Enriquillo, debaixo da ponte perto do escritório dele — confirmou Gomez, que estava tentando falar judiciosamente, como o Don. — O crocodilo arrastou o Cesár e é bem provável que tenha comido também.

— Eles não conseguem mastigar — explicou Don Ernesto. — Eles têm uma despensa debaixo da água, para deixar a comida apodrecer e ficar macia e deglutível. O crocodilo levou esse sujeito embora e depois trouxe de volta para amadurecer.

Favorito apontou para a tela.

— Foi bom a gente ter conseguido ver o cubo. Está vendo esse ponto aqui que o Marco encontrou?

— Tem uma chave de mercúrio, não dá para deslocar — disse Cari.

— Tinha um buraco aqui, tapado com solda e depois polido — prosseguiu Favorito. — Quando se fecha alguma coisa hermeticamente com explosivos dentro, é possível enfiar um fio por um buraco na lateral, assim, para armar uma chave de mercúrio. Quando alguém tenta mover a caixa... Bum! Coisa da velha guarda do IRA.

Cari assentiu.

— Um irlandês ensinou a gente a fazer morteiros com cilindros de gás e também mostrou isso. Assinava o nome em cada morteiro: “Hugh G. Rection”.

— Provavelmente um pseudônimo — disse Gomez, em tom judicioso.

— Não podemos cortar por trás com um maçarico a plasma? — quis saber Don Ernesto.

Favorito meneou a cabeça.

— Se eu tivesse preparado esses explosivos? Eu teria colocado sensores infravermelhos por dentro só para filmar vocês fazendo isso.

Ele respirou fundo.

— A gente precisa encontrar o cara que fez isso. Para deslocar o cubo, a gente poderia congelar a chave de mercúrio com nitrogênio líquido. Mas é preciso manter a temperatura bem baixa, uns quarenta graus abaixo de zero, caso contrário... BUM! Da parte ótica eu não entendo.

— Pablo não ia deixar o dinheiro fechado debaixo da água para o resto da vida. Ele pretendia pegar de volta, claro. Então tem que ter um jeito de abrir. Você vai tentar? — perguntou Don Ernesto.

— Preciso pensar — respondeu Favorito, e olhou para as pernas inertes. — Às vezes eu faço as coisas sem pensar.

— Meia hora para você pensar — decretou Don Ernesto.

Eles analisaram as imagens no laptop. Favorito passou o dedo numa solda.

— Nem todo mundo é capaz de soldar esse troço. Está vendo aqui, é TIG. Olha só o que ele fez, olha aqui, a solda em oito e avançando. Um excelente trabalho. Poucos caras são capazes de fazer algo assim. Vamos dar uma olhada na licença de construção do pátio, é nesse momento que eles entram com isso.

Favorito abriu as fotos do cubo tiradas por Marco num aplicativo de edição de imagens, o Photo Plus, e clicou no botão de ampliação.

— Isso aí, obrigado, *Marco*! — Na parte inferior da lateral do cubo, não iluminada pelo flash, se viam três letras inscritas com lápis litográfico. — B-T-A. Barcos Thunder Alley. Don Ernesto, eu sei onde perguntar, mas vou precisar molhar algumas mãos.

— Dinheiro ou pó? — perguntou Don Ernesto.

— É melhor os dois.

35

Saciado, o crocodilo nadou para o sul, submergindo sempre que uma embarcação se aproximava. Era um animal de quatro metros que passava boa parte do tempo em Everglades, comendo pítons birmanesas jovens e estranhos ratos-almiscarados e ratões-do-banhado, mas preferia a baía salgada do South Bay Country Club, onde tomava banho de sol perto do canal do campo de golfe.

Havia outros crocodilos na baía perto do campo de golfe — um crocodilo-do-nilo ou dois e alguns jacarés perto das fontes de água doce, todos desfrutando o sol quente nas placas das suas carapaças.

O melhor de tudo era que o controle de pragas do campo de golfe tinha se livrado das mariposas e das borboletas que irritavam os canais lacrimais dos crocodilos com suas patas espinhosas para beber as lágrimas.

O crocodilo cochilava e observava os jogadores de bermuda.

Infelizmente, não era permitida a entrada de cães no campo de golfe. Às vezes algum vizinho, mesmo sem ser membro do clube, entrava sorrateiramente no campo à noite com sacos plásticos e um coletor de fezes, deixando seu cãozinho se divertir à beira da água.

Como não são capazes de mastigar, os crocodilos precisam comer criaturas grandes aos nacos, depois de deixá-las se decompor e amaciar. Mas chihuahuas podem ser engolidos inteiros, assim como corgis, lhasa-apsos e shih-tzus. Eles podem ser comidos frescos, sem que seja preciso preservá-los numa despensa, como a que o crocodilo mantinha por baixo da mansão Escobar.

Além de Felix, o crocodilo tinha comido apenas um outro ser humano, um bêbado que caiu de um barco cheio de bêbados de quem ninguém sentiu falta nem na época nem depois e por quem ninguém ficou de luto. O crocodilo ficou em êxtase por cerca de uma hora após a refeição.

O crocodilo não costumava comer seres humanos, mas, com sua prodigiosa memória em relação a tudo que fosse comida e localizações de comida, de fato lembrava que eles eram deliciosamente destituídos de pelos, penas, couro duro, chifres, bicos ou cascos. Ao contrário de um pelicano, que dá tanto trabalho que nem vale a pena.

Donos de cães, com seus shorts e suas pernas brancas e rechonchudas de fora,

andando depressa no crepúsculo atrás dos seus bichinhos de estimação, eram extremamente atraentes e não enxergavam muito bem conforme o dia escurecia. Só era preciso um pouco de paciência.

O crocodilo teve certa dificuldade à noite para expelir a lanterna do capacete de Felix, e a deixou junto ao canal, para perplexidade do pessoal da manutenção.

36

Diego Riva era um sujeito bonitão que se dizia neto de Cesar Romero, o que era mentira. Exibia sempre a expressão ressentida de alguém cuja substância fica aquém da aparência.

Achava praticamente impossível compartilhar o que quer que fosse e sofria ao ver os outros desfrutarem de coisas boas.

Tinha ficado particularmente indignado com a casa confortável que Don Ernesto dera à viúva de Jesús Villarreal. A casa e os fundos proporcionados à *señora* Villarreal não passaram pela agência de Diego Riva e ele não tivera a chance de molhar a mão.

Uma visita feita à *señora* Villarreal depois da morte de Jesús não rendeu nada. Ele frisou que seria mais que justo receber uma comissão, mas ela não se comoveu, muito confortável na sua casa e paparicada pelos empregados, enquanto a terrível irmã, sentada a um canto, a apoiava com comentários ácidos.

Voltando ao escritório depois da visita, Diego Riva ficou remoendo seu ressentimento boa parte da tarde, o pescoço enfiado no colarinho e os olhos passeando de um canto a outro da sala.

Ele havia adulterado os diagramas e as instruções fornecidos por Jesús para a abertura da caixa-forte em Miami, mas não tinha certeza de que Don Ernesto lhe pagaria para corrigi-los. E, se Don Ernesto não pagasse e, consequentemente, não conseguisse as correções, um barulho muito alto seria ouvido em Miami Beach e não restaria ninguém para lhe pagar coisa nenhuma.

Uma breve pesquisa revelou que a maior recompensa paga pelo governo dos Estados Unidos por uma delação no ano anterior fora de cento e quatro milhões de dólares. As recompensas por recuperação de bens variavam entre dez e trinta por cento. Fazendo seus cálculos com um pequeno lápis, ele chegou à conclusão de que, por vinte e cinco milhões de dólares em ouro, sua recompensa seria de, no mínimo, dois milhões e meio direto no seu bolso.

E decidiu dedurar Don Ernesto.

Sua ligação para o Escritório de Denúncias da Comissão de Valores Mobiliários em Washington foi transferida algumas vezes, até chegar à voz extremamente amistosa de uma mulher no Departamento de Segurança Interna.

Ela procurou entender suas mágoas, acostumada a lidar com bancários inconformados e subalternos ressentidos do mundo corporativo. Garantiu a Diego Riva que ele estava fazendo a coisa certa e justa, usando termos como "corrigir um mal" e "fazer justiça". Ela se referia aos informantes como "relatores".

Ela gravava a conversa com Diego Riva sem o bipe eletrônico de praxe para alertar o autor da ligação. O gravador ficava ao lado de uma plaqueta sobre sua mesa com os dizeres PÁ, PUM, RECOMPENSA!

Os diferentes programas de incentivo a denúncias operados pela Receita Federal, pela Comissão de Valores Mobiliários, pelo Departamento de Justiça e pelo Departamento de Segurança Interna atuam com certo grau de cooperação. A regra é sondar e incentivar o delator pelo telefone, sendo a questão posteriormente transferida à autoridade competente.

A agente garantiu a Diego Riva que, mesmo que já tivesse passado informações a outra agência, a comissão pagava dentro de cento e vinte dias depois da primeira revelação.

Diego Riva disse que precisava de uma confirmação da recompensa por escrito, acrescentando que sua informação levaria à recuperação de muitos explosivos, além de ouro, no território dos Estados Unidos.

A agente do Departamento de Segurança Interna respondeu que poderia levar algumas horas. Diego Riva disse então que não forneceria nenhuma informação enquanto não tivesse o documento em mãos. E ficou sentado ao lado do telefone e do fax.

Um agente transferido de última hora da equipe da Iniciativa de Segurança em Contêineres, do Departamento de Segurança Interna, em Cartagena, ficou vigiando a casa de Riva até a noite, quando foi rendido por um agente do Serviço de Imigração de Bogotá.

37

Favorito olhou para a Nuestra Señora de Caridad del Cobre pintada na porta da caixa-forte, e a imagem olhou para ele em sua cadeira de rodas. Os barqueiros protegidos por ela lutavam pela vida nas ondas pintadas.

Favorito estava diante da mesa de jogo. Sobre ela havia um magnetômetro, um voltímetro, meia dúzia de ímãs poderosos e um estetoscópio.

Don Ernesto, Gomez, Marco, Esteban e Cari observavam; Cari e Esteban na escada, para deixar espaço no pequeno compartimento subterrâneo. Don Ernesto tinha Gomez ao seu lado; Gomez poderia a qualquer momento pegar Favorito, com cadeira de rodas e tudo, e subir a escada com ele às pressas.

A imagem da santa estava iluminada, brilhando na escuridão do porão.

— A gente já sabe que eles trabalharam o metal no estaleiro de Thunder Alley — avisou Favorito. — As pessoas com quem conversei disseram que o próprio Pablo veio ver. Trouxeram o cubo de caminhão aqui para a obra e colocaram ele no solo com um guindaste. Na época o chão era maciço. Ninguém de Thunder Alley viu. Pablo deve ter trazido alguém de Cáli para a operação. O abastecimento municipal de gás está interrompido na rua, certo?

— Sim — respondeu Cari. — Eu cortei.

Benito ligou do Aeroporto Internacional de Miami, para onde havia sido mandado por Don Ernesto para esperar a chegada do DC-6A e verificar o equipamento de carregamento do velho avião; Benito tinha carregado muitos de DC-6s na vida. A aeronave foi reabastecida e já estava pronta, e o elevador estava em ordem, informou ele.

Não havia mais por que esperar. Agora, era hora de entrar em ação.

Favorito testou os ímãs. À sua frente estavam abertos os papéis e os desenhos de Jesús Villarreal. Favorito acendeu um cigarro.

— Você acha mesmo que deve fumar aqui? — questionou Gomez.

— É claro — retrucou Favorito. — Ok. De acordo com esse diagrama, os ímãs vão nos punhais dos barqueiros, ali e ali. O terceiro ímã vai na legenda embaixo da pintura, YO SOY LA VIRGEN DE CARIDAD DEL COBRE. Pela disposição dos ímãs nas letras, é para formar a palavra "A-V-E".

Favorito secou as mãos com uma toalha de papel.

— Don Ernesto, se alguém quiser sair, ou todo mundo, agora é a hora. Só peço uma coisa: de agora em diante, até tudo aqui dentro ser concluído, todo mundo vai ter que fazer o que eu disser. Com todo respeito, peço que o senhor também esteja incluído, Don Ernesto.

— *A sus ordenes* — disse Don Ernesto.

Favorito deu uma longa tragada no cigarro, jogou-o no chão e passou a roda da cadeira por cima, para apagar. Olhou para a iluminada pintura de Nuestra Señora de Caridad del Cobre e se benzeu.

Favorito tocou nos barqueiros na parte de baixo da pintura.

— Estamos todos no mesmo barco, irmãos.

Nesse momento, a mil e oitocentos quilômetros de distância, no escritório de Diego Riva, o telefone tocou e um documento começou a ser cuspido pelo aparelho de fax.

No porão da mansão Escobar, Favorito foi até a porta pintada da caixa-forte e acionou os freios da cadeira de rodas.

Colocou o primeiro ímã no punhal esquerdo. Auscultou com o estetoscópio. Colocou o segundo ímã no punhal direito. Um clique por dentro da porta. Favorito piscou várias vezes. Ouvia até o bater das pálpebras.

— Agora é A-V-E — falou com seus botões. — *Ave*, e, quando eu digo ave, *Nuestra Señora*, eu quero dizer *ave*.

Ele bateu no A. Bateu no V.

Encontrou o E e bateu nele. Uma fração de segundo. Um clique.

Tentou usar a maçaneta. Não girou. Mas no estetoscópio sentiu um leve tique, e depois um tique-tique mais alto, e mais alto até ficar audível em todo o ambiente. Tique e TIQUE.

— Pra fora, todo mundo — disse Favorito, sem levantar a cabeça dos papéis. — Saiam, saiam e não parem de se afastar, vão para a rua, se abaixem do outro lado do muro.

— A gente carrega você — disse Don Ernesto. — Gomez!

O grandalhão se adiantou e se inclinou para levantar Favorito.

— Não! O *señor* deu a sua palavra — disse Favorito.

— Sai, todo mundo — disse Don Ernesto. — Agora. Corram.

Os homens saíram às pressas da casa, com vergonha de correr naquela mansão, mas querendo continuar vivos, e no gramado desembestaram a correr. Na cozinha, o pássaro disse "Que porra é essa, Carmen?" Cari ouviu e correu para a cozinha para abrir a gaiola.

No porão, Favorito segurava um ímã. Subia e descia com ele pela legenda. Tique, tique, um pouco mais rápido, muito mais alto, seu coração e o tique-tique num terrível ritmo sincopado. Favorito levantou o papel e olhou ao mesmo tempo para o desenho e para a pintura fortemente iluminada. A luz refletida pela pintura atravessava o papel num ponto onde havia uma rasura. O ponto logo à esquerda do alto da auréola de folhas da pintura de Caridad estava faltando no desenho. Ele pegou um ímã e tentou alcançar, mas não chegava até a auréola. Travou as rodas da cadeira e continuou

fazendo força para esticar um dos braços para cima. O tique-tique parecia um trovão, um tiroteio, e ele olhou para o rosto da santa e gritou:

— CARIDAD!

Lá em cima, Cari o ouviu. Jogou no sofá o pássaro branco, agitado. Correu escada abaixo em direção à luz e ao tique-tique.

Favorito jogou o ímã para ela.

— O ponto preto na auréola, bem no alto dela!

Cari correu até a pintura com três passadas largas, saltou como se fosse enterrar uma bola numa cesta de basquete e colocou o ímã bem no ponto acima da Virgem.

TIQUE. Tique. O tique-tique parou. A maçaneta da porta girou com um clique. Favorito e Cari ofegavam. Ela se debruçou sobre ele e os dois se abraçaram do jeito que deu, até que a respiração ofegante se transformou numa risada.

38

Durante quinze segundos o tique-tique parecia ter parado no mundo inteiro. Cari e Favorito deram um pulo quando a caixa-forte fez tique mais uma vez, e então ficaram completamente ocupados.

Favorito não conseguia alcançar tudo lá dentro. Cari o ajudou, e juntos eles retiraram os rolos de fio de detonação de cores gritantes e os detonadores sem graça, colocando-os na mesa e deixando na caixa-forte os explosivos cobertos de pregos para estilhaçar.

Eles não queriam usar o celular perto do cofre, e, assim, depois que os detonadores foram afastados, Cari deixou Favorito no porão e subiu para dar o ok, acenando com o pássaro no punho.

A partir daí tudo foi muito rápido.

Feito uma brigada de incêndio, eles foram passando as barras Good Delivery, as barras de um quilo, as barras não lapidadas das minas ilegais de Inirida e os sacos com pequenas barras tola, cada uma delas pouco maior que um isqueiro. Na caminhonete havia três máquinas de lavar roupa, fortemente reforçadas por dentro com barras soldadas no pátio do estaleiro.

De pé por trás de Favorito, Gomez o içou com cadeira, caixa de ferramentas e tudo, e subiu a escada com ele.

Em questão de minutos a caminhonete rumava para o aeroporto, debaixo de uma chuva leve. Na passagem elevada Julia Tuttle, cruzaram com um comboio que seguia em alta velocidade na direção oposta, rumo a Miami Beach.

39

Duas vans da Imigração, cada uma com seis agentes, quatro agentes do FBI e os homens de Operações Táticas de Miami-Dade, além do Esquadrão Antibombas com seu robô, seguiam pela Julie Tuttle, deixando as sirenes acionadas até metade do caminho, e depois apenas uma sirene de ambulância, até Miami Beach.

A SWAT de Miami Beach e um caminhão de bombeiros foram os primeiros a chegar à mansão Escobar à beira da baía. A Patrulha Marítima de Miami-Dade chegou com duas lanchas, luzes apagadas, nada de sirenes. A SWAT entrou na casa pelas portas da frente e dos fundos ao mesmo tempo.

Um helicóptero da polícia sobrevoava a mansão, fazendo tremular o velho e esfarrapado biruta do heliporto.

Programado para evitar obstáculos, o robô hesitou diante da escada estreita, mas, estimulado pelo operador, por fim desceu os degraus até o porão. O cano da sua escopeta calibre doze estava cheio de água, para interromper o circuito de disparo de uma bomba. No lugar da espoleta, o cartucho tinha uma cápsula elétrica.

A câmera do robô exibia o cofre aberto, as prateleiras do alto vazias, pacotes de um quilo de explosivos na de baixo. A equipe do Esquadrão Antibomba ficou satisfeita de ver pela câmera o emaranhado do fio de detonação, desconectado dos explosivos e empilhado na mesa de jogo, e ao lado do fio havia uma chave de mercúrio, agora inofensiva. Uma cortesia que não passou despercebida à equipe.

Três ímãs pesados e as ferramentas de Favorito, limpas com óleo, formavam uma pilha irregular debaixo da escada.

Não encontraram ninguém na casa além dos manequins, dos monstros de gesso, dos brinquedos.

Policiais dos diferentes órgãos andavam de um lado para o outro. Quando os explosivos foram levados no caminhão de transporte de bombas, o medo foi embora também.

O pessoal do Esquadrão Antibombas se reuniu em torno da antiga cadeira elétrica na sala de estar, especulando se ela podia ou não ser usada para aquecer uma pizza. O sargento da unidade, sentado na cadeira elétrica, disse que daria para cozinhar em fogo brando, mas não saltear, e que por isso ela não continuou em Sing Sing. Tudo parecia

incrivelmente divertido desde que a bomba se fora.

A Patrulha Marítima fechou a pista elevada da rua 79, assim como a Julia Tuttle, fazendo uma busca em todos os barcos que passavam por baixo.

Terry Robles juntou as armas na casa — um AK e o AR-15 do quarto do falecido Umberto. Usando luvas, desencapou o AR-15 e tirou a trava de gatilho, uma pecinha de alumínio semelhante a uma caixa que, integrada ao sistema de controle de fogo, permitia à arma que funcionasse no automático. E mostrou a peça aos funcionários do Escritório de Álcool, Tabaco e Armas de Fogo, o ATF, presentes no local.

Um agente do ATF a examinou e ergueu as sobrancelhas.

— Recém-fabricada — comentou.

As travas de gatilho legais de AR-15 foram todas fabricadas antes de 1986. Uma trava legal e registrada custa uns quinze mil dólares, caso se encontre alguém disposto a vender e se tenha de uma licença de Classe 3.

Uma trava ilegal de fabricação recente pode custar até duzentos e cinquenta mil dólares em multas e vinte anos de reclusão na prisão federal de Coleman, sem direito à liberdade condicional.

— Vou pedir um favor — disse Robles ao agente do ATF. — Vê se dá para passar isso pelo laboratório o mais rápido possível.

No quarto de Hans-Peter, ele encontrou uma pasta com desenhos pavorosos de se ver.

Dois dias depois, o inspetor Robles iria infiltrado com o ATF ao depósito sem janelas que parecia um matadouro, onde tanto o pessoal de Don Ernesto quanto o de Hans-Peter alugavam armas.

O dono disse a Robles que o chamasse de Parça. Seu nome verdadeiro, no mandado de busca que estava no bolso do inspetor Robles, era David Vaughn Webber, homem, branco, 48 anos, dois antecedentes por posse de cocaína e um episódio de direção sob influência de drogas.

O inspetor Robles e os agentes do ATF o encontraram porque suas digitais estavam dentro da trava de gatilho do fuzil de Umberto.

40

No aeroporto, a van parou perto do velho avião, e, com um carrinho, o pessoal de Don Ernesto transferiu as máquinas de lavar para o elevador de carga. As máquinas cheias de ouro desapareceram no avião, acomodadas no meio da linha de máquinas de lavar comuns rumando para a América do Sul.

Chuva na pista. Reflexos do céu cinzento carregado de chuva. Um velho 707 taxiava ali perto, encobrindo a conversa. Depois que passou, Don Ernesto disse:

— Vem comigo, Cari. Vem trabalhar comigo. Esse lugar só traz problemas para você.

— Obrigada, Don Ernesto, mas agora minha casa é aqui.

— Eu recomendo seriamente que você venha.

Ela meneou a cabeça. Na chuva, seu rosto parecia mais jovem que seus 25 anos.

Ele fez que sim.

— Quando eu vender o ouro, você vai ter notícias minhas. Encontra um lugar para guardar dinheiro. Um cofre de segurança grande. Quando estiver com o dinheiro, vai passando aos poucos para as suas finanças, até poder investir num negócio por onde o resto vai passar. Posso recomendar um contador quando a hora chegar.

— E a minha tia?

— Vou cuidar disso, eu prometo.

Hans-Peter Schneider observava o avião do acostamento da estrada junto à cerca do aeroporto. Seu celular estava no colo. Num pedaço de papel, tinha os números do controle de tráfego aéreo, da delegacia da polícia de Miami-Dade no aeroporto, da Administração de Segurança de Transportes e do Serviço de Imigração e Controle Alfandegário.

Don Ernesto deu uma corridinha para o banheiro. Estava digitando um número no celular, e já falava ao passar pela porta. Quando se lembrou de olhar por baixo da porta da cabine do vaso sanitário, não viu pés de ninguém.

Don Ernesto falava diante do mictório.

— Ela trabalha na Estação de Aves Marinhas, na rua 79.

Sirenes ao longe, talvez um incêndio, talvez vindo atrás deles. Don Ernesto se apressou de volta ao avião e subiu a bordo.

Quando a porta do banheiro bateu, Benito, lá dentro, finalmente pôde botar os pés no

chão de novo.

Em seu SUV, Hans-Peter desligou o telefone, guardou-o no bolso e amassou a lista de números de telefone. Ficou observando os pilotos fazerem a avaliação externa do velho DC-6A, e então se foi.

O avião avançava e avançava e avançava pela pista, as quatro hélices cortando o ar e achatando a grama nas proximidades. Cheio de máquinas de lavar roupa e com alguns lava-louças — apenas três dos pesados —, ele finalmente levantou voo, desenhando uma longa curva para se afastar do tráfego e rumando para o sul sobre o mar, em direção ao Haiti.

Don Ernesto fechou os olhos e pensou em Candy e nos bons e velhos tempos, mas também pensou nos bons tempos que estavam por vir. Gomez, acomodado pela tripulação num assento atrás do centro de gravidade da aeronave, examinava os anúncios de massagens no *New Times*.

Os dois nomes que Diego Riva conhecia eram Don Ernesto e Isidro Gomez.

Os mandados de prisão tinham sido devidamente expedidos, mas a essa altura o velho avião já roncava acima do estreito da Flórida, livre e desimpedido.

41

Duas semanas se passaram sem que ninguém tivesse notícia de Don Ernesto.

Marco comprou um cartão telefônico e, usando um celular descartável, ligou para a Academia de Dança Alfredo. Foi informado de que ninguém chamado Don Ernest — era Ernest ou Ernesto? — trabalhava lá.

Uma manhã agradável no Greynolds Park, junto ao lago, em North Miami Beach. Casais em barcos alugados remavam nas águas tranquilas. Pessoas abriam as toalhas de mesa sob as árvores para fazer um piquenique, alguém tocava um acordeão. A fumaça azul das grelhas de churrasco passeava sobre a água.

Cari Mora olhou para o relógio e se sentou na beira do embarcadouro. Usava um chapéu de palha de jardineiro com fita colorida.

Um esquife de proa plana se aproximou do embarcadouro.

Favorito remava na popa, com a cadeira de rodas dobrada à frente dele, no fundo do barco. Cari não o via desde que abriram a caixa-forte. Eles tinham se falado uma vez ao telefone, durante quinze segundos.

Na proa do esquife, Iliana Spraggs também remava, com a perna numa bota imobilizadora inflável. Os dois usavam coletes salva-vidas. O rosto de Iliana já estava rosado de sol.

Favorito sorriu para Cari.

— Oi — disse ele. — Tique-taque. Essa é a Iliana.

— Tique-taque — respondeu Cari. — Oi, Iliana.

Iliana Spraggs não olhou para Cari nem respondeu ao cumprimento.

— Cari, ninguém teve notícias do nosso amigo do sul — disse Favorito. — Talvez a gente nunca mais tenha notícias dele. Acho que ele se mandou com tudo.

Favorito entregou um cesto de piquenique a Cari.

— Dá uma olhada debaixo dos sanduíches.

Cari afastou a comida e viu por baixo um intenso brilho amarelo.

Olhou ao redor. As pessoas mais próximas fazendo piquenique estavam debaixo das árvores. Ela fuçou mais no cesto. Num saco de pano havia nove pequenas barras tola,

com a inscrição 3.75 OZ.

— Caíram dezoito dessas na minha caixa de ferramentas — explicou Favorito. — Nove para você, nove para nós. — Ele continuou falando, dirigindo-se ao mesmo tempo a Iliana e Cari. — Se não fosse você, Cari, se você não tivesse descido até o porão, eu teria virado um hambúrguer. Já me explodiram antes. Essas nove valem algo em torno de quarenta e quatro mil dólares. Têm a marca do Credit Suisse, mas não são numeradas. Vai ser fácil vender daqui a algum tempo. Vai devagar, espalhando aqui e ali, botando o dinheiro aos poucos no que estiver fazendo. Sempre depósitos de menos de cinco mil dólares. E paga os seus impostos.

— Obrigada, Favorito — agradeceu Cari. Ela pegou o saco de tolas e colocou o cesto de piquenique no barco, por cima da cadeira de rodas dobrada. — Alguém está pegando sol demais.

E ofereceu seu chapéu a Iliana, que não fez o menor movimento para pegá-lo.

Cari olhou para o rosto carrancudo dela.

— Não deixa o Favorito escapar, ele é dos bons.

E botou o chapéu em cima do cesto no barco.

Começaram então a remar. Cari botou as tolas na bolsa, junto com seus livros de estudo e um saco de fertilizante Vigoro para árvores frutíferas.

Longe dos ouvidos de Cari, Iliana disse, sem mover muito os lábios:

— Ela é bonita pra cacete.

— É mesmo. Assim como você — respondeu Favorito.

Depois de um momento, Iliana botou o chapéu na cabeça, acenando para Cari do barco. É possível que tenha sorrido também.

Cari pegou o ônibus para trabalhar na sua futura casa no canal de Snake Creek.

42

Um dia quente perto do Natal. Os jasmins-manga tinham deixado suas folhas caírem para enfrentar os vinte e três graus do inverno. As folhas grandes batiam nas pernas de Cari Mora no caminho do ponto de ônibus para sua casa, perto do canal de Snake Creek.

Ela carregava duas bolsas de lona. Numa delas uma flor-camarão de um cor-de-rosa bem vivo e na outra seus livros de estudo, além de um exemplar de *Tabelas de distanciamento de traves e caibros*, do Conselho Americano de Madeiras.

Crianças da vizinhança, com idade em torno de 8 anos, montavam um presépio no jardim da frente de uma casa.

Tinham imagens de Maria e José, do menino Jesus na manjedoura e dos animais da estrebaria: uma cabra, um burro, uma ovelha e três tartarugas. No centro da cena, a trave de uma tenda. Duas meninas e um menino prendiam fios com pequenas lâmpadas no alto da trave e os espalhavam em várias direções, formando uma colorida árvore de Natal por cima da cena da manjedoura.

A mãe observava da varanda. Montava guarda junto ao transformador de baixa voltagem, com o fio enroscado debaixo de sua cadeira.

Cari sorriu para ela.

— Um belo *nacimiento* — disse às crianças.

— Obrigada — respondeu a menina mais velha. — Só mesmo na Kmart que dá para encontrar um *nacimiento* de *plástico* que consegue aguentar a chuva. O de gesso desmancha.

— Vocês têm tartarugas aí na estrebaria, com José, Maria e o menino Jesus.

— É que na Kmart não tinha mais os Reis Magos, e a gente já tinha as tartarugas. Elas são de madeira, mas a gente mergulhou elas em verniz para o caso de chover.

— Quer dizer que essas tartarugas são...

— *Claro*! Essas são as Três Tartarugas Magas — disse o menininho. — Se a gente conseguir os Reis Magos, as tartarugas voltam a ser tartarugas normais vivendo na estrebaria. Amigas do burro e da ovelha.

— A gente vai sujar elas na terra para ficarem parecendo com as de Snake Creek — acrescentou a menina.

— Um belo *nacimiento* — comentou Cari. — Gostei de ver.

— Legal. Vem ver iluminado quando mamãe ligar a luz. *Feliz Navidad!*

Cari ouviu um assobio enquanto se aproximava da sua casa, com a lona azul encerada no telhado. O assobio começou como um apito ou dois, que foi ficando mais alto e mais rápido rua acima e abaixo, até parecer um pequeno órgão a vapor. Ela então reconheceu a linguagem assobiada do *silbo gomero*.

Desconfiou de que a conversa girava em torno do homem sentado na escada da entrada da sua casa.

Cari passou a bolsa com o pesado vaso de planta para a mão direita, com o braço estendido ao longo do corpo.

O homem se levantou ao vê-la se aproximar.

Cari parou num canto do jardim para examinar uma planta que estava ficando amarela.

Percebeu que havia um volume no lado direito do cinto do visitante — o contorno da coronha da pistola marcado na jaqueta. Em vez de caminhar pela calçada, ela se aproximou pelo gramado, para manter o sol nos olhos dele.

— Srta. Mora, eu sou o inspetor Terry Robles, do Departamento de Polícia de Miami-Dade. A gente pode conversar uns minutinhos? — Por uma questão de cortesia, ele mostrou a carteira de identidade, em vez de o distintivo.

Ela não se aproximou o suficiente para ler o que estava na carteira. Perguntava-se se ele não teria abraçadeiras de náilon no cinto.

Terry Robles viu que o rosto de Cari era igual ao dos desenhos que trazia numa pasta debaixo do braço. Agora os desenhos pareciam coisas sujas e vergonhosas, e não apenas provas; pareciam queimar debaixo do seu braço, uma coisa terrível.

Cari não queria Terry Robles na sua casa, onde ela reposicionava seus três únicos móveis várias vezes por semana. Ele era um policial, como se fosse da Imigração. Não o queria lá dentro.

Cari o convidou a se sentar a uma mesa do jardim, e não dentro de casa.

Na varanda dos fundos, a cacatua respondia aos assobios da casa vizinha. O pássaro assobiava e gritava em inglês e espanhol.

— A senhorita entende essa língua assobiada? — perguntou Robles.

— Não. Minhas vizinhas economizam minutos de celular desse jeito. Sem risco de serem hackeadas. Por favor, me desculpe pelo linguajar do pássaro, ele está sempre bisbilhotando e se metendo na conversa delas... Se ele disser alguma coisa para você, não é nada pessoal.

— Srta. Mora, aconteceram muitas coisas na casa onde a senhorita trabalhava. Conhece as pessoas que estavam lá?

— Eu só fiquei uns dois dias com elas — respondeu Cari.

— E quem contratou a senhorita para esses dois dias?

— Disseram que era uma empresa de cinema, tinha um nome na autorização. Muita gente fez filmes lá nos últimos dois anos, comerciais de TV usando os objetos cenográficos que estão na casa.

— A senhorita conhecia alguém da equipe?

— O chefe era um sujeito alto chamado Hans-Peter.

— A senhorita sabe o que encontraram na casa?

— Não. Eu não gostei nada daquela gente e larguei o serviço no segundo dia.

— Por quê?

— Eram ex-presidiários. Eu não gostei do jeito deles.

— E prestou queixa em algum lugar?

— Eu prestei queixa com eles antes de ir embora.

Robles fez que sim com a cabeça.

— Alguns deles morreram, outros estão foragidos.

Ele não percebeu nenhuma reação em Cari.

— A senhorita está estudando.

— Na Miami Dade. Estou só começando.

— O que quer fazer?

— Quero ser veterinária. Estou no preparatório.

— A senhorita recebeu recentemente o seu documento de Status de Proteção Temporária e teve a autorização para trabalhar estendida. Meus parabéns.

— Obrigada.

Ela já sabia o que vinha pela frente.

Robles se ajeitou no assento.

— A senhorita está prestes a se tornar cidadã americana. Tem licença para atendimento em domicílio, cuidou de idosos, trabalhou como faxineira em residências. Aqueles homens levaram muito ouro da casa onde a senhorita trabalhava. Srta. Mora, a senhorita recebeu alguma parte?

— Ouro? Eu recebi dinheiro deles para comprar comida, e nem foi muita coisa.

Três barras tola ainda estavam no ninho de gambá do sótão.

— No ano passado a senhorita declarou uma renda modesta, mas recentemente comprou essa casa.

— A casa ainda é praticamente do banco. O proprietário é o cunhado da minha prima em Quito. Eu só estou cuidando. Consertando algumas coisas.

O que era verdade, no papel. E ela podia mostrar àquele filho da mãe.

A raiva crescia em Cari, que olhava para o rosto de Robles, de olhos negros como os seus, no quintal da sua própria casa.

Ela não achava que os problemas fossem chegar até ali. Não achava que fossem chegar ao seu jardim, à sua casa, construída sobre uma laje, para nenhuma criança se ferir embaixo.

O rosto de Robles pareceu mais nítido para ela que o jardim ao seu redor. Sua visão estava bem nítida no centro, como estava quando ela viu o *comandante* atirando na criança debaixo da casa.

Cari olhou para sua mangueira, ouvindo-a respirar ao vento, e respirou fundo uma vez e mais uma.

Uma abelha, na busca pelo alimento de inverno, se aproximou e começou a esvoaçar em torno da flor-camarão na sua bolsa. Cari teve um vislumbre do velho naturalista de que havia cuidado na Colômbia, com os óculos guardados no bolso, na cabeça o chapéu para se proteger das abelhas.

A raiva que sentia Robles era irracional e ela sabia disso.

Cari se levantou perto da mesa.

— Inspetor Robles, vou oferecer a você um copo de chá gelado e pedir que diga o motivo da sua visita.

Quando ainda era um jovem fuzileiro naval, Terry Robles fora durante seis semanas absolutamente surreais o campeão de peso-meio-pesado da Esquadra do Pacífico; e agora reconhecia alguma coisa na expressão de Cari.

Tá bom. Tá bom. É hora do show.

— Tá bom — disse ele, depois de ouvir "tá bom" na cabeça dez vezes. — A senhorita faz alguma ideia do que Hans-Peter Schneider pretendia fazer com a senhorita?

— Não.

— Hans-Peter Schneider fornece mulheres para os mineradores de minas de ouro ilegais na Colômbia e no Peru. Muitas são contaminadas com mercúrio, porque a água das minas é poluída. Isso dificulta a venda dos órgãos quando elas morrem. Ele vende órgãos humanos que não estejam contaminados de mercúrio. Os órgãos são obtidos em motéis. E vende mulheres mutiladas para clubes de pervertidos em vários lugares do mundo. Ele faz customizações físicas por encomenda nessas mulheres. O que eu quero dizer é que, se ele não conseguir pegar a senhorita, vai fazer outras mulheres gritarem e gritarem muito.

Nenhuma reação aparente de Cari.

— Aqui estão os desenhos do que ele pretendia fazer com a senhorita. Mais uma vez, peço desculpas, mas temos que levar isso muito a sério.

Robles estendeu a Cari várias folhas com desenhos virados para baixo.

Ela começou a voltá-los para cima um por um. Tecnicamente, eram desenhos excelentes. No primeiro, restava-lhe apenas um membro — um braço com a mão, para continuar proporcionando prazer aos seus senhores —, e ela estava tatuada com retratos de Mãe Gnis. Não havia nenhum vestígio das suas outras extremidades. Ela parecia um cepo com um único galho. Uma anotação num canto: "Toco de Boston".

E a partir daí os desenhos só pioravam. Ela viu todos eles, juntou-os numa pilha e os empurrou para Robles.

— A senhorita poderia nos ajudar a apanhar Hans-Peter — disse ele.

— Como?

— Ele está obcecado pela senhorita. Eu estou atrás dele e a Interpol também. A gente precisa botar esses clientes doentes e ricos na prisão ou num hospício, que é onde deveriam estar. Hans-Peter tem que parar de estraçalhar mulheres para essas pessoas. A senhorita pode atrair ele.

— E o senhor sabe onde Hans-Peter Schneider está?

— Os cartões de crédito dele têm sido usados em Bogotá, na Colômbia, e também em Barranquilla nos dois últimos dias, e foram feitas ligações de Bogotá pelo celular dele. Mas ele vai voltar. Se não voltar, vamos ter que ser proativos e viajar com a Interpol. Alguns clientes foram identificados por um informante. Um deles tem uma *villa* na Sardenha. Posso justificar a sua ausência nas aulas e no trabalho. A senhorita se disporia? Estaria disposta a me acompanhar para pegar esse sujeito?

— Sim.

— E depois vou querer botar na cadeia os caras que alugaram as armas —

acrescentou Robles.

Robles já tinha efetuado prisões no caso do aluguel das armas, mas precisava demonstrar a um corpo de jurados que essas mesmas armas estavam nas mãos dos criminosos.

— Uma dessas armas atirou na minha mulher — explicou ele. — E atirou em mim, e atirou na minha casa, que é bem parecida com essa. Eu gosto da minha casa exatamente como a senhorita gosta da sua... Quer dizer, como gosta da casa do cunhado da sua prima. A senhorita viu armas com Hans-Peter Schneider?

— Sim.

— O que foi que viu? A senhorita seria capaz de descrever?

— Descrever as armas?

— Eu li o seu formulário solicitando a extensão do TPS. Eu conheço o seu histórico. A senhorita seria capaz de afirmar com certeza que não eram armas cenográficas?

— Eles tinham dois AKs de fogo seletivo, com silenciador, e dois AR-15s, um deles com fogo automático. Pentes de trinta cartuchos para uso geral e um tambor para um dos AKs. Hans-Peter Schneider, o altão, carregava uma Glock de nove milímetros numa correia de ombro. Quer com limão?

— Não quero chá. Srta. Mora, eu não tenho como oferecer segurança em casa vinte e quatro horas por dia, mas posso pôr à sua disposição uma ou duas instalações de proteção a testemunhas onde não possa ser encontrada. A senhorita poderia ficar lá até...

— Não. É aqui que eu moro.

— Pelo menos poderia me fazer esse favor de visitar os locais?

— Não, inspetor, eu conheço os de Krome.

— A senhorita está sempre com um celular, para eu poder fazer contato?

— Sim.

— Vou pedir à polícia de North Miami Beach para sempre passar por aqui.

— Tudo bem.

O inspetor Terry Robles estava encantado com a visão de Cari naquela tarde dourada, embora ela não gostasse nada dele. Ele estava sozinho há muito tempo. Lembrou-se da esposa em Palmyra, com o sol nos cabelos. Precisava sair dali logo.

— Já foi expedido um alerta de prisão contra Hans-Peter — avisou ele. — Eu ligo quando ele for localizado. Tranca as portas.

— Feliz Natal, inspetor Robles.

— *Feliz Navidad* — respondeu ele.

Talvez ela não me ODEIE*... Não que isso vá fazer a menor diferença no trabalho*, pensou Terry Robles, caminhando para o carro.

43

Hans-Peter Schneider tinha tudo de que precisava no momento: já havia recebido metade dos duzentos mil dólares que cobraria para entregar Cari ao sr. Gnis e supervisionar a modificação dela. Podia usar tranquilamente suas instalações aqui em Miami, que não constavam em lugar nenhum no seu nome, assim como o barco, registrado em nome de uma empresa de Delaware.

Na Colômbia, Paloma usava seus cartões de crédito e o celular.

Tinha em mãos um bilhete da tatuadora presa Karen Keefe, que concordava em ir à Mauritânia quando saísse da prisão, para decorar Cari — Hans-Peter lhe fornecera um desenho do rosto de Mãe Gnis para praticar.

Ele adquiriu um fuzil tranquilizante JM Standard para caça de animais, com dardos contendo azaperona suficiente para imobilizar um mamífero de sessenta quilos. E tinha uma pistola de nove milímetros na parte de trás do cinto.

Hans-Peter tinha descoberto que é mais fácil transportar uma pessoa amarrada se ela estiver num saco mortuário ventilado com alças. Em geral, os sacos mortuários à prova de odores e fluidos são impermeáveis, e o ocupante, se já não estiver morto, acaba sufocando. O saco do kit de Hans-Peter era bem ventilado, feito de uma única tela de lona.

Ele tinha abraçadeiras de náilon extrafortes, clorofórmio e discos de algodão. E suplementos dietéticos para alimentação forçada na embarcação, além dos bisturis de obsidiana, para o caso de desejarem fazer alguma coisinha na mesa da cozinha do barco do sr. Gnis durante a travessia para a Mauritânia.

No fim da tarde, Hans-Peter arrumou a casa e jogou Karla pela privada.

Tinha alugado uma minivan com uma identidade falsa, e retirou o assento do meio para abrir espaço para Cari no piso. Desconectou o fusível das luzes internas da van, para poder deixar a porta lateral aberta no escuro.

Caía a noite. Bandos de estorninhos pousaram nas cercas vivas em torno da Estação de Aves Marinhas de Pelican Harbor. A briga de duas famílias de papagaios na hora de dormir era mais barulhenta que a música dos barcos na marina. O cheiro do jantar na

grelha e um fio de fumaça azul pairavam sobre a água.

No estacionamento ao lado da estação, Benito esperava na sua velha caminhonete para levar Cari para a casa da prima, onde ela dormiria. O ar-condicionado da picape não funcionava havia anos, e ele estava com as janelas abertas, grato por sentir a brisa que vinha da baía.

Cheio de árvores, o local era mais escuro que as imediações no crepúsculo.

Cari terminou o trabalho na sala de tratamento, esterilizou os instrumentos e levou um rato descongelado para a coruja.

Fechou os olhos e sentiu o vento acima dela no momento em que o enorme pássaro passou para agarrar a presa.

Benito não queria fumar com Cari na caminhonete, por isso resolveu enrolar um cigarro no escuro para fumar logo, antes que ela chegasse. Na escuridão, abriu a lata de tabaco Bugler com seus dedos roliços. Enrolou o cigarro, passou a língua e torceu a ponta. Acendeu um fósforo.

A chama laranja reluziu na cabine da caminhonete, e o dardo o atingiu na lateral do pescoço. Ele o agarrou, o cigarro caindo no colo e espalhando faíscas. Levou a mão ao bolso do peito do macacão para pegar a pistola, segurou a coronha enquanto o volante inchava e oscilava na sua visão e botou a mão na maçaneta da porta, mas voltou a ser atingido no pescoço e tudo escureceu rápido.

Hans-Peter estava em conflito enquanto recarregava os dardos do fuzil. Adoraria poder dissolver Benito vivo na frente de Cari, a título de instrução, por assim dizer... CARAMBA, COMO ISSO SERIA DIVERTIDO!

Mas o tempo urgia. Tinha que seguir o iate do sr. Gnis pelo canal de Government Cut até o mar e entregar Cari fora das águas territoriais dos Estados Unidos. Melhor cortar a garganta de Benito. Hans-Peter abriu a faca. Já começava a atravessar o estacionamento em direção à caminhonete de Benito quando as últimas luzes se apagaram na estação e ele ouviu uma porta sendo fechada e o tilintar de um chaveiro. Esquece Benito.

Cari estava vindo.

Ela cantava a parte de Shakira em "Mi verdad" enquanto se aproximava da caminhonete. Benito estava ao volante, curvado, o queixo batendo no peito. Cari trazia um refrigerante de tamarindo para ele. Benito fazia questão de levá-la para casa e muitas vezes estava dormindo quando ela saía da estação.

— *Hola, mi señor*.

Ela viu o dardo no pescoço de Benito no exato instante em que ouviu um estalo por trás, como um galho de palmeira se quebrando, e sentiu uma pontada na nádega. Estendeu o braço e pegou a arma de Benito, deu meia-volta e ergueu a pistola, mas o asfalto se levantou, lhe deu uma pancada, tentou cobri-la e sufocá-la, então tudo ficou escuro.

* * *

Escuridão. Cheiro de óleo diesel, suor e sapatos. Uma pulsação, uma vibração no piso de metal, mais rápida que o pulso humano, um zumbido.

Barulho de arranque. Dois motores a diesel dando a partida, uma marcha lenta e preguiçosa, e a embarcação começou a se mover. Os motores se acomodaram num ronco baixo, com vibrações secundárias acompanhando o ritmo ou não. *Vrum-vrum*.

Cari abriu só um pouco os olhos, viu o convés de metal. Olhos um pouco mais abertos.

Ela estava sozinha numa cabine na proa do barco, deitada no chão. Acima, no teto, uma escotilha de acrílico que servia também de claraboia. Um pouco de luz entrava e os sons mudavam à medida que o barco se afastava do ancoradouro noite adentro.

Apareceu um rosto na claraboia, alguém olhando para ela do convés. Hans-Peter Schneider. Usava o brinco de Antonio, a cruz gótica.

Cari fechou os olhos, esperou um momento e voltou a abri-los. Acima dela havia um beliche que formava um ângulo em V. Na junção do pé do beliche com o parapeito, um pedaço de unha rasgado e ensanguentado, que não era seu. Seus braços e ombros doíam, pressionados no convés de metal. Os punhos estavam amarrados atrás do corpo e os tornozelos, atados. Conseguia ver os tornozelos. Quatro fortes abraçadeiras de náilon os prendiam.

Não tinha a menor ideia do tempo que já havia passado ali. O barco não se movia muito rápido. Ouvia a água batendo no casco. Tinha ouvido dizer que, quanto mais rápido se escapa de uma captura, maiores as chances de sobreviver.

No passadiço do longo barco preto, acompanhado de Mateo ao leme, Hans-Peter ligou para o sr. Imran a bordo do iate de duzentos pés do sr. Gnis, singrando os mares em direção ao ponto de encontro.

— Estou a caminho — avisou Hans-Peter, ouvindo alguém gritar perto do sr. Imran.

— Vou encher a banheira — disse o sr. Imran.

— Boa ideia — respondeu Hans-Peter. — Ela provavelmente vai se cagar. — Eles deram uma boa gargalhada, feito dois adolescentes.

Na cabine da proa, Cari tentava cautelosamente mover tudo que conseguisse mover. Achava que não tinha quebrado nenhum osso, mas a sobrancelha estava inchada e melada.

Ela aqueceu um pouco os músculos, movendo-se como podia, deitada de lado.

De olho na claraboia, deu um jeito de se sentar, as costas apoiadas no beliche. Precisou se alongar e de cinco tentativas, então conseguiu passar os punhos atados por baixo das nádegas, até detrás dos joelhos. Trouxe os joelhos para o peito e, com um tremendo esforço, passou os punhos por baixo dos pés e os liberou. Agora tinha as mãos à sua frente. Viu que as quatro fortes abraçadeiras de náilon nos pulsos eram iguais às que atavam seus tornozelos. Grandes também, com as pontas indo muito além dos punhos.

As crianças presas na água. A ponta das abraçadeiras de náilon indo muito além dos punhos. Uma pressionava a lateral da cabeça na outra. Bam!

Ao se lembrar disso, Cari foi tomada por uma onda de calor, boa parte da qual era energia.

Como se livrar de abraçadeiras de náilon? É dificílimo. Seria até possível romper uma ou mesmo duas abraçadeiras de náilon normais projetando violentamente os quadris para a frente, mas não essas tão fortes, muito menos quatro delas. Forçá-las com

um calço. Ela não alcançava as abraçadeiras dos punhos, mas poderia calçar as das pernas se tivesse um objeto pontudo ou cortante. A cruz de são Pedro com a adaga embutida não estava mais no seu pescoço. Ela olhou pelo convés: qualquer objeto, um grampo de cabelo, qualquer coisa.

Cari se contorceu para tentar passar os olhos pela proa, talvez houvesse um grampo no chão. Nada. Um vaso sanitário, um espelho, uma prateleira, uma ducha. Uma balança de banheiro. Olhou embaixo dos beliches, apalpando o convés. Nada além de um par de sapatos náuticos fedorento. O que ela poderia ter que fosse chato e de metal para usar como calço? A adaga se fora. Seus bolsos estavam revirados do avesso. Havia sido muito bem revistada. Sentiu um ponto arranhado na pele do peito, uma irritação causada por uma barba. Eca. *O que é chato e de metal e* A PONTA DO ZÍPER DO MEU JEANS.

Cari abriu a braguilha. Foi um processo lento baixar a calça, descer a cintura pelas pernas dobradas com os punhos atados.

Por um momento, tentou enfiar a ponta do zíper no fecho das abraçadeiras nos punhos, mas não tinha como controlá-la sem poder usar os dedos. Ela ficava indo e voltando sem fazer pressão. Passou então a tentar nos tornozelos. Eram duas abraçadeiras presas à frente. Ela forçou a ponta no fecho da abraçadeira de cima. Não. Não. A ponta escapulia. Não. Não. Não. Sim. O fecho cedeu, a longa sobra da abraçadeira de náilon apontada para fora veio passando por dentro dela e pronto. Ela jogou a abraçadeira solta debaixo de um dos beliches, para que não fosse vista lá de cima.

Ela coçou a marca avermelhada deixada na perna e começou a trabalhar na outra abraçadeira. Muito resistente, foram necessárias doze tentativas até ceder. As duas seguintes estavam presas por trás das pernas, e ela teve que lidar com uma delas apenas apalpando. Levou dez minutos, muita água e distância passando por baixo do casco. O último fecho, como já estava frouxo, pôde ser levado para a frente da perna, e ela abriu em três tentativas.

Mas não os punhos. Não dava para manipular a ponta sem usar os dedos. Ela simplesmente resvalava o fecho.

Cari recostou a cabeça no beliche, sentada no chão. Ouviu passos na escada da escotilha.

Seria capaz de lutar com as pernas livres, as mãos ainda atadas. Esconder os pés debaixo da cama, fingir estar dormindo e ganhar tempo? Não, lutar agora.

Ela pegou a pesada balança do banheiro.

Levantou-se, equilibrando-se mal e mal, e ergueu a balança acima da cabeça, com as mãos atadas. A porta da cabine foi aberta, e ela deu um chute tão forte nas bolas de Mateo que quase o ergueu do chão. Outro chute, agora no plexo solar, o impediu de começar a gritar; ele se curvou e ela baixou a balança com toda a força na parte de trás da cabeça dele. Mateo caiu de cara no chão de metal, e Cari, virando a balança de lado, atingiu duas vezes com a borda dela a parte posterior do crânio. Da segunda vez, a pancada soou menos seca. Um cheiro forte cheiro de urina saiu dele, uma poça se espalhou por baixo de Mateo.

Foram só algumas pancadas e gemidos, encobertos pelo barulho do motor e pelas batidas das ondas no casco. Talvez Hans-Peter não tivesse ouvido, no leme. Mas com

certeza sentiria falta de Mateo em alguns minutos.

Mãos, mãos, ela não tinha como nadar com as mãos atadas, a menos que tivesse uma boia, um colete salva-vidas. Nada parecido na cabine. Ela revistou Mateo, na esperança de encontrar uma faca, um revólver. Hans-Peter era esperto demais para mandar um carcereiro com uma arma. Nada útil nos bolsos, só chicletes.

De que outra forma abrir uma abraçadeira de náilon? Ela não ia longe na água de mãos atadas. A respiração ofegante a fazia sentir os cheiros do barco. Cheiro de roupa guardada e sangue coagulado. Cheiro de urina do morto ao seu lado. Cheiro dos sapatos náuticos velhos, com CADARÇOS DE COURO QUE PODEM SER FRICCIONADOS NO NÁILON.

Quanto tempo lhe restava? Não muito.

Hans-Peter gritou pela escada da escotilha.

— Verifica as abraçadeiras e volta aqui, Mateo. Se você foder com ela, eu te mato! A gente vai vender carne fresca!

Cari encontrou os sapatos náuticos e, com os dedos e os dentes, retirou os cadarços, amarrando-os de modo a formar uma longa tira. Passou a tira pelas abraçadeiras dos punhos e fez um laço em cada ponta.

Botou os pés nos laços, como se fossem estribos, e começou a fazer um movimento de pedalar uma bicicleta com as pernas; a tira de couro friccionava a abraçadeira de náilon de cima, enquanto as pernas forçavam. Ela sentia o calor da fricção nos braços, vendo fumaça sair da tira e dos cabos em movimento.

Hans-Peter gritava:

— Mateo, vem cá, seu filho da puta! Eu não devia ter deixado você lamber os peitos dela.

Forçando, forçando, a tira de couro sibilando na abraçadeira. Fumaça e calor e POP, a abraçadeira superior se partiu, a tira de couro se estirou por cima da seguinte, sibilando e soltando fumaça, POP, a abraçadeira se rompeu, e um laço se soltou do seu pé. Levou um segundo desesperador para colocá-lo de volta no lugar e FORÇA FORÇA, estava dirigindo, FORÇA FORÇA FORÇA e POP.

FORÇA FORÇA FORÇA FORÇA FORÇA FORÇA POP. Estava com as mãos livres, meio dormentes, formigando conforme o sangue voltava a circular.

Ela botou a cabeça na escotilha convexa de vidro a tempo de ver luz passando lá em cima, um raio de luz, cor de alfazema, como o interior da boca de um falcão; era a parte inferior da escada da escotilha. Luzes de emergência de aviões no céu, como uma estrela vermelha e uma branca! As luzes se projetavam das enormes antenas ao lado da Estação de Aves Marinhas, onde estavam os livros de estudos dela, onde estava sua bolsa com fertilizantes. À medida que o barco seguia para o sul, ela via os faróis dos carros avançando com rapidez na pista elevada, formando uma fieira de luzes, como os disparos de munição traçante de uma metralhadora pesada.

De pé no beliche, ela conseguiu abrir a escotilha do convés. Mas a abertura ficava no convés de proa. Do leme, Hans-Peter veria que estava aberta. Agora eles estavam ao sul da pista elevada, avançando em ritmo constante. Cari não podia esperar.

Os motores diminuíram a marcha e pararam. Ela trancou o frágil fecho da porta da cabine. Hans-Peter berrava pela escada da escotilha.

Passos descendo.

Ela abriu a escotilha e saltou para o convés de proa, Hans-Peter abaixo dela chutando a porta da cabine.

Ele estava com o fuzil tranquilizante.

Viu que a escotilha estava aberta e correu escada acima para o convés, enquanto Cari mergulhava e saía nadando em direção ao litoral escuro e meio indistinto de Bird Key.

Hans-Peter de volta ao convés, agora com o fuzil, olhando, olhando. Ele virou o holofote do barco e a encontrou com sua luz, ergueu o fuzil.

Ao ser iluminada, Cari mergulhou, rapidamente chegando ao fundo, em águas tão rasas que ela via a própria sombra projetada na areia pelo holofote.

Precisava respirar, libera o ar debaixo da água, sobe e aspira de novo, desce outra vez ao sentir um dardo do fuzil atravessar os cabelos que boiavam acima dela enquanto nadava.

Era o último dardo. Ele teria que descer para pegar mais.

Hans largou o fuzil no chão e voltou ao leme. De lá, teria como controlar o holofote, e o feixe de luz deslizou pela água, encontrando Cari mais uma vez. Hans-Peter acelerou, perseguindo-a. Ia atingi-la em cheio com a merda do barco, mesmo que isso a matasse.

Cari conseguia nadar muito rápido. Jamais tinha nadado tão rápido. Dois enormes motores a diesel roncando atrás dela, cada vez mais perto, Bird Key mais perto, cinquenta metros.

O barulho do barco parecia estar logo acima dela, puxando-a, o holofote era incapaz de baixar o feixe de luz o suficiente para mantê-la iluminada à medida que o barco se aproximava. O barco bateu no fundo. Uma forte pancada seguida de um rangido conforme parava no banco de areia ao largo de Bird Key, Hans-Peter projetado sobre o leme e cai no convés. Rapidamente de pé de novo.

Cari nada, toca o fundo com as mãos, se apressa pela água para a escuridão de Bird Key. Corre, corre. Seria melhor lutar com ele na água? *Se vira e enfrenta ele agora. Não, eu não consigo chutar na água, e ele está com uma pistola.*

Para dentro do mangue, em Bird Key. Tropeça no lixo acumulado, nos detritos dos barcos de passeio trazidos pela água, nos objetos arrastados pelo rio, coolers quebrados, garrafas, canecas de plástico, corre, vê os objetos brancos na sombra sob as árvores, tropeça em coisas mais escuras, um forte cheiro de guano. E o burburinho dos pássaros em seus ninhos, os filhotes agitados, muita algazarra dos íbis.

Não havia caminhos distintos, apenas algumas trilhas cobertas de mato.

Hans-Peter levou um tempo para pegar os dardos e largar a âncora para conter o barco na maré ascendente, e logo também estava na água, carregando a arma com um dardo enquanto vadeava com suas pernas longas, seguindo para o manguezal denso na orla de Bird Key, a pistola na cintura e o fuzil tranquilizante e uma lanterna nas mãos.

Ele precisava resolver isso muito rápido — a Patrulha Marítima podia aparecer para verificar o seu barco. Era difícil avançar pelos bancos de lama do mangue para chegar a terra firme com ambas as mãos ocupadas.

Cari corre, tropeça, está perto do lugar onde tinha salvo a águia-marinha. Qualquer arma serviria. Qualquer coisa, um porrete, por favor, Deus, uma lança de pesca, qualquer coisa!

Um ou dois pássaros mortos no chão, enroscados em linhas de pesca. Uma vara

quebrada. Uma caixa vazia de Miller Lite.

Nuvens passam sob uma Lua pálida, o luar pulsando ao passar das nuvens.

Mil pássaros murmurando e se agitando, pios estridentes de filhotes, até serem acalmados com uma refeição de peixe regurgitado.

Uma garça noturna caminhava pela borda do mangue, elevando muito as patas, parando com o pescoço de cobra pronto para atacar. A noite estava viva.

Cari tentava encontrar uma arma no chão até que ouviu Hans-Peter saindo do mangue para terra firme, então ficou completamente parada, escondeu-se no mato e viu o luar pálido brilhar na cabeça dele. Ele passava bem perto, a pistola presa na parte de trás do cinto. E usava o brinco de Antonio. Passaria por ela na pequena clareira onde a águia-marinha estivera pendurada.

Ela recuou mais ainda no mato; talvez pudesse ir por trás dele para pegar a pistola. *Cuidado, limpa o solo afastando folhas e ramos com os pés antes de pisar com todo o peso do corpo. Não faz barulho.*

Um papagaio passou por cima dela chalreando alto, batendo asas para longe, e Hans-Peter se virou para ela, ergueu o fuzil e disparou, o dardo passou de fininho pela sua orelha e ele já estava em cima dela, Cari chutou com força sua coxa, e ele em cima, ela caída de costas no mato, as mãos no peito. Hans-Peter era muito forte, os antebraços pressionando a garganta dela, procurando no bolso outro dardo para enterrar nela com as mãos mesmo. Alguma coisa pendurada nele tocou no rosto dela, e Cari viu que ele usava sua cruz de são Pedro. Hans-Peter usou a outra mão para apalpar o outro bolso, e nesse momento ela deu uma cabeçada nele, e outra, e mais outra. A mão dela encontrou a cruz pendente e pegou a lâmina. Era curta, mas não tanto. Cari a enterrou na carne macia abaixo do queixo dele, e enterrou, e enterrou na mandíbula, e arrastou de um lado ao outro. Subiu até sua boca e cortou as veias por baixo da língua. Hans-Peter se sentou sufocando, levando as mãos ao rosto, tossindo e expelindo sangue. Ela se desvencilhou dele, ele tentou pegar a pistola, mas colocou a mão na garganta outra vez, sangue saindo pelo nariz, caindo pelo peito, escuro ao luar. Vacilando, se curvando, longe dela. Cari arrancou a pistola da parte de trás do cinturão dele e atirou na espinha de Hans-Peter. Ele despencou na árvore onde a águia-marinha tinha sido encontrada. Sentado com as costas na árvore, ele olhava para Cari ao luar. Ela devolvia o olhar. Ficou encarando seus olhos sem piscar até ele morrer, então se aproximou para pegar de volta sua cruz.

* * *

E lá o encontrariam dias depois, as autoridades, alertadas por observadores de pássaros que passavam num barco. Ele foi encontrado recostado na árvore, abutres pousados nos dois ombros, anjos do mal condizentes com sua natureza, cobrindo-o com as asas negras enquanto comiam as partes moles do seu rosto, seus caninos cobertos de prata já agora descobertos e reluzindo ao sol o tempo todo.

Amanhecia. Agitação na estação. Poças pelo chão, os primeiros bandos voando em círculo, os íbis brancos incandescentes aos primeiros raios de sol. Os enormes poleiros sacudindo, cheios de vida.

A luz subia a leste. Cari via a pista elevada de Bird Key, as luzes de alerta acima da estação diminuindo à medida que o sol diminuía as estrelas. A Estação de Aves Marinhas, onde estavam seus livros, sua bolsa com fertilizante Vigoro, sua carteira de estudante da Miami Dade College.

Cari pegou dois galões de plástico com alça, um com a tampa e o outro com um pedaço de plástico preso por uma linha de pescar. Com suas braçadeiras improvisadas, vadeando na baía, sem olhar para trás, Cari nadou em direção à manhã.

Miami Beach, Flórida, 2018

Agradecimentos

Meus agradecimentos à Quaker United Nations Office pelo estudo de campo "The Voices of Girl Child Soldiers", de Yvonne E. Keairns, Ph.D.

O sargento reformado David River, do Escritório de Homicídios da Polícia de Miami-Dade, me admitiu numa série de excelentes seminários sobre investigação de homicídios nos quais lecionava e era responsável pelo currículo.

A Estação de Aves Marinhas de Pelican Harbor reabilita pássaros e outros animais feridos para devolvê-los à vida silvestre. Trata-se de uma instituição humanitária notável que depende de doações e do trabalho voluntário. Aceita visitas.

Acima de tudo, meus agradecimentos a esta cidade — Miami —, saborosa e bela, uma cidade intensamente americana, construída e mantida por gente que veio de outros lugares, não raro a pé.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Cari Mora

Wikipédia do autor:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Harris

Skoob do autor:
https://www.skoob.com.br/autor/287-thomas-harris

Goodreads doautor:
https://www.goodreads.com/author/show/12455.Thomas_Harris


THOMAS HARRIS
O silêncio dos inocentes
Livro que inspirou o filme estrelado por Anthony Hopkins e Jodie Foster

O silêncio dos inocentes

Harris, Thomas
9788501114051
392 páginas

Compre agora e leia

Livro que deu origem ao filme com Anthony Hopkins e Jodie Foster. Cinco mulheres são brutalmente assassinadas em diferentes localidades dos Estados Unidos. Para chegar até o sanguinário assassino, a jovem agente do FBI, Clarice Starling, entrevista o ardiloso psiquiatra Hannibal Lecter, cuja mente psicopata está perigosamente voltada para o crime. Ao seguir as pistas apontadas por Dr. Lecter, Clarice se envolve em uma teia mortífera surpreendente, narrada no texto arrepiante de Thomas Harris. Em 1991, a adaptação para o cinema de O silêncio dos inocentes rendeu ao filme cinco estatuetas do Oscar.

Compre agora e leia


AUTORA DE
O CASAL QUE MORA AO LADO
SHARI LAPENA
UMA
ESTRANHA
EM
CASA
UMA VIDA INTEIRA APAGADA DA MEMÓRIA.
UM PASSADO DO QUAL NÃO SE CONSEGUE FUGIR.

Uma estranha em casa

Lapena, Shari
9788501100290
266 páginas

Compre agora e leia

Suspense da mesma autora de O casal que mora ao lado. Uma vida da qual você não se lembra. Um passado do qual você não consegue escapar. Karen Krupp acorda no hospital, sem ter a menor ideia de como foi parar lá. Tom, seu marido, diz que a porta estava destrancada quando ele entrou em casa, as luzes, acesas, e que a esposa provavelmente saiu às pressas quando estava preparando o jantar. Karen perdeu o controle do carro enquanto dirigia a toda a velocidade e bateu de frente em um poste. O mais estranho: o acidente aconteceu num dos bairros mais perigosos da cidade. A polícia suspeita de que Karen esteja envolvida em algo obscuro, mas Tom tem certeza de que não. Ele está casado com ela há dois anos, conhece muito bem a mulher. Será mesmo? Vai perguntar tudo a Karen quando chegar ao hospital, depois de dizer que a ama e que está feliz por ela ter sobrevivido, é claro. Mas Tom não obtém resposta nenhuma, porque ela não se lembra de absolutamente nada.

Compre agora e leia

ERIC NEPOMUCENO



O MASSACRE

ELDORADO DO CARAJÁS - UMA HISTÓRIA DE IMPUNIDADE

O massacre

Nepomuceno, Eric
9788501118011
168 páginas

Compre agora e leia

Relatos reais da tragédia que parou o Norte do Brasil nos anos 90. O massacre narra os fatos que antecederam uma das mais marcantes matanças da história contemporânea do país. No dia 17 de abril de 1996, ocorreu uma marcha pacífica do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra –, que tinha como objetivo reivindicar a situação trabalhista daqueles presentes e as leis impostas sobre terras já naquela época. A marcha ocorreu no Pará, no município de Eldorado do Carajás, quando ainda no evento a polícia foi chamada. Em uma ação desastrosa – e, ao que parece, deliberada –, os policiais reagiram com truculência desproporcional, matando dezenove trabalhadores e deixando vários outros gravemente feridos.Brilhante e minucioso trabalho de reportagem do jornalista Eric Nepomuceno, aobra compila diferentes episódios, relata os instantes de pânico vividos pelos trabalhadores e suas famílias durante a chacina, e trata também dos momentos posteriores ao ocorrido, como, por exemplo, os seguidos julgamentos cheios de decisões questionáveis, que, até o momento da publicação do livro, não tinham garantido justiça às vítimas.Passados tantos anos, aquele massacre corre o grave risco de ser esquecido. Ainda de acordo com o site do MST, os

responsáveis pelo crime até hoje não foram punidos. A razão deste livro ter sido escrito, diz o autor, é "soprar as brasas da memória para impedir que se tornem cinzas mortas".

Compre agora e leia


CRÔNICAS
SAXÔNICAS
LIVRO 1
O ÚLTIMO
REINO
BERNARD
CORNWELL
AUTOR DAS TRILOGIAS
AS CRÔNICAS DE ARTUR
E A BUSCA DO GRAAL

O último reino - Crônicas saxônicas - vol. 1

Cornwell, Bernard
9788501058577
364 páginas

Compre agora e leia

O ÚLTIMO REINO é o primeiro romance de uma série que contará a história de Alfredo, o Grande, e seus descendentes. Aqui, Cornwell reconstrói a saga do monarca que livrou o território britânico da fúria dos vikings. Pelos olhos do órfão Uthred, que aos 9 anos se tornou escravo dos guerreiros no norte, surge uma história de lealdades divididas, amor relutante e heroísmo desesperado. O ÚLTIMO REINO não se resume a cenas de batalhas bem escritas e reviravoltas cheias de ação e suspense. O livro apresenta os elementos que consagraram Cornwell: história e aventura na dose exata. Uma fábula sobre guerra e heroísmo que encanta do início ao fim.

Compre agora e leia


Olavo de
Carvalho
o mínimo
que você
precisa
saber para
não ser
um idiota

O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota

de Carvalho, Olavo
9788501100597
616 páginas

Compre agora e leia

Escritos entre 1997 e 2013 e publicados em diferentes jornais e revistas do país, os 193 textos aqui selecionados esmiúçam os fatos do cotidiano – as notícias, o que nelas fica subentendido, ou que delas passa omitido – para afinal destrinchar, sem dó, a mentalidade brasileira e sua progressiva inclinação pelo torpor e pela incompreensão. Há tempos a obra jornalística de Olavo de Carvalho merecia uma leitura reunida como esta.

Compre agora e leia